



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

JOÃO MANUEL RIBEIRO DE MATOS

Os Jovens e o Sínodo da Igreja 2023
Comunhão, Participação e Missão

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof^a. Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

Braga
2022



"- Um dia, vi o sol pôr-se quarenta e quatro vezes!

E, pouco depois, acrescentaste:

- Sabes... é bom ver o pôr do sol quando estamos tristes...

- No dia das quarenta e quatro vezes estavas assim tão triste?

Mas o principezinho não me respondeu."

Antoine de Saint-Exupéry, **O Principezinho**

AGRADECIMENTOS

Não há nada que nos prepare convenientemente para a realização de um estágio pedagógico: por muito que tenhamos todas as competências científicas, teológicas e educacionais, será a escola e a turma que encontrarmos que ditarão o desenrolar das aulas, a escolha das estratégias, a elaboração dos recursos, a análise crítica do que fizermos, bem ou mal, e a necessária reformulação para as aulas seguintes.

Ainda assim, importa, acima de tudo, nunca esquecer ao longo de toda a experiência de lecionação, o que é ser aluno. Como diria Gordon Neufeld: “As crianças aprendem melhor quando gostam do professor e quando sabem que ele gosta delas. Para chegar à mente das crianças é preciso chegar-lhes ao coração”.

A primeira vez que eu fiz um estágio pedagógico foi no longínquo ano letivo de 2004/2005. Tivera eu na altura a experiência e o discernimento que tenho agora, e teria sido uma experiência bem mais rica e profunda; valeu-me na altura os colegas que tive, bem como o apoio da orientadora para enfrentar uma turma, também ela de 7.º ano, bastante diferente da que encontrei na EB 2,3 de Nogueira.

As semanas de estágio foram um processo de crescimento contínuo: dos alunos, que, semana após semana, tornavam-se mais próximos e fortaleciam o vínculo com o professor estagiário, eles que nunca tinham passado por este tipo de experiência; mas sobretudo pessoal, pois aprendi a reinventar-me enquanto docente, eu que já leciono há quase 20 anos.

Muita desta aprendizagem se deveu ao apoio inestimável da Dr^a Eugénia Monteiro; percebi com ela que não sei tudo, que há sempre algo mais para aprender, e que é necessária humildade para reconhecer isso.

Mas, acima de tudo, devo a conclusão desta etapa da minha vida à Prof^a. Doutora Isabel Varanda, que nunca me deixou soçobrar, e me fez ver que temos muitas facetas e algumas até podem contradizer-se; vamos descobrindo o nosso estilo de habitar o mundo e de construir à nossa volta, apesar de haver circunstâncias na vida que nos levam à exaustão de viver. Como a própria me disse uma vez: “Não tema...são só montanhas...é preciso continuar a escalada – atravessar. Acredite que nesse caminho não é único. Muita, muita gente, lhe surgirá no caminho.”

Também a todos que de uma ou outra forma contribuíram para este relatório, o meu muito obrigado.

Não sei o que o futuro me reserva relativamente à lecionação da EMRC; contudo, tenho a certeza que Deus providenciará...

RESUMO

O objetivo do Sínodo é envolver todos os católicos. Garantir que os jovens façam parte do processo é essencial. Para muitos jovens, esta experiência pode ser um catalisador de conversão através do testemunho do Povo de Deus.

Os membros da Igreja nem sempre adotam a abordagem de Jesus. A comunicação com crianças, adolescentes e jovens adultos deve ser adaptada ao seu estágio de desenvolvimento e à sua realidade cultural. A participação física nem sempre demonstra envolvimento pleno, e a capacidade intelectual não garante a existência de meios ou experiências compartilhadas entre crianças/adolescentes e adultos.

Os jovens entrarão neste processo com expectativas de responsividade. Aceitar isso, e o facto de que muitos jovens foram solicitados a entrar em processos semelhantes antes, mas testemunharam a falta de resposta da Igreja, é um caminho para entender a divisão intergeracional.

A relação do Sínodo com os jovens deve incluir um processo no qual os jovens possam ajudar a criar transformações a curto e longo prazo, independentemente de acreditarmos que sejam capazes de participar.

Palavras-chave: sínodo, Igreja, jovens, religião, educação.

ABSTRACT

The goal of the Synod is to engage all people. Ensuring that young people are a part of the process is essential. For many young people this experience can be a catalyst of conversion through the witness of the People of God.

The members of the Church not always take the approach of Jesus. The communication with children, adolescents and young adults must be tailored to their developmental stage and their cultural reality. Physical participation not always demonstrates full engagement, and intellectual capability does not guarantee the existence of shared means or experience between children/adolescents and adults.

Young people will come into this process with expectations of responsiveness. Accepting that, and the fact that many young people have been asked to enter similar

processes before, but witnessed a lack of responsiveness from Church, is a pathway to understanding the inter-generational division.

The relationship between the Synod and young people must include a process in which young people can help create short- and long-term transformations, regardless of whether we believe they are capable of participating.

Keywords: synod, Church, youth, religion, education.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – O SÍNODO – DEFINIÇÃO, EVOLUÇÃO HISTÓRICA, E ESTRUTURA E CONTEXTUALIZAÇÃO	
1. Definição e evolução histórica	11
2. Contextualização do Sínodo 2023	13
2.1. <i>Estrutura e fases de implementação</i>	13
2.2. <i>A renovação da Igreja Católica:</i> <i>Comunhão, Participação e Missão</i>	17
3. Síntese de transição	19
CAPÍTULO 2 – OS JOVENS E A SINODALIDADE DA IGREJA	
1. Os jovens e a religião, hoje	21
1.1. <i>Caraterização dos jovens em Portugal</i>	29
1.2. <i>Os jovens e a Igreja Católica</i>	33
2. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, segundo a Exortação Apostólica <i>Christus Vivit</i>	33
2.1. <i>O envolvimento dos jovens na preparação do Sínodo 2021-2023</i>	37
2.2. <i>2023, o ano dos jovens: Sínodo e Jornada Mundial da Juventude</i>	38
3. Síntese de transição	39
CAPÍTULO 3 – O SÍNODO 2023 NUMA DIMENSÃO EDUCATIVA E PASTORAL	
1. Lecionar EMRC em tempo de Sínodo	40
2. A sinodalidade e o diálogo inter-religioso	44
3. A sinodalidade nos conteúdos programáticos da Unidade Letiva 2 – As Religiões – do sétimo ano de escolaridade	52
3.1. <i>Caraterização da turma</i>	52
3.2. <i>Proposta de planificação da Unidade Letiva 2 do sétimo ano e opções metodológicas</i>	53
4. Síntese conclusiva	93
CONCLUSÃO	94

BIBLIOGRAFIA 98

ANEXOS 102

Índice de figuras

Figura 1: Objetos do Judaísmo	64
Figura 2: Logotipo do jogo “Joker do Cristianismo”	68
Figuras 3 e 4: Questões do jogo	69
Figura 5: Exemplo de informação associada à resposta correta	69
Figura 6: Mensagem de parabéns pela conclusão do jogo	70
Figura 7: <i>Wordcloud</i> resultante da utilização do Mentimeter	71
Figura 8: Objetos do Islão	78
Figura 9: Bandeira da Turquia	78
Figura 10: Estatuetas de Vishnu e Ganesha	79
Figura 11: Objetos do Hinduísmo e do Budismo	83
Figura 12: Página inicial da webquest “A Volta ao Mundo das Religiões”	87
Figura 13: Lembranças para os alunos	88
Figura 14: Mensagem assinada pelos alunos	89

INTRODUÇÃO

A Igreja Católica vive uma fase crucial da sua história. Com o objetivo de continuamente compreender e dar vida ao espírito do Vaticano II, enquanto é desafiada pelas rápidas mudanças na sociedade, e confrontada com as notícias sobre abusos sexuais perpetrados por membros do seu clero, ela é convidada a fazer uma introspeção, ou momento de discernimento, que pode levar a um nível mais abrangente de autoentendimento, e de autoapropriação como corpo de Cristo, num processo de sinodalidade. Este foi iniciado e está a ser promovido pelo Papa Francisco que, atento e confrontado com os recentes escândalos da Igreja, almeja guiá-la num caminho comunitário enquanto Povo de Deus, juntamente com toda a família humana.

Os processos que a sinodalidade envolve, embora universais na sua natureza, requerem apropriações locais e contextuais. É por este motivo que compreender a natureza e o propósito da sinodalidade, os diferentes níveis e processos que ela envolve, bem como sondar e apreciar as variações locais e contextuais que o processo sinodal desencadeia, são questões da maior importância. O contributo dos corpos participantes das Igrejas locais é especificamente solicitado, para que uma Igreja sinodal possa verdadeiramente começar a tomar forma; isto significa que cada Igreja local é encorajada a especificar e articular a sua própria jornada em conjunto.

No seu documento preparatório, o Vaticano insiste em que ninguém, independentemente da sua afiliação religiosa, deve ser excluído de partilhar a sua perspectiva e experiências. Isto significa que é feito um chamamento a todos os crentes a apresentar as suas preocupações enquanto membros da Igreja. Este mesmo documento recorda-nos o contexto em que este Sínodo está a ter lugar – uma pandemia, conflitos locais e internacionais, crescente impacto das alterações climáticas, migrações, várias formas de injustiça, racismo, violência, perseguição e desigualdades a crescer em toda a humanidade, para citar apenas alguns; o documento lembra também que, na Igreja, o contexto é também marcado pelo sofrimento experimentado por menores e pessoas vulneráveis por causa de abusos sexuais, de poder e de consciência cometidos por um número notável de clérigos e pessoas consagradas. Por esse motivo, é compreensível que o processo sinodal inclua iniciativas que incorporem o envolvimento e participação ativa dos jovens. As escolas, na figura da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, são terrenos férteis onde a sinodalidade ao nível dos jovens pode ser estruturalmente organizada e sustentada. Num contexto escolar, existe um maior

potencial de elencar preocupações específicas e relevantes acerca das experiências de vida religiosa dos jovens, dentro e para além da liturgia.

Com vista a perceber melhor a relação entre os jovens e o sínodo, procura-se realizar uma análise contendo diferentes etapas: em primeiro lugar, é abordada a natureza e propósito do Sínodo enquanto evento marcante na Igreja. É importante perceber e apreciar o espírito segundo o qual o Papa Francisco convocou um processo de introspeção e autorreflexão que envolve a cooperação e participação ativa de toda a Igreja. Esta abordagem pretende explorar o significado e enquadramento histórico de um sínodo: para melhor identificar a relação entre os jovens e o sínodo, pretende-se clarificar o que a sinodalidade realmente significa, e como a sua utilização e implementação na Igreja evolui e está presente ao longo da história. Outro fator importante na compreensão e apreciação da relação entre os jovens e o sínodo é a interpretação local do processo sinodal. A Igreja é simultaneamente universal e local; por esta razão, de modo a existir um comprometimento significativo e eficaz com este mesmo processo, torna-se necessário compreender a interpretação local do sínodo.

Subsequentemente, procura-se compreender a relação dos jovens com a religião, e mais especificamente com a Igreja Católica. Esta abordagem permite entender melhor o lugar da disciplina de EMRC no envolvimento dos jovens na Igreja no geral, e no processo sinodal em particular.

Por fim, pretende-se explorar o potencial da disciplina de EMRC, no geral, em termos do envolvimento dos jovens no sínodo, e o de uma unidade letiva do sétimo ano de escolaridade em particular – As Religiões – desde uma vertente cultural, comparando as diferentes mundividências na área religiosa, e não partindo apenas de uma vertente de culto.

CAPÍTULO 1 – O SÍNODO – DEFINIÇÃO, EVOLUÇÃO HISTÓRICA E ESTRUTURA E CONTEXTUALIZAÇÃO

“A palavra ‘Sínodo’ (*σύνδοκος*) tem as suas raízes no grego. Composta pela preposição *συν* (com) e o nome *ὁδός* (caminho), refere-se a um caminho feito em conjunto.”¹ Alphonse Borras escreveu: “Etimologicamente, a Igreja é sinodal não apenas no sentido de caminhar, ou de fazer o caminho em conjunto e cada no seu próprio ritmo, a Igreja é sinodal não só no sentido de caminhar, ou de fazer o caminho juntos e cada um no seu próprio ritmo, mas também no sentido de cruzar o mesmo limiar, para habitar juntos, e assim para reunir.”²

1. Definição e evolução histórica

A Igreja Católica esteve, desde os primeiros tempos, associada a uma perspectiva de comunidade de crentes; como podemos ler nos Atos dos Apóstolos, “Os crentes viviam unidos e punham em comum tudo o que possuíam” (Act 2,44). Depois do período pós-apostólico, os cristãos deram-se conta da necessidade de aprofundarem os conteúdos da fé. Neste caminho foi inevitável o aparecimento de divergências no difícil processo de compreensão da verdade revelada, motivada essencialmente por dois fatores: a riqueza da mensagem cristã permitia que pudessem ser exaltados alguns elementos em detrimento de outros, e o influxo da cultura do tempo levou os cristãos a servirem-se de categorias e princípios filosóficos anteriores para dizerem as verdades da fé. Uma das primeiras questões levantadas foi a da admissão de convertidos à fé cristã: conforme é relatado no capítulo 15 do livro dos Atos, surgiu a dúvida sobre se os convertidos deveriam ou não ser circuncidados, segundo a Lei de Moisés. Após terem-se reunido em Jerusalém com a comunidade de crentes para estudar o assunto, Paulo e Barnabé pronunciaram-se a esse respeito, dando indicações para que a circuncisão fosse dispensada, bastando aos convertidos absterem-se do consumo das carnes de animais oferecidos aos ídolos, de animais estrangulados, do seu sangue, e evitando a imoralidade (Act 15,20). Essa reunião ficou conhecida desde então por “Concílio de

¹ Kasper, Walter. *Pope Francis' Revolution of Tenderness and Love: Theological and Pastoral Perspectives* (Nova Iorque: Paulist Press, 2015), 49.

² Borras, Alphonse. “Ecclesial synodality, participatory processes, and decision-making procedures: A Canonist’s point of view” in Faggioli, Massimo. *For a Missionary Reform of the Church: The Civiltà Cattolica Seminar* (Mahwah, NJ: Paulist Press, 2017), 221.

Jerusalém”, e serviu de modelo às subseqüentes reuniões de bispos, nas quais eram tomadas decisões para o benefício da Igreja. “Biblicamente, o Concílio de Jerusalém (Act 15) é o ‘modelo primordial e fundamental’ do sínodo. Lá, a Igreja primitiva lutou contra o influxo de gentios e os ditames da lei. Os apóstolos e anciãos reuniram-se para considerar, discutir e debater assuntos. Depois de consultarem-se uns aos outros e ao Espírito Santo, um consenso foi alcançado. Pedro presidiu a assembleia, Tiago presidiu a Igreja local; outros, como Paulo e Barnabé, participaram. Aqui estava uma demonstração de reciprocidade de carismas, uma mútua interdependência entre o sacerdócio ministerial e o sacerdócio real dos batizados, que produziu uma solução para o Povo de Deus.”³

Num tempo em que a reflexão doutrinal ainda não se tinha desenvolvido, estas diferenças podiam facilmente desaguar em desvios, que adulteravam a própria boa-nova. Surgiram assim os movimentos heréticos no seio do Cristianismo primitivo. Digase, contudo, que graças à inteligência especulativa e à profunda sensibilidade espiritual de alguns escritores prevaleceu uma elaboração teológica capaz de ir superando a desarmonia e de edificar o *depositum fidei*, purificando a heterodoxia e marginalizando a heresia. A esta elaboração presidiu como primeiro critério a unidade da Igreja, colocando Cristo no centro deste *depositum*.

Este foi o ponto de partida para o aparecimento dos sínodos e dos concílios, diferindo estes no facto de um concílio ser uma assembleia legalmente convocada de dignitários eclesiásticos e especialistas em teologia com o objetivo de discutir e regular assuntos de doutrina e disciplina da Igreja, enquanto um sínodo é normalmente realizado localmente, em várias regiões do mundo, para lidar com questões disciplinares locais. O atual Código de Direito Canónico detalha o propósito desse pequeno grupo de bispos que se reúne para discutir vários tópicos.

A palavra “sínodo” tem raízes profundas na tradição da Igreja. É uma palavra grega de duas partes que significa “com” e “caminho”. Colocando as duas juntas, o significado de caminhar juntos ao longo do caminho é transmitido. Jesus muitas vezes ensinava os Seus discípulos enquanto andavam pelo caminho (conforme ilustrado no caminho para Emaús). Este conceito estava tão arraigado nos primeiros cristãos, que ficaram conhecidos como “seguidores do Caminho”. O Sínodo dos Bispos é o ponto dinâmico de convergência que exige a escuta mútua do Espírito Santo em todos os níveis da vida da Igreja. A articulação das diferentes fases do processo sinodal ajudará a tornar possível uma verdadeira escuta do Povo de Deus para assegurar a participação de

³ Pierre, Christophe. "Synodality and Pope Francis: The Church that Walks Together." *The Jurist: Studies in Church Law and Ministry* 77, no. 1 (2021): 3-23.

todos no processo sinodal. O Sínodo, portanto, não é apenas um evento, mas também um processo que envolve em sinergia o Povo de Deus, o Colégio Episcopal e o Bispo de Roma, cada um de acordo com sua própria função.

2. Contextualização do Sínodo 2023

Desde o início de seu pontificado, o Papa Francisco articulou uma visão da Igreja no terceiro milênio. Ele está convencido de que esta é a Igreja sinodal: aquela na qual tanto o bispo de Roma quanto o povo de Deus estão juntos numa importante jornada. Na primeira noite do seu papado, o Papa Francisco pediu à multidão reunida que orasse com ele e por ele antes de lhes dar a bênção papal. Em silêncio, curvou a cabeça para receber a oração e as bênçãos do povo de Deus. Aquele gesto humilde do novo papa assinalou uma grande mudança. Depois disso, em vários contextos e em múltiplas ocasiões, o Papa Francisco mencionou que a sinodalidade é “uma dimensão essencial da Igreja” e a igreja sinodal é o que “Deus espera da Igreja do terceiro milênio”⁴. Assim, indubitavelmente, a sinodalidade foi sempre uma característica importante no pensamento do Papa Francisco.

2.1. *Estrutura e fases de implementação*

O sínodo dos Bispos é, então, uma assembleia episcopal com representantes de diversas localizações geográficas, reunidos em momentos previamente estabelecidos para fomentar o vínculo entre eles e o Sumo Pontífice, enquanto o auxiliam na tomada de decisões, com vista a preservar e consolidar a incolumidade e o incremento da fé e dos costumes, a observância da disciplina eclesiástica, e bem assim ponderar as questões atinentes à ação da Igreja no mundo. Para além disso, “compete ao Sínodo dos Bispos discutir acerca dos assuntos a tratar e expressar os seus desejos; não porém dirimi-los ou fazer decretos acerca dos mesmos, a não ser que, em certos casos, lhe tenha sido dado poder deliberativo pelo Romano Pontífice, a quem neste caso pertence ratificar as decisões sinodais.”⁵ Deste modo, os bispos podem reunir-se “para tratar de assuntos diretamente respeitantes ao bem da Igreja universal, ou ainda em assembleia

⁴ Francisco, “Comemoração do Cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos”, 17 de outubro de 2015, acessado a 30 de outubro de 2022, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html

⁵ Código do Direito Canônico, Cân. 343.

especial, para se ocupar de assuntos diretamente concernentes a uma ou mais regiões determinadas.”⁶ Assim, o sínodo reúne-se em diferentes tipos de Assembleia: Assembleia Geral Ordinária, para assuntos relativos ao bem da Igreja universal; Assembleia Geral Extraordinária, para assuntos de consideração urgente; Assembleia Especial, para assuntos que envolvam principalmente uma ou mais regiões geográficas específicas. Em cada um destes casos, os bispos discutem assuntos específicos e fazem sugestões sobre como a Igreja Católica poderá abordar diversos problemas; contudo, o que é habitualmente emanado de um sínodo são novas abordagens, e não leis vinculativas.

A 18 de setembro de 2021, dirigindo-se aos fiéis da Diocese de Roma, o Papa Francisco descreveu o Sínodo 2023 como uma jornada na qual toda a Igreja está comprometida, uma vez que a sinodalidade expressa a natureza da Igreja, a sua forma, o seu estilo, a sua missão; é o projeto de Igreja contido nos Atos dos Apóstolos, que mostra a comunidade cristã primitiva que caminhava junta.

O logotipo do Sínodo resume as dimensões inter-relacionadas de um processo significativo: uma árvore grande e majestosa, cheia de sabedoria e luz, alcança o céu. Sinal de profunda vitalidade e esperança que exprime a cruz de Cristo. Ele carrega a Eucaristia, que brilha como o sol. Os ramos horizontais, abertos como mãos ou asas, sugerem, ao mesmo tempo, o Espírito Santo. O povo de Deus não é estático: está em movimento, em referência direta à etimologia da palavra sínodo, que significa “caminhar junto”. As pessoas estão unidas pela mesma dinâmica comum que esta Árvore da Vida lhes inspira, a partir da qual iniciam a sua caminhada. Essas quinze silhuetas resumem toda a humanidade em sua diversidade de situações de vida, de gerações e origens. Este aspeto é reforçado pela multiplicidade de cores vivas que são elas próprios sinais de alegria. Não há hierarquia entre essas pessoas que estão todas em pé de igualdade: jovens, velhos, homens, mulheres, adolescentes, crianças, leigos, religiosos, pais, casais, solteiros, saudáveis, deficientes; o bispo e a freira não estão na frente deles, mas entre eles.

É, assim, enquanto Assembleia Geral Ordinária, que surge o Sínodo 2023. Tal como em sínodos anteriores, a XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que irá decorrer em outubro de 2023, será uma das etapas deste caminho, intitulado “Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”; a primeira etapa teve já início nos dias 9 e 10 de outubro de 2021, em Roma, e a 17 de outubro seguinte, em cada uma das Igrejas particulares. Depois da Assembleia Geral Ordinária haverá uma

⁶ Código do Direito Canónico, Cân. 345.

fase de execução, que contará novamente com a participação das Igrejas particulares.⁷ Podemos, então, considerar que o Sínodo 2023 é um conseqüente lógico do movimento de renovação iniciado com o Concílio Vaticano II, reiterado na Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, de 10 de novembro de 1994: “os Sínodos constituem, já de per si, parte da nova evangelização: nascem da visão do Concílio Vaticano II sobre a Igreja; abrem um amplo espaço à participação dos leigos, de quem definem a específica responsabilidade na Igreja; são expressão da força que Cristo deu a todo o Povo de Deus, fazendo-o participante da sua própria missão messiânica — missão profética, sacerdotal e real”⁸.

Assim, e de acordo com o organigrama próprio, as fases de implementação do Sínodo 2023 são as seguintes:

- 7 de setembro de 2021 – publicação do Documento Preparatório e do *Vademecum* – são duas ferramentas desenvolvidas pelo Secretariado-Geral do Sínodo dos Bispos para a primeira fase do itinerário sinodal, sendo que o objetivo do documento preparatório é contribuir para colocar em movimento as ideias, as energias e a criatividade de todos aqueles que participarem no itinerário e facilitar a partilha dos frutos do seu compromisso, enquanto o segundo documento foi concebido como um "manual" que oferece "apoio prático" aos diocesanos, incluindo orações online, exemplos de Sínodos e um glossário de termos para o processo sinodal;
- 9/10 e 17 de outubro de 2021 a agosto de 2022 – celebração de abertura do Sínodo 2023, primeiro em Roma, e depois nas Igrejas particulares, marcando o início da fase sinodal diocesana, durante a qual ocorreu a primeira auscultação e consulta do Povo de Deus nas Igrejas locais, cuja conclusão estava inicialmente prevista para abril de 2022, mas que foi, entretanto, prolongada até 15 de agosto de 2022. Pela primeira vez, na história dos sínodos, o Sumo Pontífice não limitou o caminho à assembleia dos bispos, mas esta foi precedida por uma consulta prévia aos diversos órgãos da Igreja universal. Esta fase teve como objetivo que a consulta fosse verdadeira, que fosse o mais ampla possível, e que fosse prática, enraizada na vida, na experiência de Cristo;
- Agosto de 2022 – apresentação das sínteses das consultas das Conferências Episcopais, das Igrejas Orientais Católicas e de outros organismos eclesiais. Até ao final do mês de agosto chegaram ao Vaticano as sínteses nacionais, após um processo alargado de escuta e discernimento nas dioceses de todo o mundo; essa foi a etapa diocesana. Em Portugal, as sínteses resultantes do trabalho efetuado em

⁷ Francisco, Constituição Apostólica *Episcopalis communio* (Vaticano, 15 de setembro de 2018).

⁸ João Paulo II, Constituição Apostólica *Tertio Millennio Adveniente* (Vaticano, 10 de novembro de 1994).

cada diocese foram enviadas à Conferência Episcopal Portuguesa que, com as informações recolhidas, redigiu o Relatório de Portugal;

- Outubro de 2022 – início da etapa continental, que percorrerá o período 2022-2023 e deverá levar a um aprofundamento do processo de discernimento iniciado na etapa diocesana. Esta fase continental foi marcada pela apresentação de um primeiro documento de trabalho, o *Instrumentum Laboris I*, elaborado durante o mês de setembro e início de outubro, e publicado no dia 27 de outubro de 2022 pelo Vaticano, que procurou fazer uma reflexão a partir das sínteses de todas as Conferências Episcopais da Igreja Universal, bem como das Igrejas Orientais, e grupos como Institutos Religiosos, movimentos de leigos e tantas outras realidades eclesiais. Esse documento será remetido aos bispos diocesanos, para nova recolha de contributos a nível mundial;

- Janeiro a março de 2023 – o *Instrumentum Laboris I*, redigido anteriormente, servirá como documento orientador para sete assembleias continentais: Europa, América Latina e Caribe, África e Madagáscar, Ásia, Oceânia, América do Norte, e Médio Oriente (que dará especial atenção aos contributos das Igrejas Católicas Orientais). Estas assembleias serão encontros eclesiais (e não apenas episcopais), assumindo o fortalecimento de vínculos entre igrejas vizinhas, numa perspetiva inclusiva também de realidade que possam ter ficado à margem na primeira fase. Assim, haverá uma nova recolha de contributos a nível mundial, que deverá levar a um aprofundamento do processo de discernimento iniciado na etapa diocesana;

- Março de 2023 – das sete assembleias continentais surgirão sete novos documentos, com os resultados do trabalho desenvolvido em cada uma dessas mesmas assembleias, que terão avaliado se e em que medida o documento recebido (*Instrumentum Laboris I*) correspondeu à vida e às expectativas das Igrejas do seu continente;

- Junho de 2023 – com base numa reflexão sobre os Documentos Finais das Assembleias Continentais, até junho de 2023 será redigido o *Instrumentum Laboris II*, que orientará o primeiro encontro mundial no Vaticano;

- Outubro de 2023/outubro de 2024 - o Papa anunciou, a 16 de outubro de 2022, que o processo sinodal iniciado em 2021 iria ser prolongado em mais um ano, com uma dupla sessão conclusiva, em 2023 e 2024. À semelhança de outros sínodos, no final da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, a secretaria do Sínodo dos Bispos publicará o texto do Documento Final que, por vezes, é complementar ao *Instrumentum Laboris* do Sínodo, bem como as votações do mesmo documento. A

cumprirem-se os procedimentos habituais, o texto será aprovado, e depois será entregue nas mãos do Papa, que então autorizará a sua publicação.

2.2. *A renovação da Igreja Católica: Comunhão, Participação e Missão*

Na sessão de abertura do processo sinodal 2021-2023, o Papa Francisco apresentou três palavras-chave para o Sínodo: comunhão, participação e missão. Segundo o Sumo Pontífice, comunhão e missão descrevem o mistério da Igreja. A comunhão expressa a própria natureza da Igreja, de acordo com o Concílio Vaticano II. Segundo São Paulo VI, a comunhão traduz-se na coesão e plenitude interior, na graça, verdade e colaboração, enquanto a missão significa o empenho apostólico no mundo de hoje; também São João Paulo II salientou que a *koinonia* dá origem à missão da Igreja de servir como sinal da íntima união da família humana com Deus. Por isso, disse o Papa Francisco, os Sínodos devem ser bem preparados, especialmente a nível local, com a participação de todos.

Por sua graciosa vontade, Deus reúne diversos povos de uma só fé, por meio da aliança que Ele oferece ao seu povo. A comunhão compartilhada encontra as suas raízes mais profundas no amor e na unidade da Trindade. É Cristo quem nos reconcilia com o Pai e nos une uns aos outros no Espírito Santo. Os cristãos são inspirados pela escuta da Palavra de Deus, através da Tradição viva da Igreja, e fundamentados no *sensus fidei* que compartilham. Todos têm um papel a desempenhar em discernir e viver o chamamento de Deus ao seu povo. A comunhão é sobre partilha comum, companheirismo. Para um cristão, tem um significado muito mais poderoso: a coragem de “partir o pão”, reconhecer Jesus no partir do pão e compartilhá-lo com os outros. O Sacramento da Eucaristia. Os dois discípulos com quem Jesus caminha, no caminho de Emaús, só podem reconhecê-lo no “partir do pão”. Uma vez que o pão é partido, ele precisa ser compartilhado. Na Última Ceia, Jesus também dá a comunhão a Judas – que Ele sabe que está prestes a traí-lo. A comunhão é a graça de transcender a nossa estreiteza, intolerância, egoísmo, exclusividade – para alcançar os outros, particularmente os perdidos, os menores e os últimos. É a abertura para perceber que todos são meus irmãos e irmãs. Este é um Sínodo para todo o povo de Deus – sem excluir ninguém!

A participação é um apelo ao envolvimento de todos os que pertencem ao Povo de Deus – leigos, consagrados e ordenados – para se empenharem no exercício da escuta profunda e respeitosa uns dos outros. Essa escuta cria espaço para ouvirmos juntos o Espírito Santo e orienta as nossas aspirações para a Igreja do Terceiro Milénio.

A participação baseia-se no facto de que todos os fiéis são qualificados, e são chamados a servir uns aos outros por meio dos dons que cada um recebeu do Espírito Santo. Numa Igreja sinodal, toda a comunidade, na livre e rica diversidade dos seus membros, é chamada a rezar, ouvir, analisar, dialogar, discernir e aconselhar sobre a tomada de decisões pastorais que correspondam tanto quanto possível à vontade de Deus. Esforços genuínos devem ser feitos para garantir a inclusão daqueles que estão à margem ou que se sentem excluídos. Participar é perceber que se é uma peça indispensável de um quebra-cabeças; a imagem nunca está completa sem todas as peças. Desde o momento em que Jesus abre o rolo na sinagoga e lê o profeta Isaías, ele deixa bem claro qual é a sua missão e nos convida a participar dela. Não tem sido fácil fazê-lo. A Igreja é muito clerical e patriarcal. O Sínodo, como o Vaticano II, é considerado uma abordagem de baixo para cima. Isso ficará relegado a meras palavras se os que estão dentro (especialmente os Bispos e os sacerdotes) não tiverem a audácia de ousar e abrir as janelas e as portas que trancaram por dentro! A verdadeira participação ocorre apenas quando outros têm a oportunidade de entrar.

Quanto à missão, a Igreja existe para evangelizar. Nunca podemos estar centrados em nós mesmos. A nossa missão é testemunhar o amor de Deus no meio de toda a família humana. Este processo sinodal tem uma profunda dimensão missionária. Destina-se a capacitar a Igreja a melhor testemunhar o Evangelho, especialmente com aqueles que vivem nas periferias espirituais, sociais, económicas, políticas, geográficas e existenciais de nosso mundo. Desta forma, a sinodalidade é um caminho pelo qual a Igreja pode cumprir com mais fecundidade a sua missão de evangelização no mundo, como fermento ao serviço da vinda do Reino de Deus. Missão é saída, e também é envio. É uma jornada que todos somos chamados a empreender. Sair de nós mesmos: os nossos compostos da Igreja, rituais e ritos, as nossas atitudes divisivas e discriminatórias, a nossa arrogância e agressividade, o nosso ódio e violência. Somos chamados a sair: construir pontes em vez de muros, curar e não ferir, amar e não odiar! Missão é caminhar juntos por uma casa comum na qual a justiça, a liberdade, a igualdade, a fraternidade, o amor, a alegria e a paz sejam direitos de todos! A jornada terá dificuldades – mas é preciso continuar caminhando – até que a nossa peregrinação aqui na terra termine!

3. Síntese de transição

A Igreja de Deus é convocada no Sínodo. Com esta convocação, o Papa Francisco convida toda a Igreja a questionar-se sobre a sinodalidade: um tema decisivo para a vida e a missão da Igreja. O tema é “Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”. Este Sínodo, com o seu tema impactante, é uma oportunidade cheia de graça para o povo de Deus passar por uma experiência de conversão, e caminhar com Jesus por um mundo mais justo, inclusivo, fraterno, livre, equitativo e pacífico. Comunhão, participação e missão são as palavras de ordem não apenas como retórica vazia, mas para serem atualizadas em todas as facetas de nossas vidas diárias.

O Sínodo é, portanto, um momento oportuno para que cada família se reúna na partilha e no cuidado. O processo sinodal exige um papel reforçado dos leigos (o logotipo o retrata) e particularmente do lugar das mulheres na Igreja. A sinodalidade pressupõe um discipulado de iguais que falta muito na igreja androcêntrica, patriarcal e hierárquica. Em 3 de maio de 2021, o cardeal Joseph Tobin, de Newark, EUA, fez um excelente “Discurso de causa comum do cardeal Bernardin” na Loyola University de Chicago. Falando do próximo Sínodo, ele disse: “uma coisa que a sinodalidade e um mundo virado de cabeça para baixo têm em comum é que ambos nos proporcionam o que Dietrich Bonhoeffer chamou de ‘a visão de baixo’”.

CAPÍTULO 2 – OS JOVENS E A SINODALIDADE DA IGREJA

A Igreja iniciou um “Sínodo sobre a Sinodalidade”, um processo de dois anos projetado para envolver a Igreja global, da paróquia à diocese, e desta à Santa Sé. A sinodalidade expressa a própria natureza da Igreja, que é a escuta recíproca.

Jesus disse que Ele não era apenas a Verdade, mas também “o Caminho”, e os primeiros cristãos eram conhecidos como “seguidores do Caminho”. A sinodalidade expressa que o "caminho" da Igreja, voltando aos apóstolos, é caminhar juntos, escutar Deus uns nos outros e incluir qualquer um que possa estar separado do grupo.

Os jovens sentem-se excluídos; pelo menos, é o que muitos deles expressam nas escolas, na catequese, nos diversos movimentos a que pertencem. Embora alguns jovens afirmem que se sentem vistos e ouvidos, referem que não recebem o mesmo apoio que as crianças ou os adultos por parte dos líderes da Igreja e da comunidade em geral. O seu desejo por um lugar à mesa da comunidade muitas vezes não acontece, devido ao que outros veem como pouca idade ou falta de experiência.

A simplicidade dos nossos jovens encerra em si um belo dom para a Igreja, uma abertura ao Espírito Santo. Na verdade, eles estão à frente de nós, "especialistas" em praticar o caminho da escuta mútua, e podemos aprender com eles se deixarmos de lado o nosso nervosismo e tendência em subestimá-los.

Gastamos muito mais tempo a apresentar argumentos aos jovens do que a criar espaços para eles compartilharem como Deus se movimenta no meio neles. A sinodalidade afirma que é o Espírito Santo que protege a verdade, libertando-nos para passar mais tempo a praticar o caminho de Deus no modo como nos envolvemos uns com os outros.

Os jovens expressam a sua sensibilidade para com aqueles que se sentem deixados para trás pela Igreja. Eles pedem um espaço na Igreja para caminhar com os que não foram incluídos, e lutam para entender por que ainda não existe esse espaço. Talvez Jesus também lute com eles, e nos tenha conduzido a esta nova oportunidade de ouvir e incluir.

Os nossos jovens têm um sentido inato de que a Igreja deve ser um lugar de encontro, e não de exclusão. Como o Espírito Santo nos conduz durante este sínodo para nos tornarmos uma Igreja que escuta, talvez possamos nos juntar a eles para ouvi-los.

1. Os jovens e a religião, hoje

Numa sociedade marcada por uma crescente secularização, com uma perda de credibilidade e influência por parte das instituições eclesiais, parece haver uma ideia generalizada de que os jovens estão cada vez menos ligados à religião. A secularização é fruto do processo de modernização e seus subprocessos, e traduz-se em alterações a nível de relevância social da religião, com consequências para as tradições e instituições religiosas. Atualmente, podemos falar em três dimensões analíticas na secularização – macrossociológica, mesossociológica e microssociológica, sendo que a primeira se encontra representada por uma teoria de diferenciação funcional, num processo segundo o qual o Estado e a política reduzem sistemas religiosos tradicionais a um subsistema social, com perda de proeminência e relevância. Podemos também falar de uma teoria do mercado religioso, semelhante a outras teorias comerciais, ao corresponder a um mercado de consumidores reais e potenciais, firmas que os desejam servir, e linhas de bens religiosos fornecidos. Deste modo, a mobilização religiosa não ocorre segundo uma perspetiva macrossociológica, mas através de esforços dos provedores religiosos, ao nível institucional, resultando numa mobilização da religião a um nível mesossociológico⁹ ou organizacional.¹⁰ Quanto a uma dimensão microssociológica, típica das teorias da individualização, permite uma análise dos interesses, necessidades e desejos dos indivíduos, com base numa constância da religião.

Esta secularização tem sido crescente, fenómeno que é mais evidente na Europa, comparativamente com os EUA. Percebe-se, assim, que a modernidade não é o único fator de influência no processo de secularização; diferentes graus de secularização relacionam-se com contextos distintos a nível cultural, político e social. Para isso contribuem diferentes tipos de organização religiosa, bem como diferentes formas de encarar a relação entre religião e modernidade, que no caso da Europa parece ser conflituosa, com a modernidade a necessitar que a religião “saia de cena”. Também diferentes contextos a nível de movimentos migratórios, com a Europa a ser principalmente um ponto de saída e os EUA um ponto de chegada, faz com que, neste último, a integração dos imigrantes passe por fenómenos de filiação religiosa.¹¹ Vive-se numa modernidade claramente líquida que, como referia Baumann, se caracteriza por

⁹ Karel Dobbelaere, *Secularization: An Analysis at Three Levels* (Col. Gods, Humans and Religions, nº 1, Bruxelas: PIE - Peter Lang, 2002), 13 e 165.

¹⁰ Mark Chaves, «Secularization as Declining Religious», *Social Forces* 72, nº 3 (1994): 766-767.

¹¹ Peter Berger, Grace Davie e Effie Fokas, *Religious America, Secular Europe?: A Theme and Variations* (1st ed.) (Londres: Routledge, 2008).

uma época cujas relações sociais, económicas e de produção são frágeis, fugazes e flexíveis.¹² Tal facto, gera, em termos sociais, uma certa apatia da comunidade, um maior individualismo por parte dos seus membros, atitudes relativistas em relação ao que os rodeia e uma rebeldia consumista que vem como que compensar a velocidade a que tudo acontece. Nesta onda relativista, a dimensão religiosa passou a ser uma entre várias outras, perdendo os privilégios de ser a única dadora de sentido a quem as comunidades se reviam e reconheciam legitimidade.¹³ Naturalmente, os jovens vivem no seu contexto e todos estes aspetos influenciam e determinam as suas vidas. Contudo, segundo Charles Taylor, ao arriscar estabelecer uma relação entre religião e secularização num determinado período, designando-o de acordo com uma dimensão particular, tende-se a sobrevalorizar essa mesma dimensão, tornando-a singular, o que distorce o nosso entendimento acerca dessa dimensão singular, quando no fundo ela coexiste com outros modos de vida, embora com menor expressão.¹⁴ Assim, podemos considerar que as certezas se tornaram questionáveis e relativas no contexto da modernidade líquida.

Neste estudo procura-se questionar que relação têm os jovens com a dimensão religiosa. Terá sido ela banida das suas vidas? Ocupará um lugar central ou é relegada para segundos e terceiros planos?

Parece que, quanto mais correta e verdadeira for a perceção do *lugar-social* onde se inserem os jovens, melhor será a compreensão da relação de consonância, fraturante ou simplesmente distante entre os jovens e a religião.

David Kinnaman, no livro intitulado *You Lost Me*, propôs-se estudar as preocupações, esperanças, desilusões e deceções dos jovens que deixaram a Igreja e, em alguns casos, a fé.¹⁵

Como se pode seguir Jesus - e ajudar os jovens a seguir Jesus na fé - no meio de uma dramática mudança cultural? Esta é a pergunta-chave que o autor coloca no seu trabalho e, para a qual, não apresenta conclusões, mas novas perguntas. Entende, também, que é necessário e fulcral para a nova geração uma educação que se enquadre em determinados parâmetros para que os jovens possam seguir adiante abraçando a fé.

¹² Zigmunt Baumann, *A modernidade líquida* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001), 7.

¹³ Eduardo Duque e José Durán Vázquez, «Quanto interessa a religião católica aos jovens? Um estudo a partir do caso português», *Revista Cultura & Religión* 14, nº 2 (2020): 17-35.

¹⁴ Charles Taylor, *A Secular Age* (Cambridge: Belknap Press, 2018).

¹⁵ David Kinamann e Aly Hawkins, *You Lost Me: Why young Christians are leaving Church... and rethinking faith* (Michigan: BakerBooks, 2011).

Ao analisar as causas do afastamento dos jovens das Igrejas, Kinnaman admite que esperava encontrar uma ou duas razões principais, mas descobriu uma grande variedade de frustrações que levam os jovens a esse abandono.

Alguns jovens veem a Igreja como não-criativa, superprotetora e sufocante. Outros cansam-se de ensinamentos superficiais e da repetição de lugares-comuns. Os mais intelectuais supõem uma incompatibilidade entre fé e ciência. Tem-se, também, a percepção de que a Igreja impõe regras repressivas quanto à moralidade sexual. Além disso, as tendências atuais a enfatizar a tolerância e a aceitação de outras opiniões e valores colidem com a afirmação de que o Cristianismo possui verdades universais. Outros jovens dizem que Igreja não permite que expressem as suas dúvidas, e que as eventuais respostas a essas dúvidas não são convincentes.

Mais recentemente, a forma como a Igreja lidou com o COVID-19 levou a extremismos, fazendo com que alguns fiéis considerassem a pandemia como um castigo divino ou uma tática de Satanás, ou afirmando que quem comunga está a aproximar-se de Deus, que tem o poder de curar, do mesmo modo que quem não tem fé tem maior probabilidade de contrair o vírus.¹⁶ Para além disso, os templos fechados ou com reduzidíssimo número de participantes nas celebrações levou a repensar a forma como a Igreja transmite o Evangelho de Cristo, enveredando pelo mundo do digital, com missas transmitidas pela internet, sessões de catequese através do Zoom, Meet e Teams, entre outras.¹⁷

Mironova *et al* defendem que os jovens envolvidos em organizações religiosas ou de culto têm um clima familiar instável, manifestado em tensões entre os membros da família, que têm um alto nível de ansiedade geral; por outro lado, esses jovens são membros de comunidades religiosas da Internet, participando de formações religiosas online ou webinars, estando familiarizados com a publicidade online associada ao culto. Um jovem, que seja membro de uma organização religiosa ou de culto muitas vezes tem uma baixa autoestima e tende ao comportamento dependente, e é facilmente manipulado de fora.¹⁸

¹⁶ Elias Wolff, «Igreja Católica e Fé Cristã em Tempos de Coronavírus/Covid-19», *Estudos Teológicos* 60, nº 2: 630.

¹⁷ Wolff, «Igreja Católica e Fé Cristã em Tempos de Coronavírus/Covid-19», 632.

¹⁸ Oksana Mironova *et al*, «Social and psychological factors of youth involvement in religious and cult organizations through the Internet», 1st International Scientific Practical Conference “The Individual and Society in the Modern Geopolitical Environment” (ISMGE 2019). Atlantis Press, 2019, 481-487.

Já Sabaté Gauxachs *et al* referem o aparecimento de um novo tipo de catolicismo praticado pela geração Z, como catolicismo deslocalizado em áreas de tradição não-católica.¹⁹

Kinnaman também percebeu que, em muitos casos, as Igrejas não conseguem formar os jovens com suficiente profundidade. Uma fé superficial deixa adolescentes e jovens adultos com uma lista de crenças vagas e uma desconexão entre a fé e a vida diária. Como resultado, muitos jovens consideram o Cristianismo enfadonho e irrelevante.

Zigmunt Baumann, na obra *Modernidade Líquida*, apresenta uma análise da sociedade e das culturas de hoje recorrendo à metáfora da fluidez e dos líquidos.²⁰ Para Baumann a sociedade é como “os fluidos, pois estes diferentemente dos sólidos, não mantêm a sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou tornam-no irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas ‘por um momento’”.

Neste sentido, ser moderno passou a significar, como significa atualmente, ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado. O ser humano contemporâneo adapta-se a cada situação como o camaleão para salvar a sua vida, mas não cria relação e estabilidade, não é sólido, na metáfora de Baumann.

Na tentativa de manter o vínculo com a assembleia de fiéis, a Igreja mergulhou no mundo digital; apesar de a relação entre os crentes ser, nestes casos, uma relação virtual, líquida, e, segundo Baumann, frágil, torna, por outro lado, o corpo físico do crente no templo sagrado, e centro do mundo no momento da celebração.²¹

Existe uma superioridade incondicional do sedentarismo sobre o nomadismo. Denota-se, das convulsões sociais, uma vontade *emancipatória* sobre a história e sobre as gerações anteriores, nas quais o pensamento crítico-constructivo, os valores, a liberdade e a estabilidade faziam parte da estrutura da sociedade.

O primado da vontade do *indivíduo* sobre o bem comum revela o forte antropocentrismo que caracteriza a modernidade. As estruturas organizadas não apelam

¹⁹ Alba Sabaté Gauxachs *et al*, «Mapping Global Youth and Religion. Big Data As Lens to Envision a Sustainable Development Future», *Tripodos* 48 (2020): 33-52.

²⁰ Baumann, *A modernidade líquida*, 7.

²¹ Christovam Reis dos Santos Filho e Otávio José Lemos Costa, «Distanciamento social na perspectiva do sagrado: Coronavírus e as novas práticas espaciais», *Geografia* 45, nº 1 (2020): 150.

aos valores do bem-comum, mas ao bem de cada indivíduo e, em muitos casos, em detrimento do bem do outro. Também no campo espiritual torna-se explícito o individualismo, um “individualismo subjetivo, referente a um conteúdo eminentemente prático-utilitário, em que se procura individual e cognitivamente o que funciona, sem olhar aos meios para se alcançar os fins”²².

A *cultura de massas*, para Baumann, é: “uma lesão cerebral coletiva causada pela ‘indústria cultural’ que planta uma sede de entretenimento e diversão no lugar que deveria ser ocupado pela doçura, pela luz e pela paixão de fazer com que estas triunfem”²³. O que emerge no lugar das normas sociais evanescentes é o ego nu, atemorizado e agressivo à procura de amor e de ajuda e, para isso, muito tem contribuído o poder das redes sociais.²⁴

Usar uma máscara é a essência da civilidade. As máscaras permitem a sociabilidade pura, distante das circunstâncias do poder, do mal-estar e dos sentimentos privados dos jovens que as usam. No entanto, pode fazer surtir o efeito contrário, fazendo com que os jovens nunca cheguem a reconhecer-se naquilo que eles são na realidade, impedindo as relações verdadeiras que farão com que o jovem se possa inserir na sociedade sem medo de julgamentos. No setor juvenil, assiste-se a uma incapacidade de olhar para o futuro; os jovens não têm perspetivas e, por isso, nem sempre têm alegria de viver. Vive-se, em muitos casos, uma apatia generalizada. Algumas das razões que levam a esta apatia e incapacidade passam pela vulgaridade e empobrecimento estético, passam por colocar a fasquia mais abaixo e por se infantilizar todo o processo vital.

Vive-se hoje numa *complexa* e acelerada cultura, num mundo *saturado pela tecnologia* digital. A nossa cultura está a mudar rapidamente, gerando muita perplexidade nos jovens: as redes sociais, os *media*, mantêm-nos ligados superficialmente e assoberbados por dados, opiniões, e *informação nem sempre verdadeira*.

O grupo *Barna*, tendo por base a metáfora da deportação dos antigos judeus de Jerusalém para a Babilónia, chama à cultura atual a *digital Babylon*, que se traduz numa sociedade plural, acelerada, frenética, marcada pela diversidade e pela influência do

²² Eduardo Duque, *Mudanças culturais, mudanças religiosas. Perfis e tendências da religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada* (Vila Nova de Famalicão: Editora Húmus, 2014), 33.

²³ Baumann, *A modernidade líquida*, 7.

²⁴ Caroline Delmazo e Jonas Valente, «Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques», *Media & Jornalismo* 18, n.º 32 (2018): 155-169; Sandra Lima, Carina Pescarolo e Marina Zagonel, «Há privacidade na sociedade da informação? Uma análise à luz do princípio da dignidade humana e das redes sociais», *Percurso* 1, n.º 28 (2019): 156-182.

digital, onde a fé é desconsiderada, cujo ídolo será o *encaixar-se*, o *corresponder a um determinado tipo*. E nesta mudança cultural acelerada, sobretudo, nas últimas três décadas, muitos cristãos sentem-se como os antigos judeus, face a Jerusalém: como que exilados. Quando forçados a ir para a Babilónia, a sua visão do mundo foi alterada, tiveram de se ajustar a uma nova realidade, tiveram de reinventar as práticas do Judaísmo num mundo onde o Templo (epicentro de sua vida religiosa) deixara de existir. Tiveram de repensar a sua própria história e reexaminar a sua compreensão do seu lugar no mundo. Do mesmo modo, pode inferir-se que a rápida *deportação* para a *Babilónia digital* poderá ser também a responsável por um determinado mal-estar religioso experienciado na contemporaneidade.

Com a expressão *o mal-estar religioso da nossa cultura*, usada por J. Martín Velasco como o título de um de seus livros²⁵, alude-se à situação de *mal-estar e desconforto indefinidos* que define e caracteriza a situação religiosa do nosso tempo. A *perda da influência das instituições religiosas*, o *distanciamento da prática* dos seus membros, a diminuição do seu pessoal mais comprometido, estes e outros factos importantes, parecem justificar o veredicto sobre um problema crescente do fator religioso e motivam a questão de saber se não haverá um tipo de incompatibilidade entre a situação da modernidade e o Cristianismo. Essas avaliações mostram que a situação da religião na modernidade não é clara; que o fator religioso não consegue encontrar o seu lugar na cultura moderna; que existe, em relação ao fator religioso, uma grande confusão. A religião ainda está realmente presente na nossa sociedade, mas cada vez mais relativizada e relegada para a periferia. Dá a impressão, muitas vezes, de que os sujeitos apenas se referem a ela na forma de nostalgia.

Existe um determinado tipo de secularidade que parece tornar-se culturalmente dominante. Monika Wohlrab-Sahr e Marian Burchardt admitem a existência de hegemonias seculares – práticas de normalização secular que são fruto de processos de regulação estrita e de unificação contra a diversidade, que é, direta ou indiretamente, o pretexto para um exercício sociopolítico e jurídico que promove e hegemoniza as culturas de secularidade.²⁶ Isto tem como consequência uma certa marginalização do religioso, pois, para se lograr algum consenso social e/ou político, desenvolve-se sobretudo um acordo à volta de crenças (ou problemas de referência) e remédios (ou ideias-chave) seculares.

²⁵ Velasco, Juan Martín, *El malestar religioso de nuestra cultura*. Madrid: San Pablo, 1998.

²⁶ Monika Wohlrab-Sahr e Marian Burchardt, «Multiple Secularities: Toward a cultural sociology of secular modernities», *Comparative Sociology* 11 (2020): 875-909.

Porém, para uma análise mais exaustiva deste fenómeno, atenda-se a outro enfoque: será que se assiste a um desenquadramento da cultura contemporânea em relação à dimensão religiosa ou, pelo contrário, são os jovens ditos religiosos que não se reveem na cultura contemporânea? As duas conjugações são plausíveis do ponto de vista da análise.

A transmissão da fé ocupa o primeiro plano das preocupações da Igreja e das comunidades cristãs. A razão dessa preocupação está na grave crise que esta transmissão está a vivenciar, uma crise que faz parte da *crise de fé* que a maioria dos países europeus sofrem com a tradição cristã e que constitui uma das causas mais importantes da agitação religiosa que caracteriza os sujeitos e as comunidades cristãs desses países.

Um primeiro sintoma que pode gerar ou favorecer o mal-estar religioso na nossa cultura parece vir, segundo Humbrecht, da *falta de comunicação* entre o que se anuncia e a cultura em que se vive: “para que haja comunicação é necessário que haja não apenas um emissor e um recetor com consciência mútua de serem interlocutores uns com os outros, mas que, além de existir tal consciência mútua, haja também uma linguagem compreensível para ambos que permita e favoreça, por sua vez, a comunicação”²⁷.

Aqui, talvez, se situe um primeiro problema: saber se existe consciência mútua da existência de ambas as realidades e se há um reconhecimento recíproco de ambos os interlocutores - o oposto será a ignorância mútua ou o desinteresse de pelo menos uma das partes.

Por vezes, há a impressão de que a pregação não é capaz de alcançar os jovens a quem se dirige. Será porque a linguagem é muito eclesial? Ou será porque o discurso é muito distante das preocupações das vidas dos jovens? Ou dever-se-á a ambas as questões e muitas outras? Deve, então, questionar-se se a pregação ou a linguagem que é utilizada é inteligível e adequada ao tempo, se leva em conta, no seu conteúdo e linguagem, como refere a Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II *Gaudium et Spes*, nº 1, as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos cidadãos do nosso tempo.

Há, hoje, novas realidades emergentes que merecem toda a atenção, desde logo a *indiferença religiosa gregária, a perda de credibilidade das instituições, o surgimento de novos fenómenos pseudoreligiosos, etc.* Luckmann reporta-se a uma “transcendência em encolhimento”, ou seja, novas formas sociais de religião que partem

²⁷ Thierry-Dominique Humbrecht, *El Teatro de Dios. Discurso sin pretensiones sobre la elocuencia cristiana* (Salamanca: Editorial San Esteban, 2003), 234.

de grandes transcendências, ou seja, de experiências não-quotidianas de alteridade que se encontram essencialmente ausentes das vidas dos indivíduos, e que se transformam em transcendências intermédias, isto é, experiências de outros seres humanos que são simultaneamente perceptíveis e não-perceptíveis, e culminam em transcendências pequenas, baseadas nos limites temporais e espaciais das experiências quotidianas.²⁸

O fator religioso, além de se ter tornado, para muitos, esotérico, parece ter perdido o interesse. Na contemporaneidade, já não se admite que as Igrejas veiculem um discurso impositivo para todos, como que se a sociedade fosse padronizada. A cultura ocidental não aceita prontamente o caráter tradicionalmente totalizante das religiões. Muito menos o seu pretensível caráter profético, que, por outro lado, não pode renunciar. A religião, os seus ritos e as suas formas, e também os seus discursos, propõem aos jovens modelos de vida que não são facilmente aplicáveis à consciência autónoma dos homens e mulheres de nosso tempo. A religião situa, por natureza, o ser humano como entidade, dependente de uma realidade superior ou transcendente. E isso é algo intolerável para muitos de nossos contemporâneos ocidentais, herdeiros de um antropocentrismo que exalta a consciência individual acima de qualquer outra realidade.

O desconforto também é sentido dentro das religiões tradicionais e seus membros, que nem sempre aceitam facilmente o outro nem o pluralismo dominante. Todas as religiões são consideradas transmissoras de uma verdade, mas às vezes encontram enormes dificuldades quando se trata de dialogar com uma sociedade que se constitui da pluralidade. O que, em teoria, é apresentado como respeito pela diversidade é frequentemente interpretado como relativismo cultural ou fonte de subjetivismo infundado. É assumido, também com dificuldade, o estilo democrático das nossas sociedades europeias, especialmente, em instituições ou sistemas religiosos nos quais tradicionalmente o seu caráter hierárquico moldou as suas estruturas organizacionais ou operacionais.

Não devemos esquecer, neste contexto, a *perda significativa de relevância social das religiões tradicionais*, que também é muitas vezes uma fonte de desconforto para muitos jovens religiosos. A religião já não lidera os grandes consensos. Eles são liderados por uma ética coletiva.²⁹ As religiões, tradicionalmente criadoras de cultura, consideram difícil entrar nos canais criativos da cultura contemporânea e, mesmo nas suas formas externas, quando reproduzem e mostram imagens do passado, que só dizem

²⁸ Thomas Luckmann, «The old and the new in religion», em: Bourdieu, P.; Coleman, J. S. (eds.), *Social theory for a changing society* (Nova Iorque: Westview Press, 1991), 176-179.

²⁹ Robert Bellah, «Civil religion in America», *Daedalus* 134 (2005): 40-55; Salvador Giner, «Religión civil», *Claves* 11 (1991): 15-21.

algo para aqueles que um dia conheceram o seu significado. O que torna a arte religiosa hoje tão distante das novas expressões artísticas?

Tudo parece convidar para estar na retaguarda e adotar posições defensivas ou intimistas. A dimensão religiosa é algo que pertence apenas à esfera privada, ou contribui de alguma maneira para a construção da sociedade? Como é que se pode integrar as crenças religiosas numa tradição que parece socialmente inaceitável e irrelevante devido ao facto de aparecer como algo *arcaico*? Será que as religiões tradicionais perderam a credibilidade, porque deixaram de conseguir transmitir adequadamente a sua valiosa tradição?

Há também muitos jovens que sofrem o desconforto que, em seu julgamento, geram as suas próprias instituições religiosas. Desconforto devido a uma certa *fratura eclesial* (da hierarquia em relação aos seus fiéis, dos bispos e religiosos, dos crentes com o resto da sociedade). Desconforto no processo de transmissão da fé, na perda da ilusão dos mensageiros, na rutura de expectativas dos destinatários. O afastamento frequente das grandes questões que parecem preocupar a nossa sociedade e a falta de adequação entre o que é dito e o que é feito podem também ser potenciadores desse desconforto. Mas nem por isso muitos renunciam à sua vivência religiosa, conscientes do papel que a fé tem nas suas vidas e da consciência de que os valores que a Igreja veicula são humanizadores da sociedade.

1.1. Caracterização dos jovens em Portugal

A partir da passada década de 60, os sociólogos começaram a distinguir as diferentes gerações de jovens, segundo as suas características. Diferentes denominações entraram no vocabulário comum, entre eles, os *baby boomer* (que nasceram depois da Segunda Guerra Mundial, entre 1946 e 1965), a *geração X* (entre 1965 e 1980), a *geração Y* ou *millennials* (entre 1980 e 2000), mas também se falou da *Geração Einstein*, *Geração MTV*, *Geração K*, entre outras. O grupo *Barna*, juntamente com o seu parceiro, o Instituto *Impact 360*, procuraram conhecer e compreender a geração seguinte, suspeitando que a geração pós-*millennials* iria trazer diferentes valores e novos contributos para a nossa cultura, não sendo apenas *mini-millennials*. Chamaram, assim, Geração Z aos nascidos entre 1999 e 2015.

O livro *Geração Selfie* traz-nos um estudo de Sánchez Anleo e Juan María González, publicado em 2015, que se baseou em inúmeras entrevistas a jovens espanhóis, ao longo de 20 anos. Em diferentes momentos o autor apresenta também

alguns estudos comparativos com outros países da Europa, incluindo Portugal, que nos dá uma visão mais ampla e clara da realidade estudada.

Neste estudo, o autor apresenta uma análise bastante profunda da juventude ao nível político, social, económico e religioso, usando a imagem da Selfie (autofotografia), que “reflete o permanente ensaio do estou-aqui-agora”³⁰.

Podemos dizer que a *Geração Selfie* é apresentada como aquela que, ao desenvolver-se dentro de uma enorme crise económica, política e social, traçou sobre si própria um círculo impenetrável que os separa do mundo, o que lhes dá, como refere Duque, uma “conotação de subcultura”³¹. *Geração perdida, geração sacrificada* ou *geração abandonada* são termos que Anleo e González usam para explicar que o grande problema da juventude atual é a de ser a primeira a viver pior que os seus pais e que prevê que o futuro será sem perspetiva. Segundo Duque, Pereira e Vázquez, os baixos níveis de empregabilidade, a precariedade nas condições em que o trabalho é executado e os baixos rendimentos são alguns dos motivos que justificam aquelas designações.³²

O atributo de *Selfie* à *Geração* é também um neologismo que reflete com grande fidelidade o mundo líquido atual dos adolescentes e jovens, num triunfo definitivo do visual em que predomina a imediatez calculada, ficando a intimidade perfeitamente minimizada com a pública exibição para o consumo o que, em sociologia, se passou a denominar por *extimidade* (exterior + intimidade), que, no dizer de Anleo e González, “serás visto, serás consumido ou não serás nada”.

Anleo e González consideram que as sociedades ocidentais passaram de *sociedades consumistas* para se converterem em *culturas consumistas*, onde o consumo se converteu numa forma de pensar(-se), projetar(-se) e compreender.

Os jovens passaram a ser vistos como o *target* de mercado. E este entendimento foi ganhando consistência, quer na fabricação de vários produtos e na criação de estilos musicais, quer no aparecimento de series de televisão, revistas, cosméticos, etc., até se gerar o conceito de que *a juventude* constitui um valor social de referência, que fez com que também o adulto quisesse ser *eternamente jovem*. Uma cultura de consumo, para o qual também contribui os sistemas educativos de massas, que faz com que os jovens se

³⁰ Sánchez Anleo e Juan María González, *Generación Selfie* (Madrid: PPC, 2015), 10.

³¹ Eduardo Duque, *Os Jovens e a Religião na Sociedade Actual. Comportamentos, Crenças, Atitudes e Valores no Distrito de Braga* (Braga: Council of Europe, Secretaria de Estado da Juventude, Instituto Português da Juventude, 2007), 23.

³² Eduardo Duque, Cícero Pereira e José Vázquez, *Inserção profissional dos jovens de Braga* (Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2017).

distanciem cada vez mais dos adultos numa autoafirmação quanto aos seus estilos de vida relacionados com o mundo do consumo.³³

Neste contexto social, o consumo não pode ser apenas visto como uma atividade generalizada, mas sobretudo como uma forma de vida que engloba desde a cosmovisão dos seus membros, até à forma como estes se relacionam. No âmbito juvenil, o consumo seria principalmente um consumo de imaginário mais do que um sistema de objetos, que engloba a construção da identidade, a forma de se relacionar. Esta é uma característica que Anleo e González designam como *rebeldia consumista* e em que se destaca três diferentes dinâmicas: o *consumo de autonomia*, no sentido de que o consumo e os seus espaços proporcionam aos jovens um contexto em que é possível experimentar as suas economias monetárias com liberdade de escolha; *consumo relacional*, como uma forma de estabelecer relações e estar com outros, e o *consumo de identidade*, que obriga aos jovens a viver, construir e ajustar a sua própria identidade num mundo líquido.

Para além do consumo, outras três características da sociedade são apresentadas, e que nos permitem ter uma visão mais clara das características juvenis. Um dos primeiros argumentos apresentados é o que Anleo e González apelida de “complexidade da realidade e sobressaturação da informação”³⁴ que pode levar os jovens a sentirem-se desorientados e com dificuldade de discernimento, diante daquilo que Toffler denominou de “infobesidade”, isto é, a incapacidade das pessoas para gerirem volume de informação disponibilizada, caracterizado não só pelo excesso de informação de toda a índole, mas também pela superficialidade na abordagem dos temas.³⁵

Uma outra característica que Anleo e González apontam é a da “indiferença ou apatia” que se foi estabelecendo na sociedade e que leva os jovens a demonstrarem um enorme desinteresse face às situações políticas, económicas, religiosas e sociais, manifestando até que “não vale a pena” lutar pelos seus direitos.³⁶ Segundo os autores citados, os jovens aprenderam que fazer manifestações não traz qualquer benefício, nem alterações sociais.

Esta apatia manifesta-se sobremaneira sobre as questões religiosas. Não se trata, pois, de uma repulsa dos jovens pela Igreja, mas de uma enorme indiferença. As novas gerações são, na sua larga maioria, ateístas. Vejam-se, a este propósito, os indicadores de religiosidade juvenil apresentados nos inquéritos do *European Values Survey*,

³³ Duque e Vázquez, «Quanto interessa a religião católica aos jovens? Um estudo a partir do caso português», 17–35.

³⁴ Anleo e González, *Generación Selfie*, 10.

³⁵ Alvin Toffler, *O Choque do Futuro* (Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1973), 247-250.

³⁶ Anleo e González, *Generación Selfie*, 147.

European Social Survey e International Social Survey Programme, comparados por Coutinho.³⁷

Esta atitude pode ser motivada pela falta de modelos adultos credíveis e significativos, o que pode gerar opções de abandono. Os jovens e a Igreja vivem, assim, tal como refere Carvalho, como que em campos opostos, “do outro lado do círculo, com uma grande fissura aberta entre o que os jovens entendem por religião e o que entende a doutrina oficial, entre as normas da Igreja e as normas dos jovens”³⁸.

González e Anleo referem-se ainda à questão do “relativismo e da intersubjetividade”, que nos jovens se manifesta não só nas questões pessoais (como a música ou a moda), mas também em temas morais estruturantes, direitos humanos ou valores fundamentais, considerando que em algumas situações pode derivar para um “vale tudo”³⁹.

No contexto da pandemia, a suspensão dos atos litúrgicos presenciais despoletou respostas diferentes: muitos encararam esta situação como uma violação à liberdade religiosa (em diversos países, como nos Estados Unidos, levantou-se a questão sobre se a religião deveria ser considerada um “suporte de vida” em tempo de pandemia, quando comparada com outras atividades seculares, consideradas vitais⁴⁰); outros reclamaram contra o fecho das igrejas, quando num momento pré-COVID não eram frequentadores das mesmas; outros ainda redescobriram a Igreja, renovando e fortalecendo o seu vínculo com ela, ao encontrá-la através da janela do digital.

Perante esta situação, os jovens têm um sentimento de abandono por parte do sistema político e económico, que não lhes oferece esperança, emergindo, por isso, outras estratégias de vínculo social, que se concentram nos grupos primários, concretamente, família e amigos. Ao longo destes últimos vinte anos, a valorização por parte da juventude da família e dos amigos tem os valores mais altos de sempre.⁴¹ A estratégia do vínculo nestes grupos primários produz-se a par do distanciamento das instituições e tem um duplo sentido, por um lado desde a perspetiva mais instrumental, dando ao jovem a confiança e estabilidade, cada vez mais necessária no contexto precário e instável; por outro lado, desde o ponto de vista mais afetivo, oferecendo um contexto de identidade através de símbolos, estilos, segurança sentimental e regras.

³⁷ José Coutinho, *Religião em Portugal. Análise Sociológica* (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2020).

³⁸ Cristina Sá Carvalho, «A experiência religiosa dos adolescentes», *Theologica* 45, 2.^a série, Fasc. 2 (2010): 423.

³⁹ Anleo e González, *Generación Selfie*, 155.

⁴⁰ Dorit Rubinstein Reiss e Madeline Thomas, «More than a Mask: Stay-at-Home Orders and Religious Freedom», *San Diego Law Review* 57, nº 4 (November-December 2020): 963.

⁴¹ Eduardo Duque, *Atitude dos jovens portugueses face à religião* (Plataforma Barómetro Social do Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2013).

Os jovens *selfie* desenvolvem estratégias individuais que, longe de fazê-los mais fortes, cria mais vulnerabilidade, obrigando-os a fecharem-se sobre si próprios, protegendo-se face a uma sociedade que não compreendem e que sentem como ameaça.

1.2. Os jovens e a Igreja Católica

São duas as principais atitudes dos jovens relativamente à Igreja: identificação e adesão ou rejeição mais ou menos radical. Neste sentido, com base na descrição de González e Anleo, em *Geração Selfie*, distinguem-se aqueles que se identificam com a Igreja, participando e mantendo-se fiéis (*nucleares*); os que estão superficialmente ligados à Igreja, por tradição ou dever familiar (*mediocres*) e os que nem participam nem mostram interesse (*distantes*).

Por outro lado, a confiança ou desconfiança dos jovens pela Igreja alimenta-se ao longo da vida, com as suas vivências e experiências a partir das comunidades de proximidade. Assim, consoante as vivências sejam mais ou menos positivas, é possível encontrar outras atitudes dos jovens, não só relativamente à Igreja, mas também à fé e à sua identificação como cristãos. Segundo Kinnaman, alguns jovens optam por deixar a Igreja, mas continuam a considerar-se cristãos (*nómadas*), outros perderam a fé e descrevem-se a si próprios como não cristãos (*pródigos*) e, por último, investem na fé cristã, mas sentem-se perdidos entre a cultura e a Igreja (*exilados*). Importa ainda sublinhar que, para muitos jovens, a dimensão religiosa está acima da Igreja e dos seus ritos.

2. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, segundo a Exortação Apostólica *Christus Vivit*

Em 25 de março de 2019, foi publicada a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*, “Cristo está vivo”. Esta exortação pós-sinodal dirige-se tanto aos jovens (dos 16 aos 30 anos) como a toda a Igreja. Rico em citações inspiradoras e sugestões práticas, o documento contém muitas perceções sobre os jovens, para os jovens e para aqueles que ministram aos jovens, enquanto levanta muitas questões importantes que precisam ser abordadas.

O Papa Francisco inicia o documento destacando os jovens na Bíblia, bem como na história da Igreja, figuras como José (filho de Jacob), Rute e David, a São Sebastião, São Francisco de Assis e Santa Teresa de Lisieux. Os jovens sempre desempenharam

um papel importante na história da salvação. Particular atenção é dada a Maria, que quando jovem disse “sim” a Gabriel, e ao próprio Jesus: “É importante tomar consciência de que Jesus foi um jovem. Deu a sua vida numa fase que hoje se define como a dum jovem adulto.”⁴²

“Ser jovem, mais do que uma idade, é um estado do coração.”⁴³ É por isso que a Igreja, com mais de dois mil anos, pode ser considerada “jovem” – e precisa da ajuda dos jovens para mantê-la assim. Francisco compara as formas vazias e superficiais com que a cultura pode manipular os jovens com a verdadeira felicidade que somente Cristo pode oferecer. “Queridos jovens, não permitais que usem a vossa juventude para promover uma vida superficial, que confunde beleza com aparência.”⁴⁴ Os jovens correm o risco de serem isolados e explorados, o que torna as relações com os mais velhos um grande benefício. A geração jovem precisa das gerações mais velhas, e estas últimas das primeiras. “Se os jovens e os idosos se abrirem ao Espírito Santo, juntos produzem uma combinação maravilhosa: os idosos sonham e os jovens têm visões.”⁴⁵

Um dos grandes legados deste documento pode ser o exemplo que o Papa Francisco dá de como compartilhar a Boa Nova com os jovens. Ele diz-lhes para não serem desencorajados pelos seus pecados e fracassos. “O amor do Senhor é maior que todas as nossas contradições, que todas as nossas fragilidades e que todas as nossas mesquinhas (...). Porque a verdadeira queda – atenção a isto! – a verdadeira queda, aquela que nos pode arruinar a vida, é ficar por terra e não se deixar ajudar.”⁴⁶ Ele os encoraja a fixar “os braços abertos de Cristo crucificado, deixa-te salvar sempre de novo. E quando te aproximares para confessar os teus pecados, crê firmemente na sua misericórdia que te liberta de toda a culpa.”⁴⁷

Deus tem um projeto para cada jovem, e Francisco encoraja-os a buscar o Senhor para descobrir a sua vocação particular, tanto no trabalho quanto no chamamento ao matrimónio, às ordens sacras ou à vida religiosa. Ecoando os métodos de discernimento ensinados por Santo Inácio, ele escreve que nesta jornada, “Não se deve começar por questionar onde se poderia ganhar mais dinheiro, onde se poderia obter mais fama e prestígio social, mas também não se deveria começar perguntando quais tarefas nos dariam mais prazer. Para não se enganar, é preciso mudar de

23. ⁴² Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit* (Vaticano, 25 de março de 2019),

⁴³ Francisco, *Christus Vivit*, 34.

⁴⁴ Francisco, *Christus Vivit*, 183.

⁴⁵ Francisco, *Christus Vivit*, 192.

⁴⁶ Francisco, *Christus Vivit*, 120.

⁴⁷ Francisco, *Christus Vivit*, 123.

perspetiva, perguntando: Conheço-me a mim mesmo, para além das aparências ou das minhas sensações?”⁴⁸

O verdadeiro discernimento concentra-se em como podemos servir ao mundo e à Igreja. Ele propõe que a identidade não deve ser uma resposta, “‘Quem sou eu?’ (...) Mas a pergunta que te deves colocar é esta: ‘Para quem sou eu?’ És para Deus, sem dúvida alguma”⁴⁹. O chamamento de Deus não é uma exigência, mas é “a chamada dum amigo”⁵⁰, e responder a essa chamada trará mais alegria e felicidade do que qualquer coisa que o mundo possa oferecer. À Igreja acrescentou: “toda a pastoral é vocacional, toda a formação é vocacional e toda a espiritualidade é vocacional”⁵¹. “Por isso, o coração de cada jovem deve ser considerado ‘terra santa’, diante da qual nos devemos ‘descalçar’ para poder aproximar-nos e penetrar no Mistério.”⁵²

Francisco é ao mesmo tempo encorajador e crítico em relação à maneira como a Igreja tem feito o “ministério juvenil”. A sua crítica mais forte é que a Igreja não despendeu tempo suficiente a ouvir as vozes e preocupações dos jovens. “Para ser credível aos olhos dos jovens, precisa às vezes de recuperar a humildade e simplesmente ouvir, reconhecer, no que os outros dizem, alguma luz que a pode ajudar a descobrir melhor o Evangelho.”⁵³, lembrando que “muitas vezes os jovens não encontram resposta para as suas inquietudes, necessidades, problemas e feridas.”⁵⁴ Embora existam oportunidades para que os jovens possam ter experiências poderosas de Deus, “propõe-lhes encontros de ‘formação’ onde se abordam apenas questões doutrinárias e morais: sobre os males do mundo atual, sobre a Igreja, a doutrina social, sobre a castidade, o matrimónio, o controle da natalidade e sobre outros temas. Resultado: muitos jovens aborrecem-se, perdem o fogo do encontro com Cristo e a alegria de O seguir, muitos abandonam o caminho e outros ficam tristes e negativos. Acalmemos a ânsia de transmitir uma grande quantidade de conteúdos doutrinários e procuremos, antes de mais nada, suscitar e enraizar as grandes experiências que sustentam a vida cristã.”⁵⁵ Ele reconhece a importância da formação na doutrina e na moral, mas diz que os dois objetivos principais da pastoral juvenil devem ser desenvolver o *kerigma* e crescer no amor fraterno.

⁴⁸ Francisco, *Christus Vivit*, 285.

⁴⁹ Francisco, *Christus Vivit*, 286.

⁵⁰ Francisco, *Christus Vivit*, 287.

⁵¹ Francisco, *Christus Vivit*, 254.

⁵² Francisco, *Christus Vivit*, 67.

⁵³ Francisco, *Christus Vivit*, 41.

⁵⁴ Francisco, *Christus Vivit*, 202.

⁵⁵ Francisco, *Christus Vivit*, 212.

Francisco propõe uma abordagem de pastoral juvenil que seja “popular”, com o que ele quer dizer “do povo” ou “base”. Ele frequentemente enfatiza que “os próprios jovens são agentes da pastoral juvenil”⁵⁶ O ministério de jovens “popular” é mais flexível, aberto a diferentes estilos e horários, inclusivo, ouve os jovens e vai onde os jovens “reais” vivem.

A *Christus Vivit* expõe em linhas gerais a situação da juventude e da pastoral juvenil e encoraja as comunidades de fé a fazer um “exame da sua realidade juvenil mais próxima, para poderem discernir os percursos pastorais mais apropriados.”⁵⁷ Há necessidade de “novos estilos e estratégias” bem como de “recolher ainda mais as boas práticas: metodologias, linguagens, motivações que se revelaram realmente atraentes para aproximar os jovens de Cristo e da Igreja.”⁵⁸

As escolas católicas são uma parte importante da história do catolicismo em Portugal. Francisco escreve: “a escola precisa duma urgente autocrítica; basta olhar os resultados da pastoral de muitas instituições educacionais: uma pastoral concentrada na instrução religiosa que, frequentemente, se mostra incapaz de suscitar experiências de fé duradouras.”⁵⁹ Acrescenta que “A escola católica continua a ser essencial como espaço de evangelização dos jovens.”⁶⁰ Embora esta não seja um tema recente neste país, como podem as palavras do Papa Francisco ajudar as escolas católicas e as universidades a serem mais eficazes na promoção do discipulado?

Muitas paróquias e dioceses católicas também têm programas bem estabelecidos de formação na fé. À luz do posicionamento crítico do Papa Francisco em relação a programas excessivamente dogmáticos ou moralistas, qual é o lugar apropriado da catequese no ministério de jovens e adultos? Que modelos de catequese *kerigmática* provaram ser bem-sucedidos?

Pode-se ler essas perguntas e supor que o documento oferece mais perguntas do que respostas. Em vez disso, o documento inicia uma conversa oportuna. Agora é a hora de não ter medo, de fazer perguntas difíceis e se afastar dos lugares-comuns, para que a Igreja – tanto jovens quanto mais velhos – possa proclamar corajosamente ao mundo: “Cristo está vivo!”

⁵⁶ Francisco, *Christus Vivit*, 203.

⁵⁷ Francisco, *Christus Vivit*, 103.

⁵⁸ Francisco, *Christus Vivit*, 204.

⁵⁹ Francisco, *Christus Vivit*, 221.

⁶⁰ Francisco, *Christus Vivit*, 222.

2.1. O envolvimento dos jovens na preparação do Sínodo 2021-2023

O Sínodo 2023 é já uma realidade. As equipas sinodais reuniram-se, os documentos resultantes da auscultação efetuada estão a ser enviados, e começa-se a ver a disseminação de informações em torno da ideia de sinodalidade.

O Papa Francisco encetou esforços para ajudar a entender que o momento presente da história da Igreja está focado em ouvir uns aos outros. Segundo o *Vademecum*, “o objetivo do atual Sínodo é escutar, como todo o Povo de Deus, o que o Espírito Santo está a dizer à Igreja. Fazemo-lo escutando juntos a Palavra de Deus na Sagrada Escritura e na Tradição viva da Igreja e, depois, escutando-nos uns aos outros e especialmente aos que estão à margem, discernindo os sinais dos tempos.”

Muitas vezes, quando a Igreja faz referência aos marginalizados, evoca visões dos pobres ou indigentes, ou pessoas que possuem uma diferença ideológica em relação à fé católica. O segundo grupo mais consistentemente mencionado é o dos jovens. Este Sínodo oferece-nos a oportunidade de avaliar a forma como integramos os jovens na Vida da Igreja.

Antes deste Sínodo, o Vaticano divulgou dois documentos que foram fundamentais para entender como comprometer os jovens do século XXI: *Christus Vivit* – a Exortação Apostólica emanada do Sínodo da Juventude, e “A Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja”. Ambos os documentos fornecem uma nova linguagem para ser usada, com o propósito de abrir mentes e corações para uma maneira profundamente autêntica e guiada pelo Espírito Santo de envolver os jovens. Até mesmo o uso da palavra comprometer deve constituir um desafio, levando a refletir sobre como atualmente interagimos com os jovens.

Essa jornada de caminhar com nossos jovens, os sem igreja, os sem evangelho e os que vemos nos bancos da igreja todas as semanas começa com a aceitação das realidades.

Os jovens comunicam de formas que deixam muitos desconfortáveis; procuram comunicar as suas alegrias e deceções, mas nem sempre notamos ou consideramos que os seus hábitos comunicam o que suas bocas não comunicam. Os jovens são os seus próprios agentes de mudança, mesmo que ainda não saibam disso.

Do Sínodo sobre a Juventude surgiu esta citação: “o Sínodo reconhece que nem sempre a comunidade eclesial sabe tornar evidente a atitude que o Ressuscitado teve em relação aos discípulos de Emaús, quando, antes de os iluminar com a Palavra, lhes perguntou: ‘Que palavras são essas que trocáis entre vós, enquanto caminhais?’ (Lc 24,

17). Às vezes predomina a tendência a oferecer respostas pré-fabricadas e receitas prontas, sem deixar sobressair as perguntas juvenis na sua novidade, nem entender a sua provocação.”⁶¹ No entanto, uma vez que a Igreja deixa de lado os preconceitos estreitos e ouve atentamente os jovens, essa empatia a enriquece, pois “Permite que os jovens ofereçam a sua contribuição para a comunidade, ajudando-a a reconhecer novas sensibilidades e a formular perguntas inéditas.”⁶²

Este Sínodo oferece a oportunidade de buscar a orientação do Espírito Santo nas perguntas que fazemos e na maneira como respondemos a todos os nossos jovens. Mesmo o mais gentil entre nós, ou o líder mais experiente, saberá que há uma maneira pela qual as nossas respostas às necessidades dos jovens foram lentas, tímidas e mal explicadas. Em outros cenários, os jovens notaram que as respostas dadas podem não refletir hábitos e comportamentos que eles veem na vida do Povo de Deus.

Simultaneamente, os jovens também são desafiados a comprometer-se com a Igreja, a demonstrar ativamente o seu compromisso com Deus e a Igreja através da participação no Sínodo. Isso exigirá todo o dom e fruto do Espírito.

2.2. 2023, o ano dos jovens: Sínodo e Jornada Mundial da Juventude

A 27 de janeiro de 2019, no final da Jornada Mundial da Juventude no Panamá, o Papa Francisco anunciou o ano e o local da XXXVII JMJ: 2022, em Lisboa, um encontro adiado para agosto de 2023, devido à pandemia de COVID-19. O tema que acompanha o evento juvenil é “Maria partiu e viajou apressadamente” (Lc 1,39). O Papa Francisco, no dia 22 de junho de 2019, em Roma, no Fórum Internacional da Juventude, expressou o desejo de que o caminho para a XXXVII Jornada Mundial da Juventude estivesse em harmonia com as diretrizes que emergiram do Sínodo dos Bispos “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, e a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*: “Não ignoreis a voz de Deus, que vos impele a levantar-vos e a seguir os caminhos que Ele preparou para vós. Como Maria e juntamente com Ela, sede todos os dias portadores da sua alegria e do seu amor. Maria levantou-se e, apressada e rapidamente, foi visitar a sua prima. Sempre prontos, sempre velozes, mas sem

⁶¹ Os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional - Documento final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (Vaticano, 27 de outubro de 2018).

⁶² Os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional.

ansiedade!”⁶³ Deste modo, a XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos terá lugar no mesmo ano da realização da XXXVII Jornada Mundial da Juventude, em Lisboa. Na opinião do patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, o Sínodo dos Bispos que está em curso e a Jornada Mundial da Juventude, estão relacionados e devem avançar em conjunto, uma vez que se trata de duas realidades sinodais. Portugal é um país com uma população maioritariamente católica, com cerca de 80% dos cidadãos a identificarem-se como tal, segundo os dados mais recentes. De acordo com o estudo do Centro de Religião e Sociedade Bento XVI, que serviu de base informativa para o Sínodo dos Bispos sobre os jovens na Igreja Católica de 2018, cerca de 53% dos jovens portugueses afirmam-se como católicos, um número superior à média europeia.

3. Síntese de transição

Existe uma ideia generalizada de que os jovens estão cada vez menos ligados à religião. Os motivos prendem-se, acima de tudo, com a crescente secularização da sociedade, a perda de identidade religiosa e da credibilidade e influência das instituições religiosas, do aumento das tendências materialistas e do imanentismo. A ligação dos jovens à Igreja católica tem vindo a declinar, sendo, contudo, naturalmente distintos os motivos apresentados pelos jovens e pelos agentes de pastoral.

Apesar desta ligação ser agora mais reduzida e marcada pela indiferença, não se encontra desprezo perante a religião nem tão pouco qualquer beligerância perante ela, como aconteceu no passado. Permanece, sem qualquer dúvida, uma forte influência histórica e cultural da religião católica no discurso dos jovens.

É neste contexto que a Igreja católica, através da voz dos agentes de pastoral, é desafiada a acolher, sem medo, os jovens, independentemente das suas opiniões, estilos de vida e maneiras de ser. Importa que haja espaço para que a voz dos jovens seja escutada, de forma que eles sejam os próprios sujeitos da mudança dentro da instituição e, assim, impulsionadores de novas atitudes da Igreja na sociedade.

⁶³ Discurso do Papa Francisco aos participantes no Fórum Internacional dos Jovens. Vaticano, 22 de junho de 2019, acedido a 30 de outubro de 2022, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190622_giovani.html.

CAPÍTULO 3 – O SÍNODO 2023 NUMA DIMENSÃO EDUCATIVA E PASTORAL

A educação católica de jovens e crianças é uma expressão da missão da Igreja que Cristo confiou aos seus apóstolos e discípulos quando instruiu: “Deixem as crianças vir ter comigo! Não as estorvem, porque o reino dos céus é dos que são como elas.” (Mt 19,14). Se a Igreja deve ser verdadeiramente uma família de crentes, devemos reconhecer que é de vital importância para a família educar os seus filhos. Todos os católicos devem assumir a tarefa mútua de apoiar as escolas, pois as crianças e jovens são o futuro da Igreja. A educação na fé para crianças e jovens ocorre idealmente numa escola católica, quando tais escolas oferecem a maior e melhor oportunidade de realizar o triplo propósito da educação cristã – mensagem, comunidade e serviço.

Garantir a disponibilidade de educação escolar católica acessível em todas as dioceses, e melhorar o relacionamento entre as escolas e as paróquias, com as quais os alunos das escolas católicas e as suas famílias estão envolvidos, é o mais importante para continuar a educação escolar católica.

1. Lecionar EMRC em tempo de Sínodo

Com uma presença mais significativa ou menos visível, a Igreja é uma realidade bem perceptível no quotidiano das pessoas, sobretudo num país de tradição cristã como o nosso. Constituindo, neste momento, cerca de um sexto da humanidade, a Igreja Católica é uma instituição não só extremamente significativa em termos numéricos, como se apresenta também com importante peso nos diversos lugares e circunstâncias da vida em sociedade.

Para uns, é uma instituição bem organizada, de onde resulta toda a sua força, designadamente pela sua unidade centrada no bispo de Roma. Outros apreciam a sua atividade social e caritativa, tanto no quotidiano da vida das pessoas como em situações de emergência, e olham para ela mais como uma útil organização não-governamental. Outros ainda admiram o seu património histórico e cultural, visível no que tem deixado ao longo dos séculos como marcas de relevo na história. Outros manifestam ceticismo quanto às suas intenções verdadeiramente religiosas, avaliando antes o seu enquadramento político, social ou económico. E assim por diante.

Estes olhares e estas leituras, não correspondendo embora ao que a comunidade dos crentes pensa sobre si mesma, não deixam de conter alguns aspetos (ainda que parcelares) de verdade. Constituída por pessoas que, na sua humanidade e na sua cidadania, não se distinguem das outras, a Igreja é uma realidade social e cultural que pode ser analisada do ponto de vista sociológico, histórico, organizacional, psicológico, entre outros. Essas leituras, mesmo que incompletas, e porventura até completamente inadequadas, podem, no entanto, ajudar os crentes a perceberem melhor a sua própria realidade, marcada também por limites, deficiências e ambiguidades: por exemplo, no modo como os católicos lidam com o poder, na transparência que dão ou não à sua presença e ação na sociedade, na credibilidade que merece a sua identidade de comunidade religiosa.

Todavia, a experiência crente vivida de forma consciente tem uma visão diferente, mais profunda e consentânea com o modo como a Igreja se entende a si mesma. Para o cristão, a Igreja tem de ser vista, simultânea e estruturalmente, como realidade que é fruto da iniciativa salvadora de Deus e como resultado da liberdade humana, isto é, como comunidade em cuja existência se unem, de modo misterioso, mas verdadeiro, a ação de Deus e a dimensão humana de pessoas livres e responsáveis. Tal como a adesão à fé cristã, que está na origem da comunidade de crentes, é dom de Deus e resposta livre de cada pessoa, a Igreja é “mistério de fé”, apenas compreensível dentro de uma história de salvação onde os dons de Deus e a resposta humana, historicamente contextualizados, se entrelaçam. A palavra “mistério” quer dizer aqui isso mesmo: uma realidade humana que, em última análise, só é compreensível no seu sentido à luz da fé.

Pressupor um olhar de fé não significa que se possa prescindir, para uma análise de aspetos concretos da vida da Igreja, de uma leitura baseada num conhecimento de tipo empírico-racional (mormente de ordem sociológica), em ordem a captar a realidade humana da Igreja da forma o mais completa possível. Uma visão da Igreja que olhasse só para os seus fundamentos divinos, que ignorasse e não fosse capaz de integrar as suas dimensões humanas, seria uma visão idealista, desajustada para a compreensão do agir de Deus na história.

Mas se, por outro lado, na consideração da Igreja a pessoa não se abrir a um entendimento crente, não integrar no mesmo olhar o elemento divino e a vertente humana, cai inevitavelmente numa visão redutora da Igreja, fixando-se unilateralmente nos seus aspetos humanos. A compreensão católica da Igreja caracteriza-se precisamente por este esforço de manter unidas, num equilíbrio de tensão, a origem divina e a configuração humana da Igreja, a sua dimensão espiritual e a sua expressão

visível, sendo certo que na origem e na quotidiana vida da Igreja cabe uma inquestionável prioridade à iniciativa e aos dons de Deus.

Todo o viver humano é marcado pelas circunstâncias da história, o que é válido tanto em termos de cada pessoa como a nível das comunidades. O lugar estrutural que tem a historicidade humana na vivência da fé e na vida da Igreja exige que olhemos para os diversos rostos e configurações que a mesma e única Igreja de Jesus Cristo foi mostrando ao longo dos tempos, em função das circunstâncias muito diversas de época e de espaço, das diferentes condicionantes de ordem social e política, da inserção cultural nos contextos diferenciados em que os cristãos foram chamados a viver. Em inúmeras das suas facetas concretas, a Igreja que hoje conhecemos, mantendo embora uma fidelidade fundamental à sua origem e à sua razão de ser, só se compreende à luz dos desenvolvimentos históricos e suas consequências.

Em Mt 13,45-46, pode-se ler a seguinte passagem: “O reino dos céus pode também comparar-se a um comerciante que anda à procura de pérolas de boa qualidade. Quando encontra uma pérola de muito valor vai vender tudo o que tem e compra-a.”

Ser professor de EMRC em tempo de Sínodo significa constatar a existência de oportunidades perdidas para professores da área apaixonados pela sua profissão. Em particular, não serem capazes de dar um passo em frente e apresentarem o melhor que a tradição católica tem para oferecer aos jovens – o ensinamento inequívoco do amor de Deus.

Lecionar EMRC em tempo de Sínodo requer uma educação que valorize a sabedoria sobre o conhecimento; uma educação que coloca diante de mentes e corações jovens a admiração e a maravilha do cosmos e os convida a uma relação de encontro e descoberta, mobilizando a sua imaginação criativa para dar expressão às suas experiências de tais encontros, em vez de uma educação que apresenta respostas não negociáveis, pré-embaladas. Esse conhecimento velado afasta a maioria dos estudantes antes que eles tenham tido a oportunidade de explorar a profundidade das suas próprias questões, sem falar nas pérolas de sabedoria que se encontram nos modos tradicionais e potenciais de expressão religiosa.

Curiosamente, remover as barreiras que atualmente impedem a educação católica de alcançar os seus anseios mais profundos e objetivos mais elevados pode, de facto, ser capaz de, ao mesmo tempo, abordar as causas de grande parte da depressão juvenil, cinismo, tédio e vício que testemunhamos hoje.

Os alunos dos estabelecimentos de ensino público têm uma particularidade no que concerne à educação católica - eles podem ou não se inscrever na disciplina de

EMRC. Àqueles que se inscrevem é-lhes proporcionado o estudo de várias tradições religiosas e as características comuns que existem entre essas tradições. Neste contexto acadêmico eles também aprendem sobre a natureza provisória das declarações de crença, e a apreciar a natureza das crenças, incluindo as doutrinas e dogmas do catolicismo, como apenas mais uma característica da religião, juntamente com rituais, símbolos, espaços sagrados, histórias sagradas e ética, todos eles servindo o objetivo principal de comunicar e transmitir discernimento e sabedoria sobre a natureza e o mistério de Deus.

Além das fronteiras das salas de aula, muitos jovens de hoje têm dificuldade em desenvolver a maturidade espiritual, na medida em que as declarações de crenças religiosas são frequentemente mal interpretadas como declarações literalmente verdadeiras sobre a realidade absoluta, o que, considerando que o assunto é o mistério último de Deus, não pode ser assim. As declarações de crenças religiosas, compostas em palavras, são mais parecidas com a poesia e estão no mesmo nível dos símbolos religiosos, quando se trata de transmitir a natureza do divino. Sim, elas contêm verdade; verdade religiosa, não verdade literal. Aprender a sustentar essas verdades religiosas com um pouco mais de humildade, mais leveza, é uma sabedoria que vem através dos tempos, mas tem sido obscurecida ao longo dos últimos séculos, em parte por causa dos conhecimentos obtidos através da aplicação do método científico e do subsequente sucesso que isso trouxe às culturas ocidentais. A aplicação da ciência sugeriu aos olhos de muitos que toda a verdade é objetiva e comprovável. Muitos religiosos e não-religiosos caíram no equívoco de que o método científico é a pedra de toque para toda a verdade, o que é certamente um exagero e leva à dificuldade das pessoas em aplicar o paradigma científico ao abordar a verdade religiosa e, portanto, não compreendendo corretamente a natureza da verdade religiosa. Os professores de EMRC estão numa posição ideal para abordar esta questão cultural mais ampla, e ajudar os alunos e a sociedade em geral a apreciar e distinguir a natureza da verdade religiosa e, assim, chegar a uma maior maturidade espiritual.

No entanto, até que a Igreja reduza o controle hierárquico clerical e pare de se escudar em doutrinas e dogmas absolutos, os professores continuarão a ser confrontados com uma tarefa evangelizadora quase impossível. É necessária uma compreensão mais sutil e mais leve dos ensinamentos doutrinários, uma sabedoria que vê a prioridade de alguns ensinamentos e práticas sobre outros, uma sabedoria que é verdadeiramente católica. Ser católico significa ser inclusivo e focado no que realmente importa, que é a iluminação espiritual, mais que a fidelidade a um conjunto rígido de doutrinas. Essa

abordagem ajudaria os professores a fazer o que realmente faria a diferença na vida dos jovens estudantes católicos, ou seja, transmitir o melhor da tradição católica – o seu foco em Jesus e no relacionamento com Deus, o mistério da vida cristã.

2. A sinodalidade e o diálogo inter-religioso

No Concílio Vaticano II, em 1965, a Igreja Católica, num documento histórico chamado *Nostra Aetate* (que significa “no nosso tempo”), ou “Declaração sobre a Igreja e as Religiões Não-Cristãs”, propôs os princípios de relacionamento e diálogo com outras religiões. A *Nostra Aetate* fornece as diretrizes para a Igreja alcançar pessoas de outras religiões, particularmente o Judaísmo e o islamismo, pois compartilham uma fé monoteísta e uma história e cultura que podem ser atribuídas a Abraão. O mais significativo neste decreto é o repúdio ao desprezo secular pelo Judaísmo e pelo povo judeu que foi considerado responsável pela morte de Cristo. Com relação aos muçulmanos, “a Igreja olha também com estima para os muçulmanos”⁶⁴. Afirma a fé no Deus Único, o Criador do Céu e da Terra, que revelou os Seus planos a homens como Abraão.

Mas também é necessário que a Igreja se dirija aos crentes de outras religiões. Talvez a declaração mais importante em relação a outras religiões seja a posição da Igreja de que ela “nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo. Olha com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, embora se afastem em muitos pontos daqueles que ela própria segue e propõe, todavia, refletem não raramente um raio da verdade que ilumina todos os homens.”⁶⁵ Este torna-se o princípio fundamental nas relações da Igreja com as religiões não-cristãs, particularmente o Hinduísmo, o Budismo e o Taoísmo.

É crença do cristão que Deus é o Pai de todos. Todos formam uma comunidade porque têm uma origem e um destino comuns. A *Nostra Aetate* ressalta que “Não podemos, porém, invocar Deus como Pai comum de todos, se nos recusamos a tratar como irmãos alguns homens, criados à Sua imagem. De tal maneira estão ligadas a relação do homem a Deus Pai e a sua relação aos outros homens seus irmãos, que a Escritura afirma: ‘quem não ama, não conhece a Deus’ (1 Jo 4,8). Carece, portanto, de fundamento toda a teoria ou modo de proceder que introduza entre homem e homem ou entre povo e povo qualquer discriminação quanto à dignidade humana e aos direitos que

⁶⁴ Concílio Vaticano II, Declaração *Nostra Aetate* (Vaticano, 28 de outubro de 1965), 3.

⁶⁵ Concílio Vaticano II, *Nostra Aetate*, 2.

dela derivam. A Igreja reprova, por isso, como contrária ao espírito de Cristo, toda e qualquer discriminação ou violência praticada por motivos de etnia ou cor, condição ou religião. Consequentemente, o sagrado Concílio, seguindo os exemplos dos santos Apóstolos Pedro e Paulo, pede ardentemente aos cristãos que, “observando uma boa conduta no meio dos homens (1 Ped 2,12), se possível, tenham paz com todos os homens, quanto deles depende, de modo que sejam na verdade filhos do Pai que está nos céus.”⁶⁶ Este é o princípio fundamental para a paz e a harmonia.

Nesse sentido, a Igreja preconiza o estudo contínuo, o diálogo, o respeito, o apreço, a amizade e a colaboração com outras religiões. A Igreja “exorta, por isso, os seus filhos a que, com prudência e caridade, pelo diálogo e colaboração com os sequazes doutras religiões, dando testemunho da vida e fé cristãs, reconheçam, conservem e promovam os bens espirituais e morais e os valores sócio culturais que entre eles se encontram.”⁶⁷

O ponto de partida na sua abordagem a outras religiões é evitar enfatizar as diferenças. A Igreja diz que “na sua função de fomentar a união e a caridade entre os homens e até entre os povos, considera primeiramente tudo aquilo que os homens têm de comum e os leva à convivência”⁶⁸. Deve, portanto, enfatizar-se o que existe em comum, especialmente as práticas religiosas, orações, valores morais e caridade.

Na verdade, há mais coisas em comum com todos os povos, porque todos são um na sua origem e também na meta final. Existe uma humanidade compartilhada. Espera-se que todas as religiões forneçam respostas para os mistérios da vida. Perguntas como: O que é o homem? Qual é o significado e propósito da nossa vida? O que é certo e errado? Por que existe sofrimento? Qual é o caminho para a verdadeira felicidade? De onde viemos e para onde vamos? Qual é esse último mistério inexprimível? Para muitos crentes, há o reconhecimento de um Ser Supremo ou do Transcendente, embora as expressões sejam diferentes.

Ao afirmar a santidade e a verdade em outras religiões, damos-lhes dignidade e respeito. Pedir que as coisas boas de outras religiões sejam preservadas e promovidas, torna possível o diálogo inter-religioso. Em vez de defender as suas posições teológicas ou, pior ainda, rebaixar as doutrinas e práticas religiosas de outras religiões, somos chamados a testemunhar e promover as coisas boas encontradas em todas as religiões.

Assim, o documento procura enfatizar, por exemplo, o que judeus e cristãos têm em comum no que diz respeito ao património espiritual. Além da rejeição das atitudes

⁶⁶ Concílio Vaticano II, *Nostra Aetate*, 5.

⁶⁷ Concílio Vaticano II, *Nostra Aetate*, 2.

⁶⁸ Concílio Vaticano II, *Nostra Aetate*, 1.

negativas em relação ao Judaísmo, o Vaticano II dá uma apreciação positiva da aliança “irrevogável” de Deus com o povo judeu. Em vez de julgar os judeus pela rejeição de Cristo, exige um diálogo baseado na estima mútua.

Quanto aos muçulmanos, a Igreja olha-os com estima, especialmente na sua submissão de fé em Deus, veneração de Jesus como profeta e Maria como sempre virgem, crença no juízo final e, acima de tudo, o seu modo de vida, na moralidade, adoração, oração, jejum e esmola, todos estes valores também da Igreja Católica.⁶⁹ Tais virtudes são fundamentais para viver uma vida de harmonia e paz, respeito mútuo e caridade. O Papa Francisco também destaca a centralidade da misericórdia de Deus. Ao destacar essas semelhanças, o Papa Francisco aponta os “raios da verdade”. Além disso, o Papa Francisco chegou a declarar que o autêntico Islão não é violento. Acima de tudo, ele explica o Islão como submissão no sentido de que os muçulmanos “têm uma profunda convicção de que a própria vida, na sua totalidade, é de Deus e para Deus.”⁷⁰

Em relação às outras religiões não cristãs, a Igreja exalta a bondade, a beleza e a santidade dessas religiões. O Hinduísmo afirma-se na contemplação do mistério divino expresso nos mitos e na busca pela libertação do sofrimento por meio de práticas ascéticas e meditação. O Budismo é apreciado por reconhecer as coisas passageiras deste mundo e, através da contemplação, chegar a um estado de libertação perfeita. Finalmente, reconhece que “de igual modo, as outras religiões que existem no mundo procuram de vários modos ir ao encontro das inquietações do coração humano, propondo caminhos, isto é, doutrinas e normas de vida e também ritos sagrados.”⁷¹

Em segundo lugar, cada religião deve ser entendida nos seus próprios termos e reconhecida como distinta de outras religiões. Só assim o diálogo é possível. A *Nostra Aetate* observou que os cristãos devem-se esforçar para aprender por quais traços essenciais os crentes de outras religiões se definem à luz de sua própria experiência religiosa. Isso é verdade na vida humana. Na verdade, somos o que somos por causa das nossas experiências e memórias de tais experiências; as nossas experiências definem-nos e determinam como vivemos as nossas vidas e como vemos a vida, mais ainda quando se trata de uma experiência religiosa, que muda toda a vida e orientação da pessoa.

Portanto, devemos estar conscientes de que a nossa visão do mundo e experiência religiosa são muito determinadas pelo nosso passado e presente. O passado

⁶⁹ Concílio Vaticano II, *Nostra Aetate*, 3.

⁷⁰ Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (Vaticano, 24 de novembro de 2013), 252.

⁷¹ Concílio Vaticano II, *Nostra Aetate*, 2.

inclui a cultura, a formação, a tradição religiosa, a educação e também as experiências atuais da vida. Quando conhecemos outras pessoas, carregamos conosco a nossa herança cultural e religiosa. Quer estejamos conscientes ou não, a maneira como vemos o futuro é determinada pela nossa visão do mundo passada. Quando encontramos outras pessoas, encontramos-nos com diferentes visões de mundo condicionadas pela educação e pelas experiências. Quando nos despojamos dos jargões culturais e teológicos, seremos mais capazes de ressoar com a outra pessoa por causa da nossa humanidade compartilhada. Por outro lado, por causa das diferentes experiências, podemos ser desafiados por outras pessoas, levando-nos a repensar os nossos próprios pontos de vista. Independentemente disso, as experiências permanecem pessoais, aparte qualquer juízo de valor.

Também é importante ver a relação intrínseca entre fé e cultura. A cultura é a maneira pela qual a fé é expressa. É por isso que todas as religiões formam as suas próprias culturas. Cultura significa um modo de vida, de olhar para o mundo e para nós mesmos; e os valores da religião são então expressos por meio de sinais e símbolos. Desenvolvidos ao longo dos anos, esses costumes dão estabilidade aos valores que as religiões procuram inculcar nos seus fiéis. Portanto, não é possível dicotomizar fé e cultura.

Assim, enquanto respeitamos as outras religiões pela riqueza da sua tradição espiritual, também é necessário ser honesto e respeitar as nossas diferenças. Tais diferenças quanto à compreensão e experiência de Deus devem ser aceites com humildade, respeito e tolerância mútua. Através do conhecimento recíproco, podemos reconhecer os valores religiosos que as religiões compartilham e ainda respeitar as diferenças.

As comunicações falham quando começamos a tentar provar que a fé de outra pessoa está errada ou não é tão perfeita como a nossa. Cada fé afirma ser detentora da verdade, mas nenhuma fé tem o direito de ridicularizar a outra fé. Esta é uma forma segura de fechar as portas que levam a qualquer interação significativa, reconciliação e eventual paz.

Isso também exige uma apresentação precisa das crenças de outras religiões. A *Nostra Aetate* marcou o início de uma nova abordagem do Judaísmo pela sua condenação direta do antissemitismo. É necessário rejeitar e repudiar os falsos ensinamentos e a representação imprecisa da fé de outra pessoa que poderia causar confusão e mal-entendidos. Em alguns países, como por exemplo Singapura, em vez de haver católicos a ensinar acerca de outras religiões, existem professores autorizados de

religiões não católicas ou não cristãs a ensinar sobre essas mesmas religiões, para que haja uma apresentação mais precisa das suas crenças; isto para garantir a justiça e uma apresentação objetiva da fé dos outros, e não apenas da percepção católica.

O diálogo começa com uma atitude de perdão que surgiu de conflitos religiosos e mal-entendidos no passado. A *Nostra Aetate* afirma: “este sagrado Concílio exorta todos a que, esquecendo o passado, sinceramente se exercitem na compreensão mútua e juntos defendam e promovam a justiça social, os bens morais e a paz e liberdade para todos os homens.”⁷² É significativo que quando a *Nostra Aetate* incita a “esquecer”, o que ela realmente quer dizer é “superar”. Embora não possamos esperar que os crentes esqueçam eventos dolorosos do passado, podemos superar esses eventos tomando o caminho do perdão. Superar é aprender com os erros e ver a bondade que sai disso.

Podemos superar o passado entrando “com prudência e caridade, pelo diálogo e colaboração com os sequazes doutras religiões”⁷³. Diálogo significa compartilhar, ouvir, perdoar e cooperar. Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco preconiza que “uma atitude de abertura na verdade e no amor deve caracterizar o diálogo com os crentes das religiões não-cristãs, apesar dos vários obstáculos e dificuldades, de modo particular os fundamentalismos de ambos os lados.”⁷⁴

O diálogo é bem diferente do sincretismo e do relativismo. Diálogo não significa renunciar à própria identidade, nem comprometer as nossas crenças e moral. A menos que sejamos fiéis às nossas próprias tradições, não temos nada a oferecer aos de outras tradições. Assim, o verdadeiro diálogo pressupõe que ambos os parceiros sejam fiéis às suas próprias tradições e conheçam bem as suas tradições. O diálogo requer respeito mútuo pelas crenças de cada um. Leva as diferenças a sério e reconhece as dificuldades. Mas isso não é visto como um obstáculo ou uma traição ao diálogo. Levando uns aos outros a sério, aprendemos uns com os outros.

O diálogo é conduzido em diferentes níveis. Temos o diálogo da experiência religiosa através da partilha da oração e da contemplação. Em seguida, há o diálogo da vida através da partilha da vida e das obras de caridade. Em terceiro lugar, há o diálogo de ação por meio de projetos conjuntos para os pobres e necessitados. Por fim, há o diálogo da verdade, ou seja, das doutrinas, que é o último e o mais difícil processo desse diálogo.

O diálogo deve ser baseado no respeito mútuo. Ninguém tem o direito de impor a sua religião ou suas crenças religiosas a outrem. Precisamente porque a fé é

⁷² Concílio Vaticano II, *Nostra Aetate*, 3.

⁷³ Concílio Vaticano II, *Nostra Aetate*, 2.

⁷⁴ Francisco, *Evangelii Gaudium*, 252.

necessária, não podemos presumir que outros tenham a mesma fé. Consequentemente, não é errado compartilhar a nossa fé, mas precisamos concordar em discordar quando se trata de questões doutrinárias e morais. O único caminho a seguir é através de um maior envolvimento e diálogo se quisermos crescer em respeito e compreensão mútua.

Através da compreensão de outras religiões, pode haver um crescimento na fraternidade, enriquecimento, respeito mútuo, paz e harmonia. As nossas diferenças não devem causar ódio e divisão, mas devemos trabalhar juntos pela verdade e pela justiça, paz e harmonia. No contexto da globalização, onde vivemos numa situação multirreligiosa e multicultural, o diálogo é a única forma de preservar a paz, a unidade, a confiança e o respeito mútuo. É preciso saber dar ao diálogo tempo para o progresso e o discernimento.

Sem diálogo aberto, a consequência é a desconfiança, incompreensão, ignorância mútua e medo. Para evitar tais desfechos trágicos, precisamos fortalecer o diálogo para forjar laços de amizade e confiança em prol da paz e da harmonia social. A ignorância é o melhor terreno para a xenofobia. O diálogo construtivo supera o medo através da exploração conjunta de questões filosóficas e teológicas para chegar a um conhecimento mais objetivo e abrangente das crenças religiosas de cada um. É nosso desejo comum buscar a plenitude da verdade.

Mas o diálogo vai além da informação. Diálogo significa encontro e comunicação. É enriquecer uns aos outros através da troca e da partilha para que possamos fazer do nosso bem um bem comum. O diálogo e o encontro são a única forma de superar o medo e a desconfiança. Precisamos aprender a aceitar as nossas diferenças, superando preconceitos no respeito mútuo. O diálogo é construído na confiança. O objetivo do diálogo é a amizade.

Os frutos do diálogo traduzem-se na colaboração prática em função de ideais e valores comuns, especialmente a liberdade, a paz, a unidade, a justiça, a promoção dos valores familiares, a sacralidade da vida e a ecologia; em suma, trabalhamos juntos para ajudar a humanidade a ser mais amorosa e atenciosa. Um diálogo autêntico entre as religiões em espírito de cooperação pode ajudar a aliviar as tensões. Mesmo sendo fiéis às nossas próprias tradições religiosas, através do diálogo podemos prevenir os crentes da intolerância e da violência. Juntos, precisamos alcançar um mundo secular que vê as religiões como uma ameaça à paz e à unidade. As religiões devem promover a boa vontade, a amizade, a paz e a unidade entre todas as pessoas, pois formamos uma única família humana.

Com o avanço da ciência e tecnologia, e da comunicação de massa, a oportunidade de construir a paz mundial é ainda maior. Além disso, com o fenómeno das migrações, o contacto entre povos de diferentes tradições religiosas e culturas pode levar a uma maior valorização da riqueza de cada um.

Embora a globalização apresente uma oportunidade de ouro para a humanidade se aproximar por meio de uma maior comunicação, ela também pode causar maiores tensões e mal-entendidos. Isso ocorre porque a migração global também significa que não há cultura ou religião homogénea e, se houver uma dominante, pode levar à competição, ciúme, opressão e mal-entendidos. Etnia, cultura e religião continuam a ser questões delicadas porque não tocam apenas o nível da mente, mas também do coração. A insensibilidade pode levar a guerras civis, étnicas ou religiosas. Portanto, os líderes políticos e religiosos devem estar sempre alertas e atentos para que a unidade entre as diferentes religiões e etnias nunca seja tida como certa. Isso explica por que promover a unidade entre etnias e religiões é sempre um trabalho em andamento.

De facto, é o fracasso dos líderes em prevenir tais conflitos étnicos e religiosos que leva à guerra, divisão, e muitas vezes violência. As guerras religiosas ainda são travadas e, infelizmente, a política muitas vezes usa a religião como uma ferramenta para ganhar poder. Por conta da divisão causada pelas religiões, a secularização é o caminho do meio para garantir a neutralidade nas políticas governamentais e na vida pública. É correto ter um estado laico para a preservação da paz e da harmonia; contudo, se por si só, isso possa parecer uma abordagem correta para garantir a unidade entre religiões e culturas na sociedade, quando a secularização é usada como ferramenta para excluir completamente a religião da vida pública, considerando a religião como uma ameaça à paz, a situação torna-se insustentável.

A verdade é que a religião não deve ser vista como um inimigo da sociedade, ou uma ameaça à paz e à harmonia entre os povos, mas um contributo para o desenvolvimento dos povos.

Os princípios estabelecidos pela *Nostra Aetate* convidam a todos, católicos e de outras religiões, a um comprometimento em busca de caminhos de diálogo através da amizade e do respeito mútuo. Embora essa realidade nunca possa ser plenamente realizada, porque é um trabalho em andamento, devemos continuar a lutar juntos, sabendo que, apesar das dificuldades, o nosso compromisso trará uma humanidade melhor e um mundo mais pacífico.

O que podemos aprender sobre o modo de viver e compreender a sinodalidade nas diversas tradições religiosas? Aqueles que seguem a dimensão ecuménica (Igrejas

Ortodoxas, Igrejas Protestantes, Pentecostalismo) encontram no discernimento um elemento-chave para que ocorra um processo genuíno de sinodalidade; se não se basear na escuta atenta da inspiração do Espírito Santo, não é possível um sadio processo sinodal. Quanto ao discernimento nas outras tradições religiosas, é dada grande importância a que as decisões tomadas estejam em harmonia com a natureza, com a criação; em muitos casos, é necessário consultar os Antepassados (os antepassados que já faleceram, mas que continuam a fazer parte da comunidade), para garantir que as decisões tomadas também estejam em harmonia com eles. A harmonia na decisão tomada é um elemento essencial em qualquer processo de discernimento.

A reflexão sobre sinodalidade e diálogo inter-religioso encontra-se intimamente relacionada com um tema muito atual – religião e nacionalismo: em alguns países da Europa Oriental, as Igrejas tornaram-se veículos significativos de identidade étnica e nacional; para melhor, no caso da resistência aos regimes totalitários, mas também para pior, ao contribuir para a criação de novos inimigos. O principal desafio para essas Igrejas é como adaptar a sua missão após um período de resistência a forças sociopolíticas desfavoráveis. À luz desta relação entre religião e nacionalismo é possível compreender melhor o papel do Islão na definição do que significa hoje “ser turco”, ou os vínculos entre o Budismo e o sentimento nacionalista, a autoridade civil e a solidariedade étnica em diferentes países asiáticos, ou ainda o nacionalismo hindu (Hindutva), e a resposta cristã ao mesmo.

Deste modo, falar em sinodalidade aos alunos é falar em diálogo inter-religioso, mas de uma forma sustentada, ao trabalhar com eles uma unidade letiva que permite abordar a religião em contexto escolar no geral, e na disciplina de EMRC em particular, não apenas de um ponto de vista científico ou histórico, que levaria a uma perda de essência e de sentido, mas com uma envolvimento cultural e espiritual. Convém, contudo, não esquecer que a disciplina de EMRC é de carácter facultativo, podendo ser frequentada por qualquer aluno, crente ou não crente, pelo que importa, num sistema de ensino inclusivo e não discriminatório, ponderar muito bem como apresentar esta Unidade Letiva em contexto de sala de aula, não sendo conveniente adotar uma linguagem para crentes, mas sim uma linguagem que todos compreendam, desde um olhar do conhecimento cultural, apresentando cada uma das religiões como a base duma grande diversidade de culturas no mundo.

3. A sinodalidade nos conteúdos programáticos da Unidade Letiva – As Religiões – do sétimo ano de escolaridade

No que concerne à sinodalidade nos conteúdos programáticos da Unidade Letiva – As Religiões – do sétimo ano de escolaridade, procedeu-se primeiramente a uma caracterização da turma, havendo depois lugar a uma abordagem aos conceitos de currículo, planificação e avaliação, enfatizando a mudança de um paradigma centrado na transmissão de saberes, e sua repetição por parte do aluno, com o professor a ocupar um papel de destaque, para outro em que o aluno é protagonista e construtor do seu conhecimento, tendo voz ativa e participativa no processo de ensino-aprendizagem.

Seguidamente, foram disponibilizadas as aulas realizadas em contexto de estágio pedagógico, apresentando, para cada, uma breve descrição da aula, acompanhada de uma explicação das razões científicas, pedagógicas e didáticas que justificaram a escolha das estratégias adotadas e dos recursos pedagógicos associados, sempre complementado com imagens ilustrativas destes últimos, e de uma reflexão sobre os pontos fortes e os pontos de melhoria; para cada aula foi também anexada a respetiva planificação.

A abordagem da temática das religiões procurou ter sempre em consideração um olhar inclusivo e uma atitude de braços abertos, para tantos que, na escola e fora dela, não são tratados como iguais devido à sua confissão religiosa.

3.1. Caracterização da turma

A turma onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada (PES) foi o 7.ºF da Escola Básica dos 2.º e 3.º ciclos de Nogueira, pertencente ao Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio. Neste agrupamento, e para o ano letivo de 2021-2022, verificou-se uma percentagem de 84% de alunos inscritos na disciplina de EMRC para o 3.º ciclo, sendo neste igualmente de 84% a percentagem de alunos inscritos à disciplina no 7.º ano.

A Turma do 7.ºF é constituída por vinte alunos, nove raparigas e onze rapazes, com idades compreendidas entre os onze e os doze anos. Os alunos são todos oriundos das freguesias de Nogueira, Lomar e Esporões. Todos pertenciam à mesma turma nos anos anteriores, à exceção de três alunos, embora se encontrem muito bem integrados. Apenas um aluno beneficia da Ação Social Escolar, escalão B.

Ao nível do comportamento e aproveitamento são alunos bastante razoáveis. Trata-se de alunos empenhados, educados, simpáticos e agradáveis na relação com os professores. Destacam-se alguns alunos que, pelas suas dificuldades e características individuais, necessitam da parte do Conselho de Turma uma atenção especial. Estes alunos beneficiam de medidas seletivas e universais de suporte à aprendizagem e à inclusão no âmbito do Decreto-Lei nº54/2018 de 6 de julho. Destas medidas destacam-se as Adaptações Curriculares não Significativas e a Antecipação e o Reforço das Aprendizagens. Estas medidas educativas visam possibilitar aos alunos um apoio personalizado, com estratégias, metodologias de ensino e modalidades de avaliação, atendendo ao perfil de cada um.

3.2. Proposta de planificação da Unidade Letiva 2 do sétimo ano e opções metodológicas

O conceito de currículo é polissémico e ambíguo ao mesmo tempo. Cada pessoa atribui um significado, faz uma interpretação. A palavra currículo deriva do étimo latino *currere*, que significa caminho, trajetória, percurso a seguir. Encerra duas ideias principais: 1) sequencialidade, ordenação de estudos, e 2) totalidade.

O termo surgiu no século XX com Bobbitt, que escreveu um livro chamado “The Curriculum” (1918), e outro chamado “How to Make a Curriculum” (1924). Foi em 1949, com Tyler, que os estudos curriculares começaram a destacar-se no âmbito da investigação. Este conceito foi evoluindo ao longo dos tempos; pode-se dizer que este conceito é uma construção, algo que se situa numa determinada realidade.

Tendo em conta as ideias de sequencialidade e totalidade referidas anteriormente, torna-se necessária a existência de uma planificação. É impensável que um professor vá para uma aula sem planificar. Pode ser um esquema mental do que se vai dizer e como se vai dizer, ou um plano escrito, minucioso, detalhado, sobre o que vai acontecer na sala de aula. Há, assim, duas conceções de planificação. Planificar significa prever, antecipar e organizar a intervenção didática do professor na sala de aula. É a planificação que vai permitir contextualizar e operacionalizar o currículo. Neste sentido, quando se planifica há três aspetos essenciais que se interligam: a) conjunto de conhecimentos, de ideias e de experiências sobre a realidade em que se pretende intervir; b) um propósito, uma meta, um fim a alcançar. É este que indica ao professor o caminho a seguir; c) previsão do processo ensino-aprendizagem que se irá

concretizar numa determinada estratégia de procedimento. É a resposta à questão: como chegar lá? Inclui, então, previsão, organização, meta, propósito, fim a alcançar.

A melhor forma de determinar se os objetivos educacionais estão a ser alcançados é através da avaliação. A avaliação é um processo complexo e multifacetado, com forte carga e abrangência semântica – avaliar significa diferentes coisas para diferentes pessoas. Apresenta diferentes dimensões: objetiva/subjetiva, por ser uma pessoa a avaliar outras pessoas; política, porque quem decide como é que os professores avaliam é o Ministério da Educação; ideológica, porque tem a ver com a filosofia que está por detrás do processo de avaliação, e tem a ver com as crenças que o professor tem sobre o ato de avaliar; formativa, porque tem a ver com o processo de ensino-aprendizagem propriamente dito, implicando a recolha de dados através de testes ou de outras formas e formular um juízo; curricular, porque implica avaliar as estruturas, os processos, os atores e os efeitos de um determinado currículo (implica avaliar programas, manuais, professores, alunos, escolas, decretos-lei, normas de funcionamento, e mesmo a própria avaliação).

Não podemos dissociar um conceito do conjunto (paradigmas) a que ele pertence. Deste modo, para melhor compreender o conceito de currículo, importa decifrar outros conceitos igualmente importantes, como o conceito de “pedagógica”, proposto por Adalberto Carvalho, enquanto “atualização prática da pedagogia”. Adalberto Carvalho refere-se a este conceito ao lançar um olhar epistemológico sobre o currículo; do mesmo modo, fala também em “praxiologia”⁷⁵, uma proto-história da teoria pedagógica que conhecemos. A praxiologia é uma “explicitação de um saber implícito”⁷⁶, e surge como reação contra a tecnicidade das práticas letivas, avançando com o termo práxis; assim, a praxiologia surge como reconhecimento que a educação é uma práxis, de tal modo que só pode haver uma teoria que seja uma teorização da prática. Retomando o pensamento de Hamelne relativamente às figuras do educador e do investigador, Adalberto Carvalho leva-nos elencar três dimensões da teorização e da ação educativas – o prático, o especialista e o militante –, que, diz o autor, existem numa coexistência por vezes conflitual nos atores dos processos educativos. Chama, assim, a atenção para a relação da teoria com a prática no contexto da avaliação da eficácia das intervenções educativas.⁷⁷ A temática do estatuto, fundamentação e legitimidade do saber pedagógico mantém-se como pano de fundo.

⁷⁵ Adalberto Dias Carvalho. *Ciências da Educação: um novo olhar epistemológico. Ciências da Educação em Portugal. Situações e Perspectivas* (Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1991), 26.

⁷⁶ Carvalho, *Ciências da Educação: um novo olhar epistemológico*, 23.

⁷⁷ Carvalho, *Ciências da Educação: um novo olhar epistemológico*, 24.

O não reconhecimento desta “coexistência conflituosa” agrava e protela uma problemática epistemológica que se mantém subjacente à reflexão e ação educativas, tornando difícil definir e institucionalizar a comunidade científica no espaço da comunidade investigativa e da comunidade educativa. Em todo o caso, e lembrando os contributos de diversos investigadores, Adalberto Carvalho relembra que não podemos esquecer que as questões do foro sociológico e ideológico têm que ser entroncadas no nível epistemológico.

No desenvolvimento da sua reflexão, Adalberto Carvalho traz à discussão Daignault, que refere a existência de uma rutura entre três dimensões que se tornaram síncronas, mas conflituais, do universo teórico-prático contemporâneo da pedagogia e da educação – saber, saber-ser, e saber-fazer⁷⁸.

Em relação ao saber, para Sócrates e Platão este seria o ponto de referência da pedagogia, assegurando o saber-ser e o saber-fazer. Com o Cristianismo, o saber deixa de bastar para reduzir a distância entre o ser e o projeto, sendo necessário alcançar o estado de graça, surgindo assim a prevalência do saber-ser. Posteriormente, o renascimento tentará assegurar a hegemonia do saber-fazer, que valoriza o poder do homem, da sua vontade e da sua razão, numa pedagogia assente na educabilidade e perfectividade essenciais do homem, e donde decorre uma progressiva valorização de uma tecnologia do saber pedagógico, das competências práticas, e dos objetivos operacionais e dos meios, face a uma pedagogia normativa. E é este saber-fazer que, atualmente, mais se destaca em relação ao saber e ao saber-ser, e reclama uma mudança nas instituições educativas, em prol da realização social e humana. Assim se explica, segundo o autor, que, para Hameline, a figura do prático seja a última a esboçar-se, no desenvolvimento da pedagogia do saber-fazer, ao contrário do teórico, que conta com uma tradição histórica mais longa do saber.⁷⁹ Deste modo, e articulando as propostas dos três autores referidos (Gillet, Hameline e Daignault), Adalberto Carvalho conclui que, apesar de mais recente, a tecnologia nem sempre corresponde uma dominância do prático na educação, e a pedagogia (e a pedagógica) nem sempre é o saber eleito, pois frequentemente é o especialista o melhor detentor do saber científico validado nas ciências da educação e outras ciências humanas; quanto ao militante, mobilizador de projetos, procura garantir a realização das metas propostas, tentando compensar os fracassos das previsões científicas e as insuficiências das tecnologias educativas,

⁷⁸ Carvalho, *Ciências da Educação: um novo olhar epistemológico*, 24.

⁷⁹ Carvalho, *Ciências da Educação: um novo olhar epistemológico*, 25.

embora os seus vínculos políticos, sociais ou pedagógicos possam afetar a legitimidade educacional e educativa dos seus atos.⁸⁰

Ora, sublinha o autor, as pedagogias do saber (saber anterior), saber-ser (ser eterno) e saber-fazer (produto futuro de um fazer) não apontam para o momento presente, tal como acontece com os saberes reivindicados pelo prático, pelo especialista e pelo militante, que pretendem estatutos de rutura com o presente em nome de uma experiência ponderada da realidade, de um ideal pedagógico, ou de uma razão científica, respetivamente. Considerando as três dimensões do saber, Adalberto Carvalho considera que, pertencendo o saber ao passado, o saber-ser ao eterno, e o saber-fazer ao futuro, não haveria lugar ao presente; o presente estaria no devir, numa praxiologia. Regressam, assim, a noção de processo e de projeto.⁸¹

Adalberto Carvalho conclui, assim, que existe um “solo transcendental que, proporcionando a legitimação de asserções teóricas e desenvolvimentos práticos, viabiliza a função, em si mesma, superadora da educação (...) sem prejuízo de uma evidente diversidade de orientações”⁸². Esta função responde à lógica contemporânea da inovação que suporta a realização de projetos de mudança, mesmo no “apego à rotina” manifesto, e sobejamente criticado, da educação dita tradicional.

É nesta ordem de ideias que ocorre o retorno atual aos métodos qualitativos, mais testemunhais (um neoqualitativismo), que não pretende unicamente reacender a tradicional dicotomia quantitativo/qualitativo defendida, por exemplo, por Thorndike; traduz, antes de mais, uma flexibilização dos modelos de cientificidade, e o reconhecimento da necessidade e da possibilidade de a educação contribuir para a evolução transformadora das sociedades e dos homens. Verifica-se por parte dos investigadores uma aproximação à prática educativa como espaço de observação e experimentação, enquanto os práticos da educação recorrem à investigação enquanto instrumento de formação e de ação. O trabalho dos investigadores-especialistas deixa de ser endeusado, a vinculação às instâncias decisórias da política educativa é repensada, e é exigida mais cientificidade ao trabalho dos práticos da educação, enfraquecendo a figura do militante pedagógico.

Em todo o caso, o caminho não pode ser apenas o das ciências humanas aplicadas à educação nem o do neoqualitativismo: um saber em educação não pode ser metodologicamente homogéneo, e a educação é um processo instável e multidimensional que se constrói à conta de desenvolvimentos concretos e das

⁸⁰ Carvalho, *Ciências da Educação: um novo olhar epistemológico*, 25.

⁸¹ Carvalho, *Ciências da Educação: um novo olhar epistemológico*, 26.

⁸² Carvalho, *Ciências da Educação: um novo olhar epistemológico*, 26.

vicissitudes das concepções em volta da educação. Para além disso, a educação tem que continuar a ser refletida teoricamente e realizada na prática. Isto deve fazer com que a comunidade científica educacional esteja aberta às áreas científicas vizinhas, procedendo à revisão crítica periódica do conceito de educação, de modo a possuir sempre um paradigma aferidor da sua identidade, independentemente do carácter evolutivo e não consensual do mesmo. Deve-se também evitar a confusão entre atitude investigativa (comportamento pedagógico e educativo) e investigação propriamente dita, que leva a uma continuidade de processos de pesquisa, caracterização de modelos e métodos, e avaliação de resultados. Deverá existir uma convergência entre a comunidade educativa e a comunidade científica educacional, devendo esta última empenhar-se na renovação da pedagogia, desenvolvendo-se uma pedagogia da complexidade capaz de reunir as diversas opções existentes, confrontando-as entre si; assim, as teorias pedagógicas transformam-se em “centros de unificação dinâmica do saber científico em funções de projetos educativos coerentes, mas sempre ultrapassáveis”⁸³. O saber, em educação, não é metodologicamente homogéneo, o que obriga a comunidade científica a uma constante atualização e a uma transdisciplinaridade. A educação não é um processo cristalizado, pois interliga-se com as circunstâncias envolventes e o meio cultural. Essa evolução, a nível do currículo, é-nos trazida por José Pacheco, que evidencia, ao elencar as diversas teorias curriculares, a atualização e transdisciplinaridade da reflexão em educação, já mencionadas por Adalberto Carvalho.

Em tudo isto é visível a complexidade/multidimensionalidade do sistema educativo, com uma grande variedade de componentes, organizados hierarquicamente e interligados, através de interações não lineares; daí resulta um carácter não transparente, um comportamento dificilmente previsível (como referia Marçal Grilo, em entrevista recente⁸⁴), e uma molaridade (totalidade organizada) em estreita ligação com a práxis. Esta multiplicidade, presente em Pacheco, relaciona-se com a referencialização elencada por Palmira Alves,⁸⁵ uma vez que, tal como o método educacional deve integrar o aluno, e respeitá-lo na sua multiplicidade, também a avaliação deve ser do conhecimento do mesmo, em todos os seus critérios (referenciais) e indicadores (por vezes sem critérios não temos indicadores); mais ainda, o aluno deve ter um papel

⁸³ Carvalho, *Ciências da Educação: um novo olhar epistemológico*, 30.

⁸⁴ <https://www.rtp.pt/play/p6646/e496464/grande-entrevista>

⁸⁵ Maria Palmira Carlos Alves, *Currículo e Avaliação. Uma perspectiva integrada* (Porto: Porto Editora, 2004), 87.

importante na construção dos mesmos, o que permite ao aluno ser avaliado pelos saberes que ele próprio considera importantes.

Segundo Pacheco, o currículo é um processo constante. Existe sempre, portanto, a necessidade de adaptação do currículo, devido à subjetividade, identidade e local; contudo, isto pode levar a um currículo feito por alguns para alguns. Esta é uma crítica à construção do currículo segundo uma vertente técnica e de produção: a escola perpetua processos de inclusão/exclusão dos alunos. Importa também referir que o currículo está ligado a ideologias políticas.

São três as teorias curriculares elencadas por Pacheco: a teoria técnica, a teoria prática, e a teoria crítica:

- A primeira, enquanto estrutural (tal como ainda acontece na visão crítica), preocupa-se com a certificação, pedindo ajuda a especialistas, dando enfoque ao Estado, e definindo disciplinas. Apresenta o currículo como um produto final, importando mais o que se deve aprender e não como se deve aprender. Tudo é planificado previamente, e deverá ser cumprido escrupulosamente, qual plano de aprendizagem centrado nos conteúdos; continua a ser a teoria com maior presença nos estudos curriculares, conferindo ao professor e ao aluno o papel de objetos do currículo.

- A teoria prática caminha no sentido de uma flexibilização curricular, pois abandona a perspectiva do currículo como produto acabado para dar lugar a um currículo como proposta que envolve professor, aluno, meio e conteúdos, e que é algo em construção, inacabado, e passível de ser negociado; podemos falar de uma prática em deliberação e em negociação. A teoria prática, portanto, já não defende uma aplicação cega do currículo (como acontecia com a técnica), mas leva em conta a realidade da prática, a conexão entre a intenção e a realidade. Ainda assim, apesar de todo o projeto curricular se centrar no aluno, sendo este uma condicionante do currículo, o papel do professor ainda é predominante; apenas na teoria crítica teremos uma intervenção crítica do aluno (bem como dos outros intervenientes).

- Na teoria crítica, o currículo aparece como uma ação e reflexão permanentes, fruto de uma consciência crítica, dos interesses e experiências de todos os intervenientes. Encontramos, assim, um conceito de práxis associado a uma visão crítica, constituída pela ação e reflexão.

Estas três teorias, apesar de distintas, revelam pontos de confluência, uma vez que a teoria técnica tem o seu enfoque no poder/decisão, a prática na (in)submissão a esse poder, e a crítica decorre da prática.⁸⁶

⁸⁶ José Augusto Pacheco, *Currículo: Teoria e Prática* (Porto: Porto Editora, 1996), 40.

O pós-modernismo e pós-estruturalismo estão intimamente ligados à multiculturalidade; temos tendência técnica, sensibilidade crítica e competências negociais, de diálogo e de intervenção. Podemos, assim, falar de uma transversalidade, e em relações de comunicação, uma vez que estamos perante grupos heterogêneos; como houve alteração para adaptação ao grupo, temos grupos sujeito, nos quais ocorre “criação”. A construção do currículo pretende projetar coletivamente e constantemente, em comunicação; ainda assim, em contacto com a diferença, continuamos a ser os que rejeitam e/ou os que são rejeitados. Nos pequenos grupos artificiais, ou cujo princípio de reunião é essencialmente simbólico, continua também a verificar-se uma transversalidade, com o estabelecimento de relações de informação; estamos, assim, perante grupos objeto, onde ocorre “reprodução”, e, por conseguinte, a perpetuação de desigualdades. As orientações críticas do currículo refletem-se na prática; a vantagem das vertentes técnicas é fazer (re)pensar a prática. Se pensarmos no currículo segundo uma perspetiva técnica, pensamos numa norma; já na perspetiva prática, centrada no aluno, põe-se em causa essa norma; numa perspetiva dialética e crítica, assume-se uma postura de desconstrução da norma. Neste momento convém introduzir o conceito de *habitus* - predisposição a agir, representar, e que decorre da nossa história pessoal socialmente contextualizada.

Enquanto Pacheco centra-se mais na teoria – o que é o currículo, sua evolução, dinâmicas e interações – Palmira Alves centra-se mais na prática, ao abordar a aplicação do currículo; ambos demonstram preocupação com a questão curricular, que deve direccionar-se para as necessidades e objetivos do ensino, embora de forma diferente, pois enquanto Pacheco pretende introduzir-nos no campo curricular, segundo uma perspetiva histórica e evolutiva, Palmira Alves parte já de uma perspetiva crítica, e debruça-se mais sobre a avaliação (que apresenta quase como uma base de um desenvolvimento curricular alicerçado na prática), e sobre uma relação professor-aluno mais próxima. Nesse sentido, introduz a temática da referencialização, suporte procedimental e fundamental para uma avaliação formadora e participativa, e defende a autonomia do aluno, colocando-o no centro de todo o processo de ensino-aprendizagem.⁸⁷ Ao pensar na questão da avaliação, podemos considerar a existência de três tipos de avaliação: a avaliação certificadora (mais próxima da teoria curricular técnica), do foro da teoria, centrada nos conteúdos, racional e distante da práxis; a avaliação formativa (mais próxima de uma visão crítica, de trampolim para o pós-crítico), com papel regulador, mas ainda centrada no professor, e relacionada com a

⁸⁷ Alves, *Currículo e Avaliação*, 87.

correção do “erro”; e a avaliação formadora (mais próxima da teoria pós-crítica), que se traduz numa dialética professor-aluno (e centrar no aluno é chamar à participação), e numa formação em pleno presente. Quer a avaliação formativa quer a formadora são essencialmente praxiológicas, atentas aos processos, e acabam por interessar apenas aos participantes. Neste ponto, podemos ainda associar o processo à perspetiva crítica e pós-crítica, enquanto o projeto assume-se como inserido numa perspetiva pós-crítica.

É neste âmbito que Palmira Alves defende uma renovação de conceito e estilo de avaliação, assente sobre a dimensão formadora, direcionada às competências. Sustenta ser este o objetivo da reforma curricular avançada em 1991, que pretende abandonar um modelo de currículo que é apenas um conjunto de matérias e conteúdos a ensinar e a transmitir, modificando, entre outros aspetos, as funções e objetos da avaliação. O Despacho Normativo n.º 98 A/92 veio trazer mudanças significativas no sistema de avaliação; as novas modalidades de avaliação procuravam estimular o sucesso educativo dos alunos ao mesmo tempo que certificavam os saberes adquiridos, promovendo a qualidade do sistema educativo. Entre essas novas modalidades, a avaliação formativa, baseada nos progressos dos alunos ao longo da aprendizagem, promoveria o sucesso escolar, ao proporcionar uma formação geral comum a todos os alunos; surge, também, a avaliação aferida, com base no cumprimento dos objetivos curriculares mínimos. A reforma do sistema educativo preconizaria, assim, uma função formativa da avaliação, auxiliadora da aprendizagem, permitindo acompanhar o processo de aprendizagem e valorizando os progressos do aluno. Ao mesmo tempo, procurou-se integrar o currículo e a avaliação (Decreto-Lei n.º 6/2001), sendo esta última um elemento regulador do ensino-aprendizagem, orientando o percurso escolar do aluno, certificando as aquisições realizadas e avaliando o desempenho e desenvolvimento do currículo. Assim, a avaliação formativa teria duas funções importantes - diagnóstico, e regulação e ajustamento; a avaliação formativa regularia o processo de ensino-aprendizagem (para o aluno e para o professor), enquanto a avaliação formadora permitiria uma melhor definição dos papéis do professor e do aluno, centrando-se mais neste último, e tendo como dispositivo avaliativo preferencial a autoavaliação. Esta autoavaliação permite ao aluno refletir sobre o saber-fazer, e nele intervir e agir conscientemente, apercebendo-se dos seus pontos fortes e fracos, e regulando o seu processo de aprendizagem. Saber avaliar torna-se, assim, para a autora, fundamental no processo de desenvolvimento de competências; ao conceber e implementar processos de autoavaliação, o aluno poderá encontrar o seu próprio caminho rumo à autonomia, numa aprendizagem na qual este é responsável por se olhar criticamente. Ao autoavaliar-se, o aluno constrói-se a si

mesmo, olhando-se criticamente, apoiado em critérios de avaliação negociados e apropriados; tais critérios serão a base de orientação do aluno, levando a uma atitude reflexiva, indispensável a qualquer aprendizagem significativa, que só o aluno poderá realizar.

O currículo, a planificação e a avaliação percorreram um longo caminho desde que começaram a ser questionados mais a fundo no campo da educação. É inegável a mudança de um paradigma centrado na transmissão e repetição de saberes por parte do aluno, com o professor a ocupar um papel de destaque, para outro em que o aluno é protagonista e construtor do seu conhecimento, tendo voz ativa e participativa no processo de ensino-aprendizagem. O diálogo professor-aluno, a planificação que ocorre em várias instâncias, e uma avaliação mais centrada no aluno, num processo de aquisição de competências e de autoconhecimento, são hoje apanágio de uma educação mais inclusiva, e que tem em conta a autonomia dos seus intervenientes.

Contudo, existe ainda um caminho a percorrer: a lógica tyleriana ainda não desapareceu por completo, e uma visão mercantilista e de produção, centrada na eficiência, ainda subsiste. Sendo necessário existir regras de construção curricular e de planificação, bem como referenciais de avaliação, estes não devem agrilhoar o processo educativo, que deve ser capaz de se adaptar a uma multiculturalidade e heterogeneidade crescentes. A educação deve ser capaz de ir além dos resultados, dos *rankings*, dos quadros de mérito, e apostar cada vez mais no desenvolvimento de competências sociais que permitam uma verdadeira vivência em comunidade; para além disso, a consciência ambiental deve ser despertada desde cedo nos alunos, como responsáveis pelo futuro do planeta.

Só assim poderemos falar verdadeiramente de uma educação holística, e apta para enfrentar os desafios do mundo atual.

Ao planificar uma aula, considera-se uma ampla gama de aspetos, como objetivos de aprendizagem, diferenciação, avaliação da aprendizagem, alfabetização e numeramento, trabalhos de casa, bem como atividades individuais e os recursos relevantes para acompanhá-las.

No entanto, deverá existir também uma preocupação com a atividade inicial ou de motivação; poderá tratar-se de algo muito simples, mas na realidade a planificação desta atividade não deve ser subestimada, uma vez que precisamos de algo cativante para chamar a atenção dos alunos, e para que eles se interessem pela aula.

Uma boa atividade inicial faz, no entanto, mais do que apenas despertar interesse: ela pode introduzir um conceito de forma que os alunos se lembrem dele

muito tempo depois de ser transmitido, portanto, também funcionará como um gatilho de memória para a recuperação do conhecimento.

A atividade inicial pode assumir várias formas, apelando à criatividade; para além de uma atividade, podemos também recorrer a imagens, música, vídeos ou artefactos.

Aula 1 – O Judaísmo: caracterização histórica, geográfica e religiosa; símbolos; festas principais; templo.

Tratando-se da primeira aula acerca das religiões abraâmicas, procedeu-se a um enquadramento do tema, tendo em conta os conteúdos previamente explorados pela Dr^a Eugénia, nomeadamente os que concernem à universalidade do fenómeno religioso.

A aula iniciou com a saudação “Shalom” escrita em hebraico, e com o docente a envergar um *kippá*, de modo a despertar a curiosidade dos alunos.

Os artefactos religiosos têm sido cada vez mais utilizados como recursos valiosos na sala de aula de EMRC. Eles podem adicionar autenticidade e interesse ao currículo. Os artefactos religiosos são essencialmente objetos usados no culto, como um cálice no Cristianismo ou um tapete de oração no Islão. No entanto, a palavra “artefacto” tem conotações arqueológicas, enquanto os artefactos religiosos são partes integrantes de tradições vivas. Isso deve ser lembrado ao planificar o uso de artefactos em EMRC. Embora tenha havido uma ênfase no potencial de aprendizagem de ver, tocar, cheirar, provar, associado ao uso de artefactos religiosos, também é importante considerar como esses objetos são usados dentro das tradições específicas. Em alguns casos, pode não ser apropriado permitir aos alunos acesso total a um objeto. De facto, às vezes manter distância entre os alunos e os artefactos pode ajudar a reforçar a compreensão do numinoso e da reverência e mistério associados à religião. Quando são utilizados artefactos em sala de aula, é essencial que os professores estejam cientes da sua importância simbólica e garantam que esses objetos sejam tratados com respeito. Se forem tratados com respeito, é pouco provável que qualquer ofensa seja causada. Em caso de dúvida, é aconselhável que os professores falem com os membros da comunidade de fé. Isso pode incluir alunos, pais e outros membros da equipa.

Por exemplo, deve-se dar atenção especial ao manuseio e armazenamento do Alcorão. Deve ser manuseado sempre com as mãos limpas, longe de pisos sujos, envolto num pano limpo e colocado em prateleira alta quando armazenado. Os rolos da

Torah não devem ser tocados. As réplicas estão disponíveis para utilização em sala de aula.

Optou-se por dar particular destaque à visualização de um vídeo sobre o Judaísmo, uma vez que, neste recurso, as ideias seriam apresentadas pessoalmente por um rabi, Américo Couto, o que permitiria uma maior proximidade e conhecimento de causa relativamente às temáticas a abordar.

Foram também apresentados alguns objetos referentes ao Judaísmo, na expectativa de despertar a curiosidade e o interesse dos alunos, e materializar símbolos que, geralmente, apenas são exibidos na forma de imagem. Os objetos foram os seguintes:

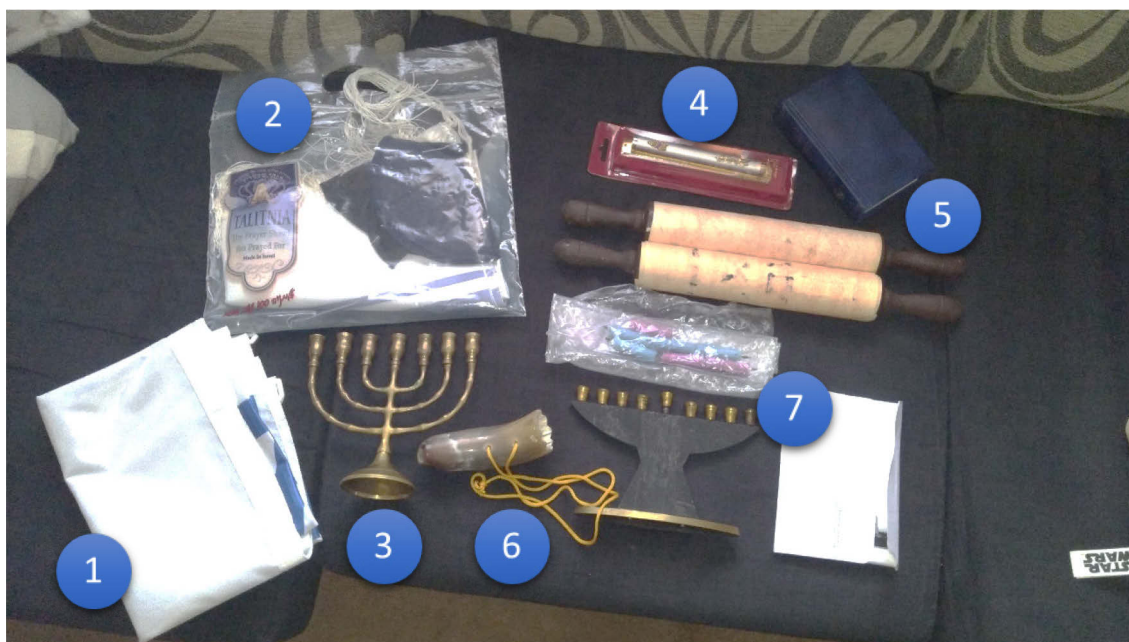


Figura 1: Objetos do Judaísmo (1 – Bandeira de Israel; 2 – *tallit* e *kippás*; 3 – *menorah*; 4 – *mezuzah*; 5 – *Torah* (*megillot* e livro); 6 – *shofar*; 7 – *Hanukkah*)

A apresentação dos objetos foi acompanhada com grande interesse e intervenções dos alunos, que conseguiram reconhecer alguns dos objetos a partir de imagens relacionadas com o Judaísmo que já tinham visto anteriormente, noutros contextos.

Como pontos fortes, começamos por referir o vídeo apresentado: o facto de as noções gerais acerca do Judaísmo terem sido transmitidas por um rabi, que falava português fluentemente, e que conhecia o professor estagiário, permitiu a exploração dos conteúdos de forma personalizada, ao mesmo tempo que ajudou a clarificar alguns conceitos menos conhecidos ou compreendidos.

O recurso aos símbolos foi também bastante pertinente, uma vez que, ao estarem na mesa do professor desde o início da aula, chamaram a atenção dos alunos para o facto que iria acontecer algo de diferente, e por outro lado ajudaram a dissipar uma ideia de distanciamento relativa ao Judaísmo, mostrando que a religião está presente inclusive no nosso país.

Quanto a pontos de melhoria, importa referir que o vídeo sobre o Judaísmo, apesar da sua grande utilidade, tornou-se em alguns momentos mais difícil de acompanhar, uma vez que o vasto conhecimento do rabi Américo Couto fez com que ele recorresse, por vezes, a termos e expressões (como “teofania”) que não eram de fácil compreensão pelos alunos.

Para além disso, tratando-se de uma religião com diversas particularidades, a gestão do tempo tornou-se um fator a melhorar e a ter em conta nas aulas seguintes, de modo a evitar que os conteúdos fossem abordados de forma demasiado rápida ou superficial.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: As Religiões – UL2

Aula: 1/6

Ano: 7º | Turma: F

Data: 09/02/2022

Tempo previsto: 45 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Breve saudação, acolhimento e verificação das presenças. Projeção do sumário e seu registo no caderno diário. (O docente enverga um kippá, para despertar a curiosidade dos alunos)	Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)	Projeto INOVAR Computador Projetor Caderno diário Material de escrita	5'	Grelha de observação direta Grelha de registo da assiduidade Material/atitudes/postura/ pontualidade/empenho/ Responsabilidade:
Religião e Experiência Religiosa	Compreender o núcleo central constitutivo da identidade das religiões abraâmicas	Abraão e o monoteísmo absoluto. As religiões abraâmicas: Judaísmo.	Revisão oral sobre os conteúdos abordados na aula anterior.	Conhecedor/ Sabedor/ Culto/ Informado (A, B, I); Sistematizador/ organizador; (A, B, C, I); Questionador (A, F, I); Participativo/colaborador (A, B, C, D, E, F, H, I); Comunicador (A, B, D, H); Crítico/Analítico (A, B, C, D);	Quadro / Caneta / Apagador	5'	Grelha de observação direta Participação / Empenho / Atenção
	Identificar exemplos relevantes do património artístico criados com base nas religiões	<ul style="list-style-type: none"> Marcos essenciais da história das religiões; Textos sagrados e princípios básicos da fé; Calendário, rituais, espiritualidade e festas religiosas; “Cidades santas” e 	Chuva de ideias sobre conceitos associados ao Judaísmo – construção de uma wordcloud	Quadro / Caneta / Apagador	5'		
			Visualização de excertos do vídeo “O		Computador	20'	

		<p>locais de culto.</p> <ul style="list-style-type: none"> A diversidade no contexto da mesma fé. 	<p>Judaísmo.mp4", acompanhada de alguns momentos de apresentação de conteúdos por parte do docente. Os alunos registam no caderno uma síntese das ideias apresentadas.</p> <p>Apresentação dos símbolos colocados previamente na mesa do professor, acompanhado de diálogo vertical e horizontal para identificação desses símbolos.</p> <p>Síntese conclusiva da aula.</p>	<p>Respeitador da diferença/do outro (A, B, D, E, F, H)</p>	<p>Projektor Caderno diário Material de escrita</p> <p>Símbolos do Judaísmo: menorah, Torah, mezuzah, tallit, kippá, ...</p>	<p>5'</p> <p>5'</p>	
--	--	--	---	---	--	---------------------	--

Aula 2 – O Cristianismo: caracterização histórica, geográfica e religiosa; símbolos; festas principais; templo.

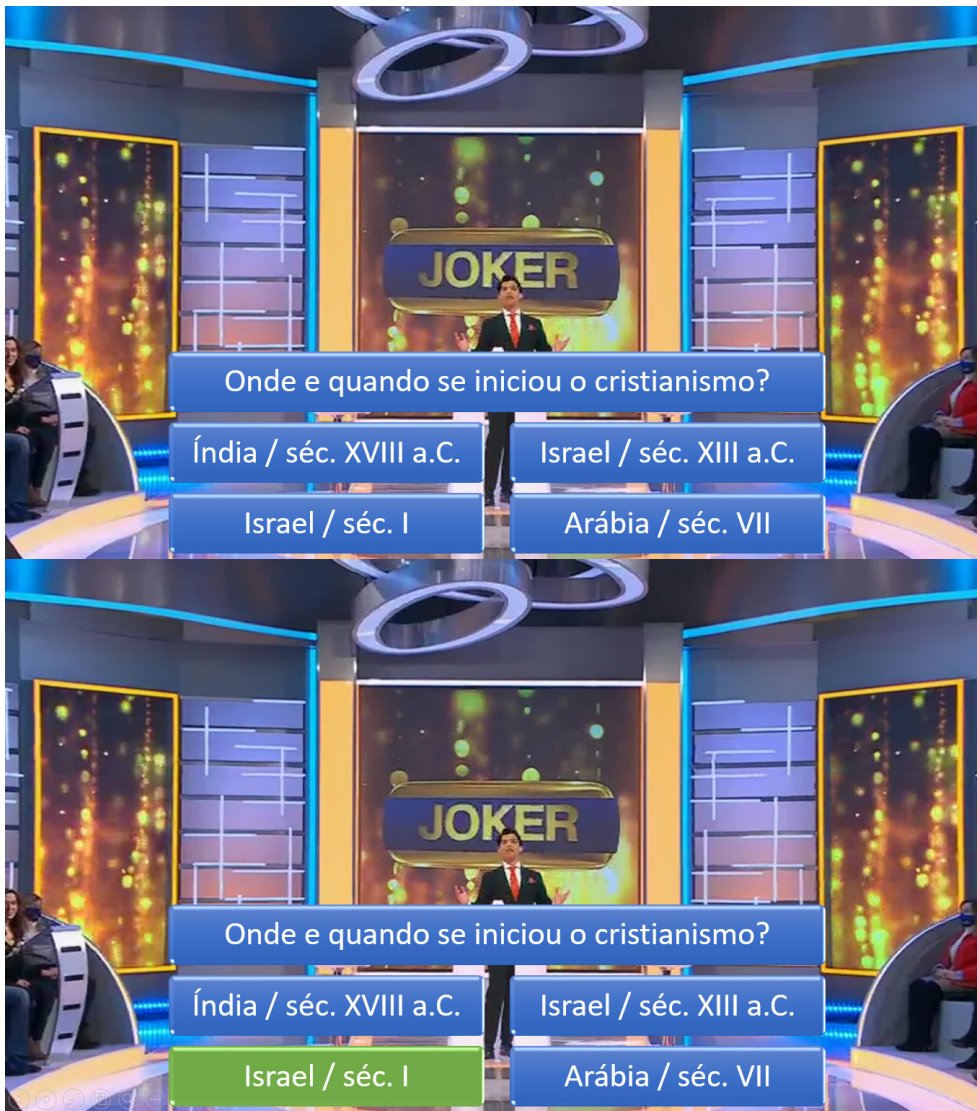
A educação é uma necessidade de todo o ser humano; isso é particularmente importante quando se trata da compreensão do culto e da própria religião. A religião não impede o desenvolvimento da civilização e do conhecimento; na verdade, enfatiza a importância da ciência e do conhecimento na vida. No entanto, devido a diferenças no nível de habilidade e métodos de aprendizagem individuais, o método de aprendizagem precisa de ser diversificado. Vários métodos de inovação na aprendizagem foram introduzidos para fazer com que as aulas implementadas tenham impacto nos alunos.

Nesta aula, na qual esteve presente a Prof^a. Doutora Isabel Varanda, optou-se por uma abordagem diferente, baseada no modelo de aula invertida, aliado à gamificação – a gamificação surge como uma metodologia que permite ao professor recorrer a ferramentas digitais para proporcionar emoções que cativem e envolvam os alunos; com base no conhecimento adquirido no desenvolvimento de jogos, é possível preparar e dinamizar atividades que possam ser motivadoras e desafiadoras para os alunos.

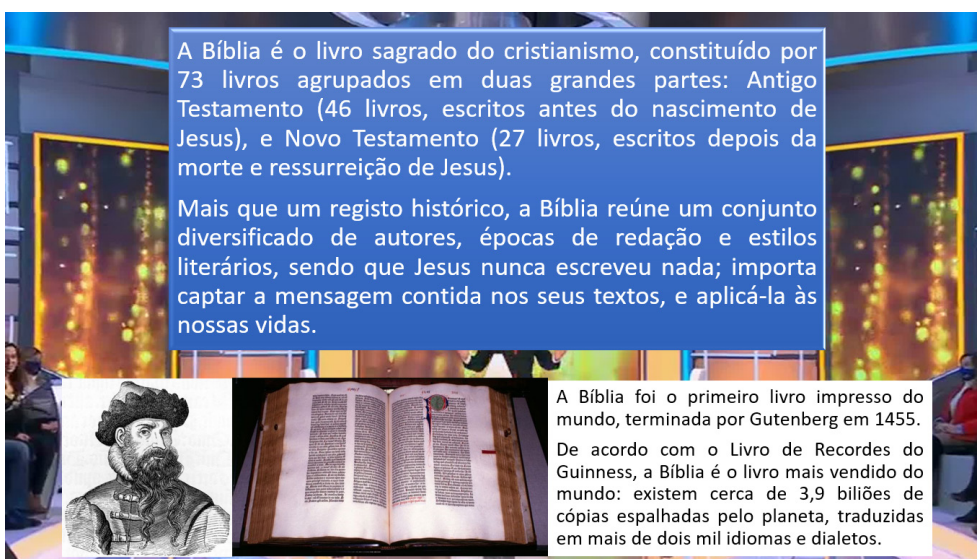
Deste modo, seriam os alunos a explorar o tema do Cristianismo, através de um jogo elaborado pelo docente, o “Joker do Cristianismo”, um PowerPoint interativo que permitia aos alunos fazerem um jogo de perguntas e respostas baseado no concurso da televisão. O objetivo seria promover a autonomia, a colaboração entre pares e o espírito crítico por parte dos alunos. O regulamento do jogo foi apresentado aos alunos no início da aula.



Figura 2: Logotipo do jogo “Joker do Cristianismo”



Figuras 3 e 4: Questões do jogo



Figuras 5: Exemplo de informação associada à resposta correta



Figura 6: Mensagem de parabéns pela conclusão do jogo

No final da aula, foi apresentado o vídeo “O Cristianismo (EMRC - 7ºAno)”, contendo um resumo das temáticas exploradas durante o jogo.

Sem dúvida que o ponto alto desta aula foi o jogo: os alunos mostraram-se bastante participativos, querendo responder, levantando questões, acompanhando de forma entusiástica o desenrolar da dinâmica. Também foi visível uma maior proximidade e à-vontade relativamente ao professor estagiário, o que permitiu uma maior interação entre este e os alunos.

Algumas questões apresentadas durante o jogo necessitariam de ser modificadas, de modo a promover uma desambiguação de conceitos, uma vez que, ao considerar que uma das opções era a correta, as outras seriam erradas, o que nem sempre era assim.

Por outro lado, notou-se que, em alguns pontos, os conteúdos abordados, por terem seguido de perto a forma como eram apresentados no manual da disciplina, careciam de maior aprofundamento, o que, em última análise, leva a considerarmos que o referido manual apresenta algumas lacunas em termos científico-teológicos.

Mais uma vez o tempo fez-se pouco para uma aula tão diversificada; ainda assim, conseguiu-se cumprir com todos os pontos previstos na planificação.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: As Religiões – UL2

Aula: 2/6

Ano: 7º | Turma: F

Data: 16/02/2022

Tempo previsto: 45 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Breve saudação, acolhimento e verificação das presenças. Projeção do sumário e seu registo no caderno diário.	Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)	Projeto INOVAR Computador Projeter Caderno diário Material de escrita	5'	Grelha de observação direta Grelha de registo da assiduidade Material/atitudes/postura/ pontualidade/empenho/ Responsabilidade:
Religião e Experiência Religiosa	Compreender o núcleo central constitutivo da identidade das religiões abraâmicas	As religiões abraâmicas: Cristianismo. <ul style="list-style-type: none"> Marcos essenciais da história das religiões; Textos sagrados e princípios básicos da fé; Calendário, rituais, espiritualidade e festas religiosas; “Cidades santas” e locais de culto. 	Revisão oral sobre os conteúdos abordados na aula anterior.	Conhecedor/ Sabedor/ Culto/ Informado (A, B, I); Sistematizador/ organizador; (A, B, C, I); Questionador (A, F, I); Participativo/colaborador (A, B, C, D, E, F, H, I); Comunicador (A, B, D, H); Crítico/Analítico (A, B, C, D);	Quadro / Caneta / Apagador	5'	Grelha de observação direta Participação / Empenho / Atenção
Cultura e Visão Cristã da Vida	Identificar exemplos relevantes do património artístico criados com base nas religiões		Apresentação do “JOKER DO CRISTIANISMO” e respetivas regras de jogo		Computador Projeter	5'	
Ética e Moral			Aplicação do jogo “JOKER DO CRISTIANISMO”.		Computador Projeter Cartões com os Jokers e os pontos Bostik	24'	
						6'	

		<ul style="list-style-type: none"> • A diversidade no contexto da mesma fé. <p>O Deus de Jesus Cristo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pai; • Deus de salvação, misericórdia, inequivocamente bom; • Deus que ama todo o ser humano de forma incondicional. 	<p>Síntese conclusiva da aula, através da visualização do vídeo “O Cristianismo (EMRC - 7ºAno)”.</p> <p>Entrega de um exemplar da brochura “A História de Jesus Cristo” a cada aluno.</p>	<p>Respeitador da diferença/do outro (A, B, D, E, F, H)</p>	<p>Temporizador</p> <p>Computador</p> <p>Projetor</p> <p>Caderno diário</p> <p>Material de escrita</p>		
--	--	--	---	---	--	--	--

Aula 3 – O Islão: caracterização histórica, geográfica e religiosa; símbolos; festas principais; templo.

À semelhança da aula sobre o Judaísmo, esta iniciou com a saudação “*Salaam Aleikum*” escrita em árabe, e com a respetiva contextualização, tendo o docente procurado fazer um paralelismo com a expressão portuguesa “salamaleque”, em jeito de curiosidade.

Na aula sobre o Islão enveredou-se pela utilização de uma nova ferramenta, o Mentimeter (<https://mentimeter.com>), que permitiu criar uma *wordcloud* com conceitos associados ao Islão indicados pelos alunos, de modo a tentar, desde logo, desconstruir alguns conceitos prévios dos alunos.

O Mentimeter é um tipo de ferramenta de votação do Sistema de Resposta do Aluno (SRS) que incentiva os alunos a envolverem-se em discussões e debates através dos seus dispositivos portáteis, como telemóveis, portáteis ou tablets. O Mentimeter, como o Poll Everywhere e o Socrative, permite um feedback rápido e anónimo de questões quantitativas e qualitativas feitas durante uma atividade. Utilizando os seus dispositivos, os alunos acedem à página do Mentimeter e inserem um código exclusivo de seis dígitos, para que possam enviar as suas respostas. As respostas do grupo são exibidas de forma instantânea e anónima no ecrã do professor e armazenadas num banco de apresentações que o tutor pode aceder posteriormente.

Go to www.menti.com and use the code 3954 5925

Word Cloud

Mentimeter



15

Figura 7: Wordcloud resultante da utilização do Mentimeter

Quanto à estratégia principal, optou-se pela realização de um trabalho de grupo sobre o Islão: os alunos deveriam recolher informações sobre cada um dos pontos elencados na grelha das religiões, e registar no caderno diário. Com isto pretendeu-se desenvolver a capacidade de pesquisa, recolha, e sistematização de informação por parte dos alunos.

Os resultados deste trabalho de grupo seriam apresentados e discutidos na aula seguinte.

A utilização das tecnologias em sala de aula deve ser implementada desde os primeiros anos de escolaridade, numa era digital como a que nos encontramos, mas sempre de forma orientada e responsável. Deste modo, o recurso a um trabalho de pesquisa acompanhado pelo docente permitiu o estabelecimento de algumas regras de utilização do telemóvel como equipamento para busca de informação, ajudando os alunos a perceber de que modo deveriam proceder para encontrar e seleccionar a informação desejada, ao mesmo tempo que desenvolviam competências de trabalho em grupo, como a distribuição de tarefas, e o respeito pela opinião dos pares.

Novamente, a principal dificuldade encontrada foi a gestão do tempo, uma vez que, sendo a aula de apenas 45 minutos, para além de ser a primeira aula do dia, isso fez com que alguns contratempos, como a chegada tardia de alguns alunos, os diferentes ritmos no registo do sumário, e o acesso à informação através do telemóvel, atrasassem o trabalho de pesquisa por parte dos alunos.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: As Religiões – UL2

Aula: 3/6

Ano: 7º | Turma: F

Data: 23/02/2022

Tempo previsto: 45 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Breve saudação, acolhimento e verificação das presenças. Projeção do sumário e seu registo no caderno diário. (O docente enverga um kufi, para despertar a curiosidade dos alunos)	Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)	Projeto INOVAR Computador Projetor Caderno diário Material de escrita	5'	Grelha de observação direta Grelha de registo da assiduidade Material/atitude/postura/pontualidade/empenho/Responsabilidade:
Religião e Experiência Religiosa	Compreender o núcleo central constitutivo da identidade das religiões abraâmicas	As religiões abraâmicas: Islão. <ul style="list-style-type: none"> Marcos essenciais da história das religiões; Textos sagrados e princípios básicos da fé; Calendário, rituais, espiritualidade e festas religiosas; “Cidades santas” e locais de culto. 	Revisão oral sobre os conteúdos abordados na aula anterior, com preenchimento da grelha das religiões fornecida previamente.	Conhecedor/ Sabedor/ Culto/ Informado (A, B, I); Sistematizador/ organizador; (A, B, C, I); Questionador (A, F, I); Participativo/colaborador (A, B, C, D, E, F, H, I); Comunicador (A, B, D, H); Crítico/Analítico (A, B, C, D);	Quadro / Caneta / Apagador / Grelha das religiões	15'	Grelha de observação direta Participação / Empenho / Atenção
	Identificar exemplos relevantes do património artístico criados com base nas religiões		Chuva de ideias sobre conceitos associados ao Islão – construção de uma wordcloud		Telemóvel Mentimeter Computador Projetor	10'	
			Realização de um trabalho de pesquisa em grupo (grupos de 4		Telemóvel Computador	15'	

		<ul style="list-style-type: none"> A diversidade no contexto da mesma fé. 	<p>elementos), sobre o Islão: os alunos deverão recolher informações sobre cada um dos pontos elencados na grelha das religiões, e registar no caderno diário.</p>	<p>Respeitador da diferença/do outro (A, B, D, E, F, H)</p>	<p>Projeto Caderno diário Material de escrita</p>		
--	--	--	--	---	---	--	--

Aula 4 – Conclusão do estudo do Islão. O Hinduísmo: caracterização histórica, geográfica e religiosa; símbolos; festas principais; templo.

Nesta aula deu-se seguimento ao trabalho de pesquisa realizado na aula anterior, com a apresentação dos resultados por parte dos alunos. A opção por um modelo mais “tradicional”, com os alunos a apresentarem os resultados da pesquisa à turma, permitiu desenvolver competências no campo da oralidade, da capacidade de síntese, e da troca de ideias de forma organizada e proativa, sabendo acolher os comentários recebidos de forma construtiva.

Depois optou-se, mais uma vez, pela apresentação de símbolos do Islão colocados previamente na mesa do professor: após a grande receptividade para esta estratégia, por parte dos alunos, na aula sobre o Judaísmo, entendeu-se ser útil a sua repetição sempre que tal se proporcionasse.

A natureza simbólica dos artefactos ajuda muitas vezes o aluno a articular o que não consegue captar em palavras, reforçando, uma vez mais, o argumento da existência de artefactos religiosos dentro da sala de aula. Estes objetos, utilizados na vida e prática das religiões, podem ser uma forma poderosa de proporcionar aos alunos experiências da religião na primeira pessoa em sala de aula. É importante a experiência do visível e do tangível para a compreensão da religião. Um artefacto religioso é um objeto feito à mão ou feito à máquina; artefactos islâmicos, sikhs e hindus costumam ser baratos, assim como alguns objetos judeus e cristãos. Os alunos podem ser convidados a fabricar os seus próprios artefactos religiosos, de acordo com as orientações do professor; outras vezes, os membros das comunidades fazem contribuições. Tal como referido anteriormente, o docente deve realçar a importância simbólica dos artefactos religiosos, independentemente da sua proveniência, e garantir que esses objetos sejam tratados com respeito; por exemplo, ao utilizar um tapete de oração muçulmano, o docente pode pedir aos alunos que façam as posições de oração para ajudar a internalizar o simbolismo ou entrar nos sentimentos de um muçulmano. Antes de usar artefactos relacionados com o ritual, alguns professores podem recorrer ao mundo conhecido dos alunos para levantar aquelas questões universais que os artefactos também levantam.

Os objetos apresentados foram os seguintes:

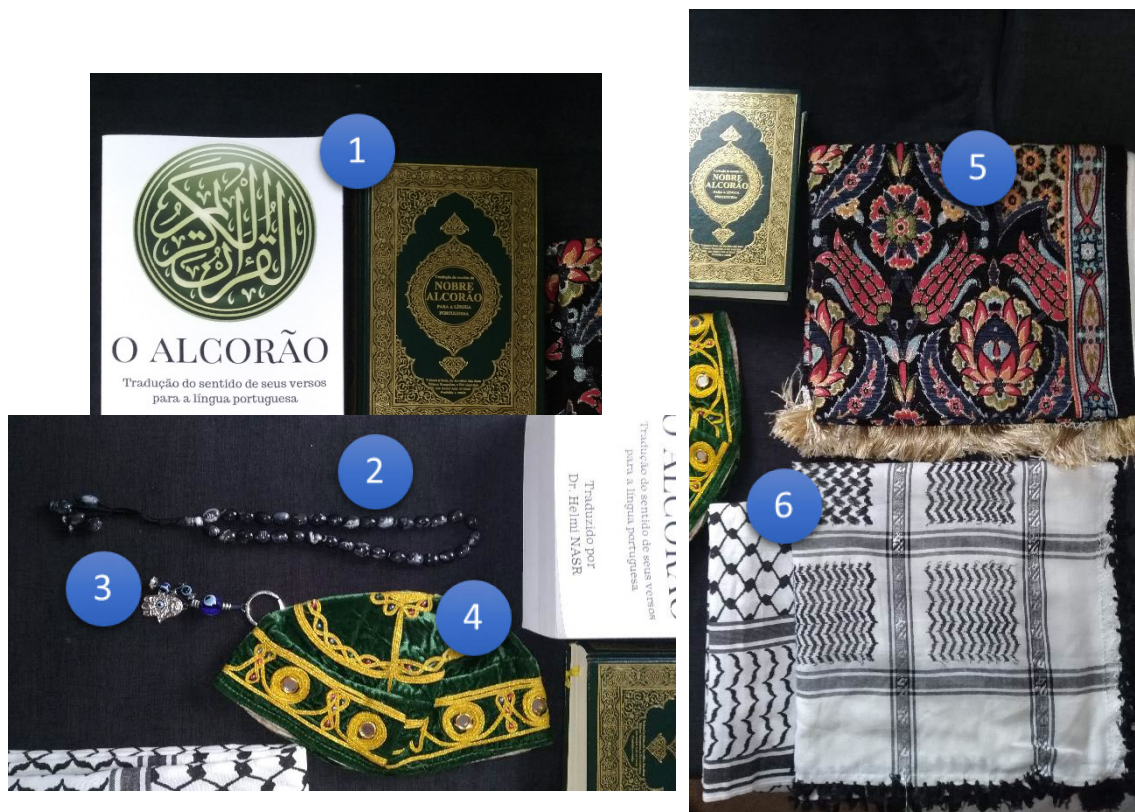


Figura 8: Objetos do Islão (1 – Alcorão (duas versões); 2 – *masbaha*; 3 – *hamsá* ou Mão de Fátima; 4 – *kufi*; 5 – tapete de oração; 6 – *keffiyehs*)



Figura 9: Bandeira da Turquia

Esta estratégia foi replicada momentos mais tarde quando, após o enquadramento das religiões orientais e o início da abordagem ao Hinduísmo, foram apresentadas aos alunos as estatuetas de Vishnu e Ganesha:



Figura 10: Estatuetas de Vishnu e Ganesha (da esquerda para a direita, respetivamente)

Novamente, a apresentação dos objetos foi acompanhada com grande interesse e intervenções dos alunos, comprovando que se trata de uma estratégia que aproxima os conteúdos explanados, promovendo uma maior aceitação do pluralismo religioso.

Foi ainda apresentado o vídeo “Ganesha - O deus com cabeça de elefante”, por se tratar de um filme de animação de curta duração (2 minutos e 42 segundos), que retrata de forma simples, mas com correção teológica, a história do deus hindu Ganesha, despertando a curiosidade dos alunos para a riqueza e diversidade das divindades hindus.

Mais uma vez, a apresentação de objetos/símbolos das religiões em estudo deixa os alunos num estado de “agitação boa”, ao quererem ver de perto, perguntar sobre pormenores, comparar com objetos semelhantes que já encontraram noutros locais e contextos, promovendo um maior questionamento, participação, colaboração, comunicação e análise crítica.

Também o vídeo utilizado se revelou uma boa aposta, pois apesar de se tratar de uma turma de sétimo ano, os alunos ainda reagem muito bem a filmes de animação, ajudando também a aligeirar os últimos momentos de aula.

O principal revés desta aula foi, mais uma vez, a gestão do tempo, pois, apesar de ter sido possível cumprir com a planificação de aula, alguns conceitos, nomeadamente do Islão, foram abordados de forma mais rápida, e talvez não tenham sido completamente interiorizados por todos os alunos.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: As Religiões – UL2

Aula: 4/6

Ano: 7º | Turma: F

Data: 02/03/2022

Tempo previsto: 45 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Breve saudação, acolhimento e verificação das presenças. Projeção do sumário e seu registo no caderno diário.	Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)	Projeto INOVAR Computador Projetor Caderno diário Material de escrita	5'	Grelha de observação direta Grelha de registo da assiduidade Material/atitudes/postura/ pontualidade/empenho/ Responsabilidade:
SUMÁRIO: Conclusão do estudo do Islão. O Hinduísmo: caracterização histórica, geográfica e religiosa; símbolos; festas principais; templo.							
Religião e Experiência Religiosa	Compreender o núcleo central constitutivo da identidade das religiões abraâmicas Identificar as tradições religiosas orientais Identificar exemplos relevantes do património artístico criados com base nas religiões	As religiões abraâmicas: Islão. <ul style="list-style-type: none"> Marcos essenciais da história das religiões; Textos sagrados e princípios básicos da fé; Calendário, rituais, espiritualidade e festas religiosas; “Cidades santas” e locais de culto. 	Apresentação e discussão dos resultados do trabalho de pesquisa em grupo: um dos elementos do grupo apresenta os resultados da pesquisa do grupo à turma, dando lugar a um diálogo vertical e horizontal, com vista a uma síntese da informação recolhida pelos diversos grupos. Apresentação dos símbolos do Islão colocados previamente na mesa do professor, acompanhado de diálogo	Conhecedor/ Sabedor/ Culto/ Informado (A, B, I); Sistematizador/ organizador; (A, B, C, I); Questionador (A, F, I); Participativo/colaborador (A, B, C, D, E, F, H, I); Comunicador (A, B, D, H); Crítico/Analítico (A, B, C, D);	Telemóvel Computador Projetor Caderno diário Material de escrita Símbolos do Islão: bandeira da Turquia, Alcorão,	15' 10'	Grelha de observação direta Participação / Empenho / Atenção

		<ul style="list-style-type: none"> A diversidade no contexto da mesma fé. <p>Tradições religiosas orientais: Hinduísmo.</p>	<p>vertical e horizontal para identificação desses símbolos.</p> <p>Diálogo vertical e horizontal para enquadramento das religiões orientais, acompanhado da apresentação das estatuetas de Vishnu e Ganesha, e da visualização do vídeo "Ganesha - O deus com cabeça de elefante"</p>	<p>Respeitador da diferença/do outro (A, B, D, E, F, H)</p>	<p>tapete de oração, kufi, keffiyehs, hamsá ou Mão de Fátima, masbaha ou misbaha (também conhecido como subha, tasbih ou tespah)</p> <p>Símbolos do Hinduísmo: estatuetas de Vishnu e Ganesha</p>	<p>15'</p>	
--	--	--	--	---	---	------------	--

Aula 5 – Conclusão do estudo do Hinduísmo. O Budismo: caracterização histórica, geográfica e religiosa; símbolos; festas principais; templo. Noções básicas do Confucionismo.

De modo a tentar fazer uma melhor gestão de tempo, otimizando assim o ritmo da aula, procedeu-se, num primeiro momento, a uma revisão dos conteúdos abordados na aula anterior, através da projeção do manual da disciplina, permitindo aos alunos fazerem anotações sobre os aspetos mais relevantes, bem como quais as páginas do manual em que poderiam encontrá-los, numa leitura posterior.

Para além disso adotou-se, como estratégia principal, o recurso a vídeos-síntese do Hinduísmo e do Budismo, que serviram de ponto de partida para a abordagem às duas religiões; sendo que “uma imagem vale mais que mil palavras”, neste caso, ao utilizar vídeos de curta duração (2 minutos e 2 segundos para o vídeo sobre o Hinduísmo e 1 minutos e 54 segundos para o outro, sobre o Budismo) foi possível tratar os diversos conteúdos de forma mais rápida, mas igualmente eficaz.

Nas últimas décadas, pudemos observar o crescente impacto da tecnologia na maioria das áreas da sociedade. Na educação, temos visto um movimento significativo para integrar as diferentes potencialidades da tecnologia no quotidiano académico. Os vídeos são destacados como estando entre os recursos mais importantes no campo educacional tecnológico e são utilizados com o objetivo de melhorar o desempenho académico por meio da sua ampla influência social. O uso do vídeo como recurso educacional tem crescido nos últimos anos, tornando-se praticamente insubstituível em situações académicas que necessitam de uma metodologia online ou à distância para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, como pudemos verificar durante o período de emergência experimentado devido à pandemia de COVID-19.

A utilização do vídeo é suportada por inúmeras pesquisas e princípios pedagógicos que podemos encontrar ao longo da história da educação. De entre elas, podemos destacar a teoria sociocultural de Vygotsky, onde os vídeos fariam parte da interação social no desenvolvimento cognitivo dos alunos. Esses princípios têm favorecido a construção do currículo que leva em conta as correntes construtivistas, onde o vídeo pode desempenhar um papel fundamental. Por esta razão, a implementação do vídeo gera novos contextos de aprendizagem que moldam e transformam os processos mentais promovidos pelo ensino. Além disso, a teoria da aprendizagem vicária apoia o uso de vídeos por meio do processo de observação pelos utilizadores de exemplos ou experiências oferecidas por outras pessoas. Desta forma,

este processo de aprendizagem permite ao utilizador desenvolver a sua capacidade de autoconhecimento e de autonomia. Nos últimos anos, destaca-se o uso da metodologia da sala de aula invertida na educação, que ao modificar a estrutura tradicional do processo de ensino, tende a focar a sua eficácia no uso de vídeos pelos alunos.

Esta estratégia foi complementada com a visualização de objetos referentes ao Hinduísmo e ao Budismo, a saber:

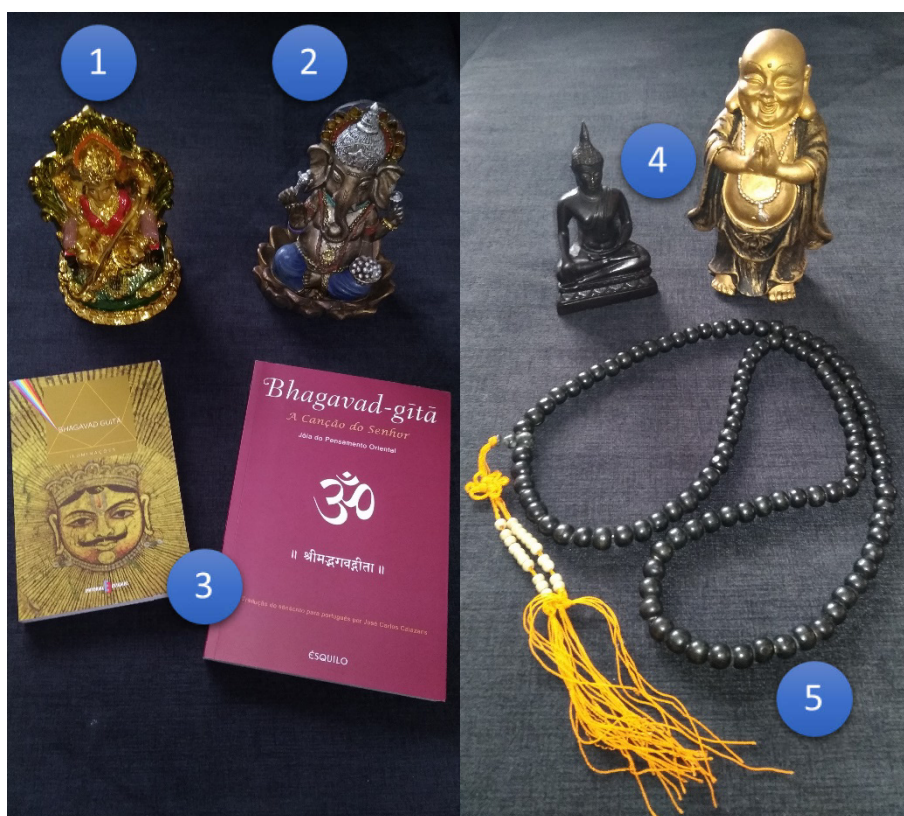


Figura 11: Objetos do Hinduísmo e do Budismo (1 – Vishnu; 2 – Ganesha; 3 – *Bhagavad-gītā* (duas versões); 4 – Buda (duas versões); 5 – *japamālā*)

A apresentação de símbolos das religiões tem-se revelado bastante profícua, e os alunos continuam a aderir de forma bastante entusiástica a esta dinâmica.

O recurso a filmes explicativos de animação e com curta duração, relativos ao Hinduísmo e ao Budismo, facilitou a abordagem a duas religiões orientais algo complexas, que parecem aos alunos simultaneamente distantes e diferentes dos conceitos que possuem acerca da religião.

Mais uma vez, o “*show and tell*” promovido pela apresentação dos objetos ajudou a dinamizar a aula, e assim prender a atenção dos alunos, que se sentiam impelidos a participar sem darem por isso.

A principal dificuldade ao abordar as religiões orientais é, sem dúvida, torná-las mais simples e mais próximas aos olhos dos alunos. Esta tarefa teria sido mais bem-

sucedida dispondo de mais uma aula para abordar estas temáticas, e eventualmente complementando com outros recursos, como o testemunho de hinduístas ou budistas. Deste modo, e mais uma vez, houve uma batalha contra o tempo, que se fez pouco para tudo o que poderia ser dito acerca do Hinduísmo e do Budismo.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: As Religiões – UL2

Aula: 5/6

Ano: 7º | Turma: F

Data: 09/03/2022

Tempo previsto: 45 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Breve saudação, acolhimento e verificação das presenças. Projeção do sumário e seu registo no caderno diário.	Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)	Projeto INOVAR Computador Projetor Caderno diário Material de escrita	5'	Grelha de observação direta Grelha de registo da assiduidade Material/atitudes/postura/ pontualidade/empenho/ Responsabilidade:
SUMÁRIO: Conclusão do estudo do Hinduísmo. O Budismo: caracterização histórica, geográfica e religiosa; símbolos; festas principais; templo. Noções básicas do Confucionismo.							
Religião e Experiência Religiosa	Identificar as tradições religiosas orientais Identificar exemplos relevantes do património artístico criados com base nas religiões	Tradições religiosas orientais: Hinduísmo, Budismo e Confucionismo. <ul style="list-style-type: none"> Marcos essenciais da história das religiões; Textos sagrados e princípios básicos da fé; Calendário, rituais, espiritualidade e festas religiosas; “Cidades santas” e 	Revisão oral sobre os conteúdos abordados na aula anterior, com recurso à projeção do manual da disciplina.	Conhecedor/ Sabedor/ Culto/ Informado (A, B, I); Sistematizador/ organizador; (A, B, C, I); Questionador (A, F, I); Participativo/colaborador (A, B, C, D, E, F, H, I); Comunicador (A, B, D, H); Crítico/Analítico (A, B, C, D);	Computador Projetor Quadro / Caneta / Apagador Símbolos do Hinduísmo: estatuetas de Vishnu e Ganesha, Bhagavad-gītā	10'	Grelha de observação direta Participação / Empenho / Atenção
			Visualização do vídeo “O que é o Hinduísmo”. Apresentação dos símbolos do Hinduísmo colocados previamente na mesa do professor, acompanhado de diálogo vertical e horizontal para identificação desses símbolos.			15'	

		locais de culto. <ul style="list-style-type: none"> • A diversidade no contexto da mesma fé. 	Visualização do vídeo “O que é o Budismo”. Apresentação dos símbolos do Budismo colocados previamente na mesa do professor, acompanhado de diálogo vertical e horizontal para identificação desses símbolos.	Respeitador da diferença/do outro (A, B, D, E, F, H)	Símbolos do Budismo: estatuetas do Buda, japamālā	10'	
			Síntese conclusiva da aula.			5'	

Aula 6 – Revisão de conteúdos acerca das temáticas abordadas ao longo da UL 2 - As Religiões. Realização de uma webquest para consolidação e avaliação de conhecimentos.

A aula iniciou com uma revisão oral sobre os conteúdos abordados na aula anterior, através de uma grelha comparativa das três religiões orientais, presente no manual do aluno. Deste modo, a informação foi apresentada de forma mais sistematizada, e através de um recurso que poderia ser consultado posteriormente pelos alunos.

Tratando-se da última aula lecionada, a escolha recaiu sobre uma estratégia globalizante, que permitisse mobilizar todo o conhecimento reunido pelos alunos durante as aulas anteriores, de uma forma diversificada e desafiante. Nesse sentido, foi elaborada uma webquest, denominada “A Volta ao Mundo das Religiões”, à qual os alunos acederam através do seguinte url:

<https://voltaomundoreligioes.wixsite.com/religioes>

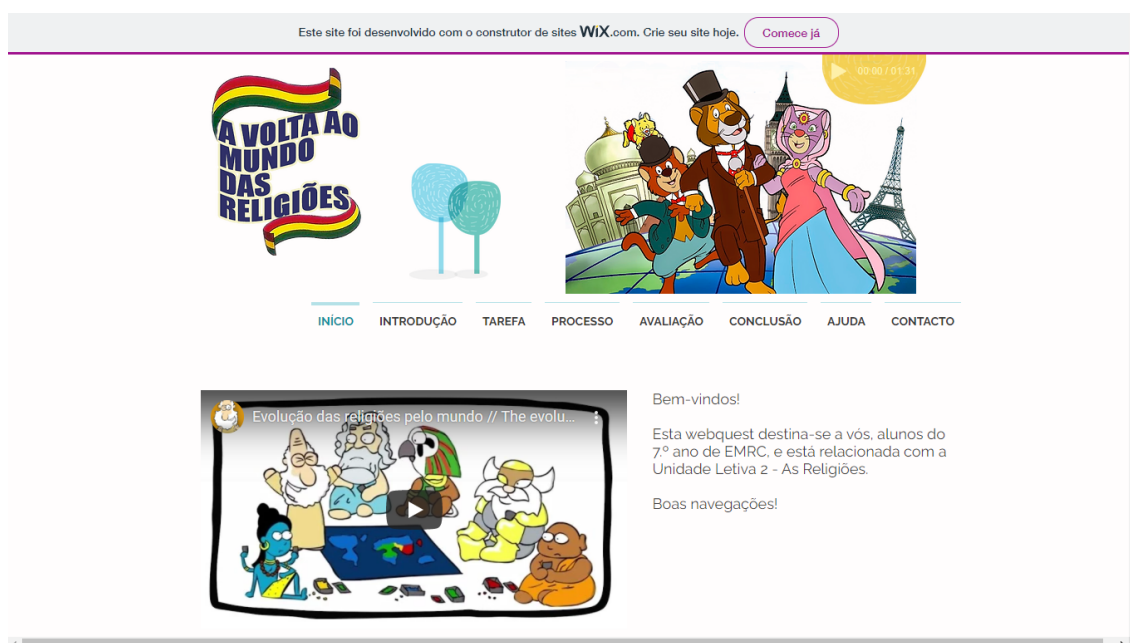


Figura 12: Página inicial da webquest “A Volta ao Mundo das Religiões”

Em contextos educacionais, a *world wide web* pode ser vista como uma fonte de eduentretenimento (entretenimento educativo) que é bastante eficaz do lado do entretenimento, porque a maioria dos alunos está altamente motivada para utilizar a web, mas é muito menos bem-sucedida do lado educacional. Sem um mecanismo

estruturante que permita focar em domínios específicos de aprendizagem, a utilidade da web é drasticamente reduzida. Aprender nesses tipos de contextos não é impossível, mas depende muito da capacidade de seguir um excesso de hiperligações e da absorção passiva de informações. A eficácia da web como ferramenta de aprendizagem pode ser significativamente aumentada combinando-a com ferramentas mais construtivas. Essas ferramentas não devem apenas permitir que os alunos criem representações que sejam interessantes para eles, mas também interessantes o suficiente para compartilhar com outros alunos. Assim, a webquest, um sistema que combina a WWW com a noção de um jogo de busca interativo, permite aos jogadores responderem a perguntas para adquirir objetos importantes necessários para resolver a missão. Essa abordagem oferece várias oportunidades de aprendizagem, através de questões desafiadoras, mas solucionáveis, e fornecem links relevantes para pistas na web. Os jogadores, por sua vez, aprendem resolvendo a missão. Eles podem utilizar os links fornecidos pela webquest como pistas, mas também podem seguir sua própria intuição e usar toda a web como um recurso para resolver a busca.

Após a apresentação da webquest e sua utilização, os alunos formaram grupos, passando em seguida a explorar a webquest. Essa exploração continuou após a aula, devendo os alunos remeter posteriormente as tarefas propostas ao docente; deste modo, seria mantido o vínculo criado entre o professor estagiário e a turma.

No final da aula, o docente reservou alguns momentos para entregar uma pequena lembrança aos alunos, de modo a terminar da melhor forma o caminho iniciado semanas atrás - um certificado personalizado para cada aluno e um chocolate:



Figura 13: Lembranças para os alunos

Por sua vez, o docente foi surpreendido com uma mensagem assinada por todos os alunos:

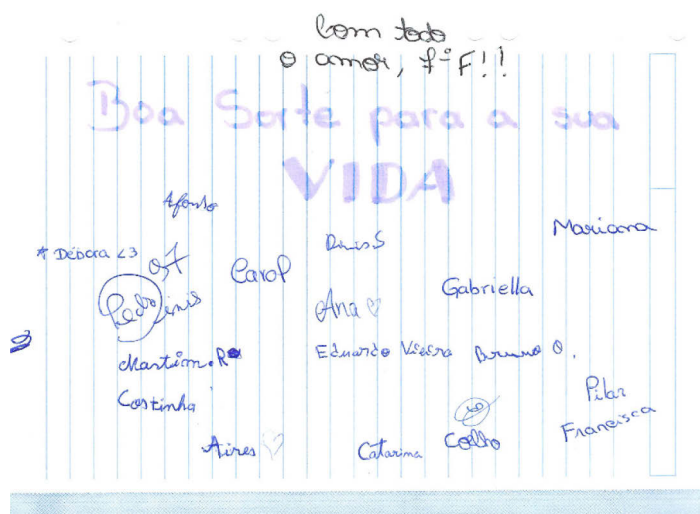


Figura 14: Mensagem assinada pelos alunos

Esta foi, sem dúvida, a aula mais eficaz: por ser a aula em que o professor estagiário sentiu os alunos mais próximos e mais cooperantes, pela forma como receberam a webquest e rapidamente mergulharam nela, pelo sentimento de dever cumprido, pois conseguiu-se abordar todas as temáticas de forma bastante satisfatória, e pela reação dos alunos quando receberam as lembranças, que foi um momento comovente, mais ainda quando o próprio professor estagiário foi surpreendido com a mensagem assinada por parte dos alunos.

A webquest elaborada permitiu aos alunos explorarem os conteúdos abordados durante as aulas de forma mais dinâmica e interativa, incentivando o trabalho em grupo e o estabelecimento de metas, promotores de um bom desempenho escolar. Permitiu ainda a integração das competências digitais no ensino, essenciais nos dias de hoje.

“As WebQuests estão fundadas na convicção de que aprendemos mais e melhor com os outros, e não individualmente. Aprendizagens mais significativas são resultados de atos de cooperação.” Bernie Dodge (1995)

Também se destaca a entrega das lembranças, que parecendo um pormenor de somenos importância, para o professor estagiário fez toda a diferença, pois deste modo os alunos deixaram de ser meros intervenientes temporários neste processo que é o estágio pedagógico, tornando-se únicos e memoráveis.

Nesta aula o único ponto de melhoria a referir será o facto de os alunos terem acedido à webquest através dos seus telemóveis, o que dificultou a realização de algumas atividades; será de pensar no recurso à requisição de uma sala de informática

para uma aula nestes moldes, de modo que os alunos possam explorar a webquest de modo mais adequado.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: As Religiões – UL2

Aula: 6/6

Ano: 7º | Turma: F

Data: 16/03/2022

Tempo previsto: 45 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Breve saudação, acolhimento e verificação das presenças. Projeção do sumário e seu registo no caderno diário.	Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)	Projeto INOVAR Computador Projektor Caderno diário Material de escrita	5'	Grelha de observação direta Grelha de registo da assiduidade Material/atitudes/postura/ pontualidade/empenho/ Responsabilidade:
SUMÁRIO: Revisão de conteúdos acerca das temáticas abordadas ao longo da UL 2 - As Religiões. Realização de uma webquest para consolidação e avaliação de conhecimentos.							
Religião e Experiência Religiosa	Identificar manifestações do fenómeno religioso e da experiência religiosa	O que é «ser religioso». Ser religioso faz sentido. Função da religião na vida pessoal e coletiva:	Revisão oral sobre os conteúdos abordados na aula anterior, através da apresentação de uma grelha comparativa das três religiões orientais.	Conhecedor/ Sabedor/ Culto/ Informado (A, B, I); Sistematizador/ organizador; (A, B, C, I); Questionador (A, F, I); Participativo/colaborador (A, B, C, D, E, F, H, I); Comunicador (A, B, D, H); Crítico/Analítico (A, B, C, D);	Computador Projektor Quadro / Caneta / Apagador	10'	Grelha de observação direta Participação / Empenho / Atenção
Cultura e Visão Cristã da Vida	Perceber a função da religião na vida pessoal e coletiva	<ul style="list-style-type: none"> A aspiração do ser humano à relação com a transcendência; A necessidade da salvação e da plenitude humana. A resposta do ser humano à interpelação do 	Apresentação da webquest “A Volta ao Mundo das Religiões” (https://voltaomundoreligioes.wixsite.com/religoes)		Computador Projektor	5'	
Ética e Moral	Distinguir Monoteísmo de Politeísmo		Exploração da webquest pelos		Telemóvel	20'	

	<p>base nas religiões</p> <p>Identificar as tradições religiosas orientais</p> <p>Compreender o núcleo central constitutivo da identidade das religiões abraâmicas</p> <p>Verificar que os princípios éticos comuns das várias religiões promovem a paz e o bem comum</p>	<p>Absoluto.</p> <p>Símbolos, construções e comportamentos religiosos.</p> <p>A questão do politeísmo e do monoteísmo.</p> <p>As religiões e a sua relação com a magia, os fenómenos naturais, o desejo de eternidade e a busca da felicidade.</p> <p>Abraão e o monoteísmo absoluto.</p> <p>As religiões abraâmicas: Judaísmo, Cristianismo e Islão.</p> <p>Tradições religiosas orientais: Hinduísmo, Budismo e Confucionismo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Marcos essenciais da história das religiões; • Textos sagrados e princípios básicos da fé; • Calendário, rituais, espiritualidade e festas religiosas; • “Cidades santas” e locais de culto. • A diversidade no contexto da mesma fé. <p>Todos temos origem em Deus; a fraternidade</p>	<p>alunos (essa exploração continuará após a aula, devendo os alunos remeter posteriormente as tarefas propostas ao docente).</p> <p>Entrega de lembranças aos alunos.</p>	<p>Respeitador da diferença/do outro (A, B, D, E, F, H)</p>	<p>Computador Projetor</p> <p>Certificados Chocolates</p>	<p>5'</p>	
--	---	--	--	---	---	-----------	--

		<p>universal. O diálogo inter-religioso na construção da paz e do bem comum. Máximas elementares da humanidade, comuns às grandes tradições religiosas. Atitudes no diálogo inter-religioso. O relativismo e o fundamentalismo religioso: dois extremos a recusar. O conhecimento sobre as tradições religiosas cria as condições necessárias para a tomada de posição pessoal e o diálogo.</p>					
--	--	---	--	--	--	--	--

4. Síntese conclusiva

Ser educador é uma missão complexa, mais ainda quando se abraça uma área como a da EMRC. Numa sociedade crescentemente secularizada, a afirmação confessional torna-se desafiante, com mais ênfase em contexto escolar, quando erradamente ainda se vai ouvindo a apologia da escola laica. Contudo, a educação escolar tem a responsabilidade de fazer com que cada aluno cresça e desenvolva todas as suas dimensões enquanto pessoa humana. Neste sentido, a EMRC dota os seus alunos das competências que os ajudam a tomar consciência de si e dos outros, das suas capacidades e aptidões, levando-os a fazer escolhas livres, equilibradas e saudáveis, assentes em valores que defendem a dignidade da pessoa humana, atendendo sempre ao bem comum.

Ser professor de EMRC requer, mais que uma formação científica, teológica e pedagógica sólida, um modo de ser, estar e fazer, que prime pela diferença e pelo humanismo, revestindo a disciplina de EMRC de especificidades que a tornam, não um parente pobre no meio das outras disciplinas curriculares, mas um elo de ligação e de enriquecimento que beneficiam o projeto educativo das escolas.

Ao abordar a temática das religiões, procurou-se um olhar inclusivo e de braços abertos, para tantos que, na escola e fora dela, não são tratados como iguais devido à sua confissão religiosa. Numa ligação saudável e necessária entre ciência, sociedade e religião, é possível olhar para a pessoa humana como um todo, com direitos e deveres, com vulnerabilidades, com situações limite. E, aqui, o professor de EMRC é desafiado a fazer despontar nos seus alunos a preocupação com a criação e com o próximo, ensinando e vivendo essa mesma proximidade.

Cabe-nos tentar alterar o rumo que a disciplina está a tomar; pois mais que incentivar os alunos a matriculem-se em EMRC, devemos ser o rosto competente e profissional da EMRC, sempre no respeito pela diferença e pela liberdade religiosa, num verdadeiro pensamento inclusivo.

CONCLUSÃO

São João Crisóstomo disse uma vez que “Sínodo é uma palavra que significa Igreja”; hoje ousamos dizer que Igreja é uma palavra que significa Sínodo. É neste contexto sinodal que importa reconhecer e valorizar o papel dos jovens na comunidade eclesial e na sociedade como agentes de transformação. A sinodalidade configura a vida da Igreja como povo de Deus a caminho (missão) e como assembleia reunida à volta do Senhor (celebração). O processo de caminhar juntos (sinodalidade) para realizar o projeto de Deus, encarnando os valores do Reino em cada cultura, inclui estar juntos em assembleia/comunidade para celebrar o Senhor ressuscitado e discernir continuamente o que o Espírito Santo diz às Igrejas (Act 2-3) de todos os tempos. Na mentalidade e na prática que o Papa Francisco está a promover, o Sínodo é um momento histórico privilegiado de discernimento, que o povo de Deus faz, guiado pelo Espírito que o molda ao ritmo da mudança dos tempos. Assim, a Igreja segue o ritmo da vida, que é movimento e pausa, caminho e encontro, sinodalidade e sínodo. Hoje esta Igreja quer fazer uma pausa para rever a sua estrutura interna e a sua relação com o mundo, a partir da dinâmica da comunhão, participação e missão.

Francisco ensina que caminhar juntos é o caminho constitutivo da Igreja; a figura que nos permite interpretar a realidade com os olhos do coração de Deus; a condição para seguir o Senhor Jesus e ser servos da vida neste tempo ferido. O sopro e o ritmo do Sínodo mostram o que somos, e o dinamismo de comunhão que anima as nossas decisões; só assim poderemos renovar verdadeiramente o nosso ministério pastoral e adaptá-lo à missão da Igreja no mundo de hoje; só assim podemos enfrentar a complexidade deste tempo, gratos pelo caminho percorrido até aqui e determinados a continuá-lo com parrésia.

Existe uma grande preocupação com o processo sinodal. Essas preocupações são baseadas em diferentes expectativas e desejos. Por exemplo, muitos críticos argumentam abertamente que o processo sinodal foi estabelecido para minar o ensino e a autoridade estabelecidos na Igreja. Esses críticos acreditam que pedir uma ampla participação no processo, sem orientações suficientes sobre como delimitar essas contribuições, afetará diretamente os limites necessários da ortodoxia católica, confiada aos bispos (a hierarquia) como guardiões do *depositum fidei*. Afirmam também que existe o risco de prejudicar a doutrina e a prática sobre o primado de Pedro e, eventualmente, a colegialidade episcopal, questões que a teologia dogmática considera essenciais ao tema da única Igreja.

Sem deixar de ver a importância que estas matérias têm, no processo reflexivo em curso existem outras preocupações, que também parecem centrais para a identidade e missão da Igreja. A abordagem centro do processo sinodal visa incentivar um amplo diálogo ao longo de vários anos e formar uma nova dinâmica para a vida interior e missão exterior da Igreja (*modus vivendi e operandi*). A partir desta margem existencial e eclesial surge a necessidade de que as vozes das maiorias historicamente excluídas em temas eclesiais e sociais estejam melhor representadas, ao mesmo tempo que se sugere que essas pessoas marginalizadas tenham uma participação direta na tomada de decisões, na construção do pensamento doutrinário, na celebração litúrgica, enfim, na programação e execução da missão da Igreja; encontram-se nesta situação os jovens.

Alguns de nós, que temos acompanhado de perto alguns processos eclesiais durante o papado de Francisco, sabemos como foram difíceis as reuniões sinodais dos Bispos sobre a família, a juventude, a fé e as vocações e, mais recentemente, sobre a Amazônia. São conhecidos os debates e conflitos existentes nestes últimos anos, sobre aspetos do ensino e da disciplina tradicional da Igreja universal como, por exemplo, em questões de sexualidade humana, casamento, família, e até mesmo a ordenação sacramental. O que mudou é que algumas das propostas de reforma ou reformulação vêm agora da Santa Sé, da mesma Cátedra de São Pedro, e que a partir daí foram promovidas as discussões públicas e abertas sobre esses assuntos.

O *vademecum*, destinado a ajudar as dioceses a dar forma às suas próprias sessões sinodais, destaca que o caminho da sinodalidade procura tomar decisões pastorais que reflitam o máximo possível a vontade de Deus, baseando-as na voz viva do povo de Deus. Claramente, os documentos preparatórios para o Sínodo contêm alguns esforços para incorporar estes chamamentos na sua própria noção de “sinodalidade”. Na última Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe houve um pedido urgente para que as vozes das mulheres, dos jovens, dos pobres e das minorias étnicas sejam centrais neste discernimento eclesial da vontade de Deus para a Igreja deste tempo. Os documentos sinodais promovem ativamente o conceito do *Sensus Fidei*, assim articulado pelo Concílio Vaticano II na *Lumen Gentium*: “A totalidade dos fiéis que receberam a unção do Santo (cfr. Jo. 2, 20 e 27), não pode enganar-se na fé; e esta sua propriedade peculiar manifesta-se por meio do sentir sobrenatural da fé do povo todo, quando este, ‘desde os Bispos até ao último dos leigos fiéis’, manifesta consenso universal em matéria de fé e costumes.”⁸⁸ Os textos preparatórios do Sínodo mencionam aqueles que estão em risco de serem excluídos na elaboração deste

⁸⁸ Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (Vaticano, 21 de novembro de 1964), 12.

consenso universal e apelam à necessidade de um cuidado especial para incluir nas discussões sinodais católicos que raramente ou nunca praticam a sua fé. Na Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe foi expressamente solicitado que de todas as formas possíveis se incluam os jovens neste discernimento global da vontade de Deus para a Igreja do terceiro milénio.

Infelizmente, quando dizemos que enfrentamos o desafio pastoral de ouvir o grito dos pobres, excluídos e descartados, estamos a falar de olhar com urgência para crianças e jovens que hoje são, em muitas das nossas sociedades, sistematicamente vitimizados de forma cruel. A vitimização de crianças e jovens dentro da Igreja é um assunto que não pode ser deixado de lado nas discussões do Sínodo. Nunca seremos capazes de reconhecer e avaliar o papel dos jovens na comunidade eclesial e na sociedade como agentes de transformação se não agirmos estruturalmente para lhes dar uma hipótese de acesso à educação, ao trabalho digno, à alimentação e vestuário, ao lazer e à saúde; se não lhes dermos a oportunidade de participar ativamente em todos processos de tomada de decisão social e eclesial, em termos de equidade antropológica e teológica.

A Igreja deve encarnar-se continuamente no mundo dos jovens, para assumir com eles e a partir deles, em fidelidade à realidade e ao projeto do Reino, a causa da sua plena libertação e, a partir desta causa, a concretização de um projeto de sociedade justa, equitativa e livre, em que a vida, emanada de Deus, seja sustentável social e ambientalmente. Se realmente ousássemos hoje reconhecer e valorizar o protagonismo dos jovens na comunidade eclesial e na sociedade como agentes de transformação, então poderíamos concretizar a nossa opção para uma nova perspetiva histórica, de uma nova maneira de ver, conhecer, olhar a história e a realidade a partir dos interesses e das necessidades históricas, sociais e eclesiais desses mesmos jovens. Ouvi-los e reconhecê-los exige sair da zona de conforto a partir da qual construímos um conhecimento social e teológico, e que o validemos, incorporando sistematicamente as suas perspetivas, as suas intuições e as suas visões para uma nova sociedade e Igreja. Hoje é necessário que nos atrevamos a fazer uma rutura epistemológica e dogmática a partir da realidade da vida, a partir dos jovens.

Vivemos uma crise da civilização humana, uma civilização que esgotou a sua energia interna e chegou a um ponto de morte, e toda a vida está em risco. Vivemos uma crise profunda da civilização cristã e dentro dela do modelo eclesial católico; o modelo foi abalado a partir da sua contradição profundíssima – distanciamento progressivo do Evangelho. Vivemos também uma crise profunda no modelo de vida

consagrada. Ancorada no inverno eclesial, a vida consagrada deixou de falar aos jovens e às vezes a ela mesma. O desencanto, o conflito, a enfermidade, a busca de si mesma, a vida dupla, tornaram-se quotidianos.

A saída desta crise não virá dos grupos tradicionais de saber e de poder. Devemos ousar incorporar social e eclesialmente outras vozes e saberes, outras perspectivas e interpretações. No caso concreto da Igreja, a reforma eclesial só acontecerá se a hierarquia eclesiástica se atrever decididamente a ouvir a sabedoria historicamente excluída, a sabedoria das periferias existenciais e geográficas. Os jovens são capazes de sustentar criativamente, recriar profundamente e avivar estruturalmente a Igreja como instituição histórica em claro declínio.

O desafio do processo sinodal reclama que esta aproximação hermenêutica não seja opcional – deixada à deriva e dependente dos carismas ou opções pessoais – já que ela se refere a uma dimensão essencial da identidade e do caráter eclesial, como foi expresso nos itinerários teológicos do processo sinodal. Isto é o que parece fundamental no esboço teológico do processo sinodal, que inclui o diálogo aberto sobre a eclesiologia do povo de Deus, o *Sensus Fidei* – como acesso universal à verdade de Deus –, ou o consenso eclesial como resultado da escuta recíproca e do dismantelamento da estrutura eclesial clerical e clericalista.

Esperamos que o processo sinodal crie uma nova postura – *kairos* –, firme e inquebrantável, que marque a rutura da Igreja com uma história cheia de ambiguidade e contradição, e que marque também o sentido da sua vida, a sua visão e a sua missão como povo de Deus em caminho no nosso aqui e no nosso agora.

BIBLIOGRAFIA

- Alves, Maria Palmira Carlos. *Currículo e Avaliação. Uma perspectiva integrada*. Porto: Porto Editora, 2004.
- Anleo, Sánchez; González, Juan María. *Generación Selfie*. Madrid: PPC, 2015.
- Baumann, Zigmunt. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- Bellah, Robert. «Civil religion in America». *Daedalus* 134 (2005): 40-55.
- Borrás, Alphose. “Ecclesial synodality, participatory processes, and decision-making procedures: A Canonist’s point of view” in Faggioli, Massimo. *For a Missionary Reform of the Church: The Civiltà Cattolica Seminar*. Mahwah, NJ: Paulist Press, 2017.
- Carvalho, Adalberto Dias. *Ciências da Educação: um novo olhar epistemológico. Ciências da Educação em Portugal. Situações e Perspectivas*. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1991.
- Carvalho, Cristina Sá. «A experiência religiosa dos adolescentes». *Theologica* 45, 2.^a série, Fasc. 2 (2010): 411-433.
- Chaves, Mark. «Secularization as Declining Religious». *Social Forces* 72, nº 3 (1994): 749-774.
- Concílio Vaticano II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. Vaticano, 21 de novembro de 1964.
- Concílio Vaticano II. Declaração *Nostra Aetate*. Vaticano, 28 de outubro de 1965.
- Coutinho, José. *Religião em Portugal. Análise Sociológica*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2020.
- Delmazo, Caroline; Valente, Jonas. «Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques». *Media & Jornalismo* 18, nº 32 (2018): 155-169.
- Discurso do Papa Francisco aos participantes no Fórum Internacional dos Jovens. Vaticano, 22 de junho de 2019, acessado a 30 de outubro de 2022,

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190622_giovani.html.

- Dobbelaere, Karel. *Secularization: An Analysis at Three Levels*. Col. Gods, Humans and Religions, nº 1, Bruxelas: PIE - Peter Lang, 2002.
- Duque, Eduardo. *Os Jovens e a Religião na Sociedade Actual. Comportamentos, Crenças, Atitudes e Valores no Distrito de Braga*. Braga: Council of Europe, Secretaria de Estado da Juventude, Instituto Português da Juventude, 2007.
- Duque, Eduardo. *Atitude dos jovens portugueses face à religião*. Plataforma Barómetro Social do Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2013.
- Duque, Eduardo. *Mudanças culturais, mudanças religiosas. Perfis e tendências da religiosidade em Portugal numa perspectiva comparada*. Vila Nova de Famalicão: Editora Húmus, 2014.
- Duque, Eduardo; Pereira, Cícero; Vázquez, José. *Inserção profissional dos jovens de Braga*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2017.
- Duque, Eduardo; Durán Vázquez, José. «Quanto interessa a religião católica aos jovens? Um estudo a partir do caso português». *Revista Cultura & Religión* 14, nº 2 (2020): 17–35.
- Filho, Christovam Reis dos Santos; Costa, Otávio José Lemos. «Distanciamento social na perspectiva do sagrado: Coronavírus e as novas práticas espaciais». *Geografia* 45, nº 1 (2020): 141-162.
- Francisco. Exortação Apostólica *Evangelli Gaudium*. Vaticano, 24 de novembro de 2013.
- Francisco. Constituição Apostólica *Episcopalis communio*. Vaticano, 15 de setembro de 2018.
- Francisco. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*. Vaticano, 25 de março de 2019.
- Giner, Salvador. «Religión civil». *Claves* 11 (1991): 15-21.
- Humbrecht, Thierry-Dominique. *El Teatro de Dios. Discurso sin pretensiones sobre la elocuencia cristiana*. Salamanca: Editorial San Esteban, 2003.

- João Paulo II. Constituição Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*. Vaticano, 10 de novembro de 1994.
- Kasper, Walter. *Pope Francis' Revolution of Tenderness and Love: Theological and Pastoral Perspectives*. Nova Iorque: Paulist Press, 2015.
- Kinamann, David; Hawkins, Aly. *You Lost Me: Why young Christians are leaving Church... and rethinking faith*. Michigan: BakerBooks, 2011.
- Lima, Sandra; Pescarolo, Carina; Zagonel, Marina. «Há privacidade na sociedade da informação? Uma análise à luz do princípio da dignidade humana e das redes sociais». *Percurso* 1, nº 28 (2019): 156-182.
- Luckmann, T. «The old and the new in religion». Em: Bourdieu, P.; Coleman, J. S. (eds.), *Social theory for a changing society*. Nova Iorque: Westview Press, 1991.
- Mironova, Oksana, *et al.* «Social and psychological factors of youth involvement in religious and cult organizations through the Internet». 1st International Scientific Practical Conference “The Individual and Society in the Modern Geopolitical Environment” (ISMGE 2019). Atlantis Press, 2019, 481-487.
- Os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional - Documento final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. Vaticano, 27 de outubro de 2018.
- Pacheco, José Augusto. *Currículo: Teoria e Prática*. Porto: Porto Editora, 1996.
- Pacheco, José Augusto. *Estudos Curriculares. Para a compreensão crítica da educação*. Porto: Porto Editora, 2005.
- Pierre, Christophe. “Synodality and Pope Francis: The Church that Walks Together.” *The Jurist: Studies in Church Law and Ministry* 77, no. 1 (2021).
- Reiss, Dorit Rubinstein; Thomas, Madeline. «More than a Mask: Stay-at-Home Orders and Religious Freedom». *San Diego Law Review* 57, nº 4 (November-December 2020): 947-972.
- Sabaté Gauxachs, Alba, *et al.* «Mapping Global Youth and Religion. Big Data As Lens to Envision a Sustainable Development Future». *Tripodos* 48 (2020): 33-52.
- Taylor, Charles. *A Secular Age*. Cambridge: Belknap Press, 2018.
- Toffler, Alvin. *O Choque do Futuro*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1973.

- Velasco, Juan Martín. *El malestar religioso de nuestra cultura*. Madrid: San Pablo, 1998.
- Wohlrab-sahr, Monika; Buchardt, Marian. «Multiples Secularities: Toward a cultural sociology of secular modernities». *Comparative Sociology* 11 (2020): 875-909.
- Wolff, Elias. «Igreja Católica e Fé Cristã em Tempos de Coronavírus/Covid-19». *Estudos Teológicos* 60, n° 2: 627–648.



Concurso de Cultura Geral

Regulamento

O concurso JOKER DO CRISTIANISMO foi elaborado no âmbito da Unidade Letiva 2 – As Religiões, do 7.º ano de EMRC, sendo parte integrante da planificação de aula referente ao Cristianismo.

O presente Regulamento disciplina as condições de participação no Concurso JOKER DO CRISTIANISMO, o modo como o mesmo se desenrola, a forma de seleção do vencedor e a atribuição e entrega do prémio.

MECÂNICA DO CONCURSO

O concurso "JOKER DO CRISTIANISMO" consiste num teste de conhecimento em que os alunos terão de responder a um conjunto de 8 perguntas, cada uma acompanhada de 4 possíveis respostas. Apenas uma é a resposta certa. É imperativo que os alunos cheguem à 8ª e última pergunta para poderem ganhar um prémio. Os alunos têm 1 minuto para responder a cada questão.

Para os ajudar, os alunos dispõem de 7 jokers:

- Cada joker permite que eles eliminem uma das proposições de resposta incorretas e tenham 10 segundos de reflexão adicional.
- Para usar um joker, os alunos devem dizer “**Joker!**”.
- Os alunos podem usar os seus jokers como quiserem; por exemplo, na mesma pergunta, os alunos podem usar 0, 1, 2 ou 3 jokers. Usando 3 jokers na mesma pergunta, os alunos asseguram a resposta correta.

A cada resposta correta, os alunos sobem um nível na árvore dos pontos, composta da seguinte forma:

5000
2000
1000
500
200
100
50

Por outro lado, se a resposta estiver incorreta, os alunos perdem três jokers.

Se não tiverem mais jokers, então é na árvore dos pontos que os alunos perdem níveis.

Por exemplo:

- Se os alunos ainda tiverem 4 jokers e derem uma resposta errada, perdem 3 jokers e permanecem no mesmo nível na árvore dos pontos.
- Se os alunos ainda tiverem 3 jokers e derem uma resposta errada, perderão os seus 3 últimos jokers e permanecerão no mesmo nível na árvore dos pontos.
- Se os alunos tiverem apenas 2 jokers e derem uma resposta errada, perdem os seus últimos 2 jokers e caem um nível na árvore dos pontos.
- Se os alunos têm apenas um joker e dão uma resposta errada, perdem o seu último joker e caem dois níveis na árvore dos pontos.
- Se os alunos não tiverem mais nenhum joker e derem uma resposta errada, descem 3 níveis na árvore dos pontos.
- Se os alunos não responderem ou disserem “Joker!” fora do tempo permitido para a reflexão numa pergunta, então será considerada uma resposta errada.

Os alunos jogarão em pares com o colega do lado, e cada questão será respondida por um dos alunos do par, seguindo a ordem previamente indicada pelo professor.

RONDA BÓNUS

Ao fim de 3 perguntas, o aluno que se encontra a jogar tem acesso a uma Ronda Bónus. Nesta fase, o aluno tem 1 minuto ao seu dispor para colocar perguntas ao seu acompanhante. Estas perguntas têm apenas duas hipóteses de resposta. Graças ao acompanhante, o aluno pode ganhar até 2 Jokers:

Se o acompanhante responder corretamente a 5 perguntas, o aluno ganha um Joker.

Se o acompanhante responder corretamente a 10 perguntas, o concorrente ganha 2 Jokers.

O acompanhante terá de indicar a resposta que escolhe como certa. Só depois de o aluno ler as duas propostas de resposta é que o acompanhante poderá validar a opção que pretende. O aluno terá de ler as propostas, obrigatoriamente, da esquerda para a direita.

O aluno só pode passar para a pergunta seguinte depois de o acompanhante verbalizar a resposta.

A ronda Bónus regressa ao fim de mais 3 perguntas, permitindo ao aluno ganhar até mais 2 Jokers extra, para enfrentar as derradeiras 2 perguntas.

Esquema de perguntas/Ronda Bónus:

Pergunta 1 → Pergunta 2 → Pergunta 3 → **RONDA BÓNUS** → Pergunta 4 → Pergunta 5 → Pergunta 6 → **RONDA BÓNUS** → Pergunta 7 → Pergunta 8

O aluno tem ainda acesso a uma ajuda extra, o “Super Joker”, recorrendo, para tal, a um elemento do público. Para o efeito, o aluno deve dizer: “**Super Joker!**”.

SUPER JOKER

O aluno tem um acompanhante no público, que acompanha o concurso, ao mesmo tempo.

Quando acionado pelo aluno o Super Joker, este terá que designar quem é o Super Joker, e o acompanhante é convidado a aproximar-se do aluno para o ajudar na pergunta em curso.

Tal como nos 7 jokers principais, o uso da pessoa que o acompanha dará ao aluno 10 segundos de reflexão adicional ao tempo fixado para responder à pergunta.

O aluno pode então consultar a pessoa que o acompanha para tomar uma decisão quanto à resposta a escolher.

Como em qualquer outra questão, o aluno terá que escolher uma resposta para a pergunta antes que o tempo se esgote.

O Super Joker só pode ser utilizado uma vez durante o concurso, quando o aluno desejar, exceto durante a oitava e última pergunta. Este acompanhante poderá ser qualquer pessoa na sala, inclusive os professores.

Fora desta jogada, o aluno não está autorizado a comunicar sobre as questões com mais ninguém, exceto o seu par.

É imperativo que os alunos cheguem à 8ª e última pergunta antes de poderem ganhar um prémio.

A Virgem Maria era natural de...

Belém

Nazaré

O anjo que visitou Maria chamava-se...

Gabriel

Rafael

Jesus viveu a sua infância em...

Belém

Nazaré

"Emanuel" significa...

Deus e homem

Deus conosco

Jesus foi batizado por...

João Batista

João Evangelista

Os apóstolos que acompanhavam Jesus eram...

Dez

Doze

Jesus foi crucificado com...

dois ladrões

dois apóstolos

A crucifixão de Jesus realizou-se...

no Monte Calvário

no Monte Sinai

Jesus ressuscitou...

no domingo de Ramos

no domingo de Páscoa

O domingo de Pentecostes celebra-se...

40 dias depois da Páscoa

50 dias depois da Páscoa

Os Evangelistas eram...

três

quatro

Qual era o nome original de S. Paulo?

Simão

Saulo

Como morreu S. Pedro?

crucificado

decapitado

As primeiras comunidades cristãs refugiavam-se em...

catedrais

catacumbas

O cristianismo deixou de ser proibido por ordem do imperador...

Constantino

Nero

Para os cristãos, o dia sagrado é o...

sábado

domingo

O tempo que antecede o Natal chama-se...

Advento

Quaresma

O tempo de Quaresma começa com...

Quarta-feira de Cinzas

domingo de Ramos

Quantos são os sacramentos?

cinco

sete

O cristianismo está dividido em cristãos católicos, protestantes e...

ortodoxos

ortodônticos



50

100

200

500

1000

2000

5000

RELIGIÕES SÍNTESE	JUDAÍSMO	CRISTIANISMO	ISLÃO	HINDUÍSMO	BUDISMO
DEUS / DEUSES					
SÉCULO / PAÍS					
FUNDADOR					
LIVRO SAGRADO					
SÍMBOLOS					
DIA SAGRADO					
PRINCÍPIOS MORAIS					
FESTAS PRINCIPAIS					
TEMPLO					



AESAS



Obrigado, _____, por teres contribuído de forma ativa e empenhada para o bom funcionamento das aulas de EMRC relativas à Unidade Letiva 2 - As Religiões.

O professor

João Matos

*"Aqueles que passam por nós não vão sós.
Deixam um pouco de si, levam um pouco
de nós."*

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY